

estrangeiros; porque ate entaõ não lhe he de modo algum possível servir-se delle, nem por consequencia guarda-lo.

O abaixo assignado tem a honra, &c.

AUG. DE CABRE.

No. XVI.

CARTA

De Sua Excellencia o Baraõ d'Engestrom a Mr. de Cabre, em data de 23 de Dezembro 1812.

Recebi a carta, que vos me dirigistes, Senhor, em data de 21 deste mez, que foi immediatamente posta na prezença do Rey, e S. M. me encarrega de vos repetir novamente, que vossa prezença em Stockholmo não pode ser tolerada por mais tempo. Tendo ja cessado vosso character diplomatico, vos estaes, Senhor, na cathogoria de todos os estrangeiros, e consequentemente sujeito a executar as ordens que a policia podera expedir-vos. O grande Governador, que tem recebido a vosso respeito informaçoes pouco favoraveis, recebeu ordem de vos fazer sahir da capital dentro em 24 horas. Hum commissario de policia vos acompanhará ate á fronteira; e deste modo não tereis precizaõ dos passaportes, que vos me tendes enviado*.

BARAÕ DE ENGESTROM.

No. XVII.

RESPOSTA

De M. de Cabre em data da 23 de Dezembro de 1812.

Recebo neste instante a carta que me escrevestes hoje, na qual Vossa Excellencia annunciando-me pela primeira vez que—"minhas funcões diplomaticas cessarã—me "previne ao mesmo tempo, que eu fico sujeito ás ordens

* Em consequencia da resposta de M. de Cabre a esta carta de Sua Excellencia o Baraõ d'Engestrom, foraõ-lhe restituídos seus passaportes, e o Commissario de Policia não foi mandado com elle. Obteve licença de ficar tres dias em Stockolmo, donde partio a 27 de Dezembro.

da policia, e que o Governador recebêra suas instrucções para me fazer conduzir á fronteira.”

Esta determinação do Governo Sueco, e a maneira com que ella me he communicada me parecem mais que bastantes para me justificar perante a minha Corte abandonando o posto que eu preenchi com honra, durante mais de hum anno junto de S. M. El Rey de Suecia. Rogo em consequencia a V. Excellencia que me envie meos passaportes, de que me aproveitarei o mais breve possivel.

Tenho a honra, &c.

AUG. DE CABRE.

FRANCA.

CONTA

Sobre a situação do Imperio, apresentada ao Corpo Legislativo na Cessão de 23 de Fevereiro, por S. Excellencia o Conde de Montalivet, Ministro do Interior.

(Continuada da pag. 410.)

CAPITULO III.

DO COMMERCIO.

O Commercio de hum Imperio que conta mais de sete mil milhoens de francos em productos annuaes, sem entrar em consideração tantos outros valores reaes, ou ficticios que os calculadores em economia politica fazem entrar em suas apreciações, he necessariamente immenso.

Se nos tivessesmos procurado valores puramente commerciaes, nossos calculos, eu não receio dizê-lo, se terião elevado a dez mil milhoens.

O fim do Commercio he pôr, e ter sempre ao alcance do consumidor os objectos de suas necessidades, ou de seus gostos.

O commercio deve pois dirigir sua principal actividade para os paizes em que se achaõ o maior numero de manufacturas, e o maior numero de consumidores.

Quando hum Imperio tem huma grande extensaõ, hum bello terreno, e huma grande populaçaõ, he em seu seio necessariamente que existem os elementos do seu mais importante commercio.

Em 1789, hum dos annos em que o commercio exterior da França foi o mais consideravel, elle montou somente a 57 milhoens, em exportaçõens, e a 400 em importaçoens; porque he preciso naõ contar, como importaçoens, os 236 milhoens, que nos recebiamos de nossas colonias, que nesse tempo faziaõ parte integrante da França.

Deve-se deduzir das importaçoens o numerario, que he o pagamento feito pelo estrangeiro de algumas de nossas exportaçõens.

Tirando 55 milhoens d'especies d'oiro, e prata, as importaçoens para França naõ eraõ realmente, em 1789, senaõ de 345 milhoens: as exportaçõens eraõ de 357 milhoens: he hum commercio de quasi 360 milhoens, ou se considere o commercio activo, ou se considere o passivo Elle naõ era a decima quinta parte de nosso commercio interior.

Comparemos nosso commercio exterior, naquella epoca, com o que elle he hoje.

Eu considerarei nossas colonias como fazendo parte da França, e nosso commercio com ellas como anteriormente.

Em 1788, as exportaçõens subiraõ a	-	-	365,000,000
As importaçoens a 545 milhoens, dos quaes 55 milhoens em numerario, o que as reduz a	-	-	290,000,000
As exportaçõens excederaõ pois	-	-	75,000,000
Nos acabamos de ver que em 1789 tendo as importaçoens sido mais consideraveis do que em 1788, o excedente das exportaçõens tinha sido somente de	-	-	12,000,000
Em 1810, as exportaçõens subiraõ a	-	-	376,000,000
As importaçoens foraõ de 384 milhoens, das quaes tirando 48 milhoens em especies de oiro, e prata ficaõ reduzidas a	-	-	336,000,000
Beneficio das exportaçõens	-	-	40,000,000

Em 1811 nossas exportações su- biraõ a - - -	328,000,000
Nossas importações, não compre- hendendo 146 milhoens de nu- merario, foraõ - - -	298,000,000
As exportações pois excederaõ as importações	30,000,000
Em 1812 a somma das exporta- ções montou a - - -	383,000,000
A das importações não compre- hendendo 93,000,000 de nume- rario - - -	257,000,000
Foi o excedente de nossas exportações	126,000,000
Em 1812 a exportação dos productos de nosso territorio excedeo pois as maiores sommas a que n'outras epocas tinha subido.	

As importações, pelo contrario, tem ido sempre em di-
minuição: ellas são hoje menores do que em 1790.

A balança do commercio, que, em 1788, epoca antiga a
mais favoravel, era somente de 75 milhoens em vantagem de
nossas exportações, he hoje de 126 milhoens.

O anno medio das importações em numerario nos tres
annos que precederaõ a revolução, feita a deducção das ex-
portações, he de 65,000,000: o anno medio he hoje de
110,000,000.

Na somma antiga de nossas exportações entrava hum
valor de 168 milhoens, proveniente da parte das produc-
ções de nossas colonias, que nos vendiamos aos estrangeiros:
parecé pois que ella tem sido hoje substituida por hum igual
valor de produções de nosso territorio continental, e de
nossa industria: mas considerando nossas colonias como
parte integrante do reino em 1789, nos não temos contado
nas exportações os 95 milhoens, que lhes davamos naquella
epoca em produções de nosso terreno Europeo: por tanto
somente os 75 milhoens que formaõ a differença destas duas
sommas he que se devem dar de mais aos outros Estados
para compensar somente o que nos lhes forneciamos outrora
em generos colonias.

Na somma das importações da epoca actual eu acho
todo o valor dos generos colonias, que hoje tiramos do
estrangeiro, e que n'outro tempo nos forneciaõ nossas co-
lonias; parece pois que as importações, em lugar de dimi-
nuir, deviriaõ ter augmentado ao menos pelo valor destes
generos:

O valor destes generos introduzidos he de	252,000,000
O valor destes generos exportados he de	168,000,000
Differença - - -	84,000,000

Se nos indagamos qual era nossa antiga situação com os paizes, unidos depois a França, achamos que estes Estados recebiam de nós - - - 146,000,000
 Que nos recebiamos delles - - - 70,000,000
 Consequentemente nossa vantagem de exporta-

ções para com elles outrora era - 76,000,000
 e sua uniao, fazendo de nossas relações com elles huma parte de nosso commercio interno, parece que, considerando somente suas relações com a França deveria reduzir consideravelmente assim nossas exportações actuaes, como a balança a favor destas exportações, que, pelo contrario, se tem annualmente melhorado.

Se calculos positivos não tivessem provado quanto as produções de nosso solo, e de nossa industria se tem augmentado, nos achariamos esta prova na comparação dos resultados de nosso commercio externo em diferentes epochas.

Nos introduzimos muito menos materias primeiras, nos exportamos muitos mais objectos manufacturados.

Procurando reconhecer as causas do augmento de nossas manufacturas, e de nosso commercio continental; ve-se huma administração vigilante e esclarecida occupar-se incessantemente da situação de nossos diversos generos de industria, variar as tarifas dos direitos de entrada, e de sahida, afastar por meio de prohibições, por hum systema de alfandegas, que guarda effectivamente nossas fronteiras, a concorrência que poderia suspender o avanço de nossas manufacturas; porque ellas conservão deste modo a primazia importante que lhe dá o consumo de hum Imperio povoado por 42 milhoens de habitantes: ellas fornecem com vantagem nossos mercados, e os do estrangeiro.

Leis simples, e uniformes previnem todas as discussões, tornaõ as transacções, seguras, e e faceis: o commercio acha por toda a parte a mesma liberdade, a mesma protecção: estradas commodas, numerosos canaes asseguraõ, e abreviaõ os transportes: de Hespanha a Hollanda, e a Hamburgo; de Roma a Brest, circulaõ livremente as maiores carretas: Amsterdam, e Marseille communicã-se pelos canaes de St. Quintin, e do centro: a navegação dos rios grandes e pequenos está aperfeiçoada; ella he entretida por trabalhos diarios.

A Inglaterra tem *desnacionalizado*, por suas ordens do conselho todas as bandeiras. Mais neutros, mais communições maritimas regulares; esta epocha devia ser critica; a Inglaterra fazia conta com ella; mas a vigilancia, habilitade, e energia de nosso Governo soube-a converter n'huma epocha de melhoramentos, e depois de 1806 he que nossa industria tem feito os maiores progressos.

Se a America, ou qualquer outra potencia podesse reconhecer a independencia de sua bandeira, e o principio consagrado pelo tratado de Utrecht, que a bandeira cobre a mercadoria, nossos portos seriaõ abertos a taes neutros, e nosso commercio teria novos augmentos.

Mas chegara ao mais alto grão de prosperidade, quando debaixo de hum Governo tal como o nosso, com todas as riquezas do nosso territorio, toda a actividade de nossas manufacturas, nos mesmos gozarmos daquella paz que todo o mundo dezeja, daquella paz honroza, e segura, que dará á industria humana todo o seu dezenvolvimento.

A' situação territorial que eu acabo de expor he que nos devemos o estado de nossas finanças, o gozo do melhor systema moedario da Europa, a auzencia de todo o papel moeda, huma divida reduzida ao que ella deve ser para a precizaõ dos capitalistas: he huma tal situação, senhores, que nos permite fazer frente, a hum mesmo tempo, a huma guerra maritima, e a duas guerras continentaes, que nos permite ter constantemente 900,000 homens em armas, entreter 100,000 homens em marinheiros, e equipagens maritimas, ter cem náos de linha, e outras tantas fragatas promptas, e em construcção, e despender todos os annos 120 a 150 milhoens em trabalhos publicos.

CAPITULO IV.

OBRAS PUBLICAS

Desde a subida de S. M. ao throno Imperial tem-se despendido.

Nos Palacios Imperiaes, e Cazas da Coroa	62,000,000
Nas fortificaçoens - - -	144,000,000
Nos Portos maritimos - - -	117,000,000
Nas estradas - - -	277,000,000
Nas pontes - - -	31,000,000
Nos canaes, navegação, e seccamentos	123,000,000
Nos trabalhos de Paris - - -	102,000,000
Nos Edificios Publicos dos Departamentos, e Cidades principaes - - -	149,000,000
Total - - -	1,005,000,000

PALACIOS IMPERIAES, E TRABALHOS DA COROA.

Os Palacios Imperiaes tem sido restabelecidos, e augmentados.

O Louvre custou 50,000,000 de francos, comprehendendo nesta somma o valor das cazas abatidas : despendeo-se nelle 21,400,000 francos.

As Tuilleries foraõ desafrontadas de todas as cazas, que obstruiaõ as suas avenidas: o plano regular deste Palacio, e de seos jardins está inteiramente executado : tem-se ali empregado 6,700,000 francos.

O Palacio do Rey de Roma he fundado em frente da ponte de Jena. A epoca de sua construcção fara delle hum monumento historico. Os projectos saõ de 20 milhoens : a preparação do terreno custou a somma de 2,500,000 francos.

Repara-se Versailles, onde se tem ja despendido 5,200,000 francos.

A maquina de Marly, que lhe fornece aguas será substituida por huma bomba de fogo ; a despeza será de 3,000,000 : os trabalhos ja feitos tem custado 2,500,000 francos.

Fontainebleau, e Compiègne estaõ restaurados ; seos interiores foraõ inteiramente renovados, replantados seos jardins : tem-se ali despendido 10,600,000 francos.

Os Palacios de S. Cloud, de Trianon, de Rambouillet, de Stupinis, de Laken, de Strasbourg, de Roma tem feito de despeza 10,800,000 francos.

Os diamantes da Coroa empenhados na epoca de nossas revoluçoens foraõ resgatados ; tem se feito acqiziçoens para os completar.

Al alfaias da coroa, que segundo os estatutos devem ser de 30 milhoens, foraõ igualmente completadas.

Empregaraõ-se 30 milhoens em quadros, em estatuas, em objectos d' Artes, e d' antiguidades, que se juntáraõ á immensa collecção do *Museo Napoleaõ*.

T'odas estas despezas foraõ tiradas dos fundos da Coroa, e do dominio extraordinario.

OBRAS MILITARES.

O cuidado de assegurar nossas fronteiras não se tem perdido de vista hum só momento.

Grandes trabalhos consolidáraõ o systema de defenza do Helder que he a chave da Hollanda. Sua despeza foi de 4,800,000 francos.

Esta Praça pode de hoje em diante ser considerada como

inatacavel. Os fortes Lasalle, da Ecluzza, Duquesne, e Morland, que defendem a entrada do Zuyderzée, e o posto do Texel, podem defender-se durante 60 dias de trincheira aberta. Neste anno adquirirão os 90 dias de resistencia, que devem ter. Se estes trabalhos tivessem sido feitos, ha quinze annos, a Hollanda não teria perdido duas Armadas.

Durante que se augmentava o ancoradouro de Anvers, esta praça recebia hum augmento de forças proporcionada á importancia do depositò, que lhe devia ser confiado; os trabalhos feitos sobem ja a 4,800,000. Hoje he huma das nossas praças mais fortes; os professores da Arte poem-a na mesma ordem que Strasbourgo e Metz.

Flessinga tem sido objecto dos cuidados de nossos Engenheiros desde 1809: nos temos alli despendido 11,300,000 francos. Os fortes Montebello, Saint-Hilaire, Lacoste, les Quatre Couronnes, fazem, segundo o juizo dos entendedores, com que esta praça possa resistir 100 dias de trincheira aberta. Ha nella casamatas para estarem mais de 6,000 homens abrigados das bombas. Em 1809 nada disso alli havia.

Ostende recebeo grandes melhoramentos. Construirão-se dois fortes de pedra sobre as dunas; sua despeza montou a 4,000,000.

O porto de Cherbourg esta prezentemente encerrado em hum vasto recinto que huma despeza de 3,700,000 francos poz em estado de sustentar hum sitio. Completarão-se, no principio deste anno, quatro fortes sobre as suas alturas. Em seu estado actual, esta praça pode sustentar 30 dias de trincheira; e, dentro de hum anno, podera sustentar 90.

Brest, Belle-Isle, Quiberon, la Rochelle, foraõ melhorados; elevão-se novos fortes na *Ilha d'Aix—Isle d'Oleron*, na embocadura de *la Gironde, Toulon*, nas ilhas *d'Hieres*, em *Spezzia*, e em *Porto-Ferrajo*.

A força de *Corfou* augmenta annualmente; campos entrincheirados cobrem a praça.

Do lado de terra nossa linha de defenza do Rhin recebeo em toda a sua extensaõ hum novo augmento. Kehl esta acabado; as obras que se tem feito em Cassel, e Moguncia tem custado 5,700,000 francos; as que se tem construido em Julieres tem emportado em 3,800,000; e as que se tem feito em Wesel, em 4,700,000.

Finalmente, os trabalhos d'*Alexandria*, em que se tem despendido 25,000,000 tem continuado a receber os mesmos melhoramentos.

As praças de menor importancia receberão todas os fundos

que suas precizoens reclamavaõ; sua despeza montou a a 71,000,000 de francos.

OBRAS DA MARINHA, E PORTOS.

Os vastos projectos que Sua Magestade tem adoptado para o estabelecimento de Cherbourgo, sobem a 73 milhoens. Hum porto aberto na rocha, de profundidade de 28 pez abaixo do nivel das baixas marê, receberá n'alguns mezes nossos navios d'alto bordo: desponderaõ-se ja 26 milhoens. O dique, que tornará o ancoradoiro taõ seguro contra os ataques do inimigo, como contra a acção das tempestades, e todos os edificios necessarios para o estabelecimento de hum grande porto estaraõ concluidos antes de dez annos.

Anvers nao tinha estabelecimento algum maritimo: esta cidade tem hoje hum arsenal, em que se estaõ construindo a hum mesmo tempo vinte náos de linha, e hum ancoradoiro onde está ancorada toda a nossa frota. De hoje em diante quarenta e duas náos de linha achariaõ alli hum azilo commodo, e seguro. Estes trabalhos tem custado 18 milhoens.

O porto de Flessinga está restabelecido: com huma despeza de 560,000 francos reconstruiraõ-se os caes, e os armazens: o pavimento da eclusa, rebaixado quatro pez, deo ao ancoradoiro a vantagem, que elle nunca teve, de receber navios da primeira ordem. Podem entrar, ou sahir seis navios em huma maré.

A natureza indicou o Niew-Diepp para ser o arsenal, o estaleiro, e o porto da Hollanda; mas cercado de máos diques, privado de caes, elle offerecia aos navios hum ancoradoiro mal seguro. Já se despenderaõ alli 1,500,000 francos. Hoje poderiaõ amarrar-se 25 náos de linha no caes, e estar alli em segurança. Os trabalhos de Niew Diepp estaraõ concluidos em tres annos.

O porto do Havre raras vezes era accessivel a fragatas; hum banco de cascalho incessantemente se renovava na entrada do canal: contruio-se alli huma eclusa de *chasse*: a passagem mantem se livre; continuaõ-se os caes, e ancoradoiros; o montante das despezas ja feitas nestas obras he de 6,300,000 francos. Todas as construcçoens estaraõ concluidas em dois annos.

Huma consideravel parte do territorio, que cobre a cidade de Dunkerque era huma lagoa; seu porto estava entulhado. Destinaraõ-se cinco milhoens para construir huma eclusa na extremidade do canal, e para assegurar o escoamento das agoas da lagoa. Desponderaõ-se ja 4,500,000 francos; 500,000 acabaraõ as obras antes do fim do anno.

As obras do canal de Ostende tinham feito grandes progressos: tinha havido huma longa negligencia em todas as partes do porto; a bella eclusa de Slikens tinha necessidade de ser restabelecida; tem se despendido nestes trabalhos 3,600,000 francos. A construcção de huma eclusa de chasse assegura a livre navegação do canal.

O porto de Marseille, ja muito estreito, tornava-se insufficiente pela accumulacão dos lódos; tem-se alli despendido 1,500,000 francos. O estado deste porto he hoje satisfactorio; em poucos annos se terminará a execucao do projecto de seu engrandecimento, pela construcção de hum ancoradouro de carenar, e pela renovação de diversos caes.

Alem dos grandes projectos de que acabo de fallar, distribuirão-se 50 milhoens pelos estabelecimentos marítimos de Brest, Rochefort, Toulon, Genova, Spezzia, Dieppe, Calais, St. Valery, Bayonna, e por esse grande numero de portos menos consideraveis, que cobrem todas as nossas costas.

ESTRADAS.

As estradas mais importantes são aquellas, que, abrindo as passagens dos Alpes e dos Apeninos, unem a França a todas as partes da Italia; e aquellas, que nos approximaão da Hespanha, Hollanda, cidades Anseaticas, e do centro de Alemanha.

Nos Alpes a estrada de Paris a Milam pelo Simplon: a de Paris a Turin pela Maurienne* e Monte-Cenis; a da Hespanha para Italia pelo Monte-Genevre, estão inteiramente abertas: os mairos carros, coches, &c. circulaõ sem interrupção, e com a maior facilidade (sem atar as rodas nos profundos valles) pelas elevadas gargantas dessas montanhas, onde ate hoje veredas, impraticaveis n'huma parte do anno, offereciaõ apenas hum caminho perigozo aos que por alli passavaõ a pé, e ás bestas de carga. Estas estradas tem ja custado 22.400,000 francos: os projectos geraes subiaõ a 30.600,000 francos; a construcção dos hospicios, e alguns aperfeiçoamentos absorveraõ os 8,200,000 francos, que restaõ para despende.

Na estrada de Lyaõ para Genova pelo Lanteres tem-se ja gasto 1,800,000, dos 3,500,000 francos que ella deve custar.

A de Cezanne para Fenestrelles pela garganta de Festrieres será o complemento da precedente: em 1813 estará acabada; seu custo subira a 1,800,000 francos, dos quaes se gastáraõ ja 800,000.

* Cantão da Saboia. Os Redactores.

A estrada de Nice para Genova custará 15,500,000 francos ; o emprego de 6,500,000 francos estabeleceu ja a communicacão de Nice para Ventimiglia, e de Savonna para Genova. Os 9.000,000 que restaõ para despender concluirãõ esta estrada, a qual conduzira de Marselha para Roma, sem se afastar de hum clima doce, e temperado.

Nos Apeninos está aberta a estrada de Sayonna para Alexandria. O projecto geral he de 4,000,000 ; ja despenderãõ 2,600,000 francos. Estaõ-se construindo as estradas de Porto Mauricio para Ceva, a de Genova para Alexandria pela garganta de Gievi, a de Genova para Placenza, a de Spezzia para Parma, communicando todas das bordas do mar para o interior de nossos departamentos Italianos ; os projectos juntos montãõ a 13,600,000 francos : os trabalhos ja feitos importãõ em 3,000,000 de francos. No fim deste anno ir-se-ha de Spezzia para Parma.

Nãõ havia estrada alguma de Bourdeaux para Bayonna : os areas de Landes nãõ se podião atravessar sem grande trabalho, e demoras incalculaveis. Destinaraõ-se 8,000,000 de francos para construir huma estrada calçada ; ja se despenderãõ nesta obra 4,200,000 francos ; em 1814 estarã concluida ; e ja hoje o estaria, se mais cedo se tivesse descoberto os estrados de pedreneira que asseguraõ a boa, e solida construcão daquella estrada.

D'Anvers para Amsterdam, grandes areas, e lagoas cortadas por diques, e fossos, tornavaõ as communicacões lentas, e difficeis, quando nãõ inteiramente interceptadas : ja estaõ calçados dois terços da estrada, que he preciso abrir, e em 1813 estara finda. De 6,500,000 francos que ella deve gastar, despenderãõ-se ja 4,300,000.

A estrada de Wesel para Hamburgo nãõ existia, ha tres annos ; ella está inteiranamente aberta, e acabada em muitos pontos : ella custara 9,800,000 francos dos quaes se gastãõ ja nas obras feitas 6,000,000. De Maestricht a Wesel nãõ estava traçado algum caminho constante nos areas : acha-se ja construida huma estradã que importou em 2,100,000 francos.

A estrada de Paris para Alemanha estava apenas começada entre Metz, e Moguncia ; cinco milhoens a tornãõ huma das mais bellas estradas do Imperio.

Alem destas despezas, tem-se empregado, há nove annos a esta parte, 219 milhoens, nesse grande numero de estradas, que atravessãõ o Imperio em todas as direcções, e cujo estado annualmente se melhora.

PONTES.

Tem-se empregado 12 milhoens na construcção das pontes, inteiramente acabadas, de Verceil, e de Tartona, sobre os rios Sesia, e Scrivia, de Tours sobre o Loire, de Lyaõ sobre o Saone junto do Arcebispado; e na de todas as pontes da estrada de Lyaõ para Marselha tao incerta outrora pelas ribeiras, e correntes que a cortão.

Estaõ-se construindo duas grandes pontes em nossos departamentos transalpinos; a de Turin sobre o Pó, em que se tem ja despendido 1,850,000 francos, e que deve custar 3,500,000; e a ponte d'Ardissone sobre o Doire, que ficará concluida este anno. Seu custo total montará a 1,100,000; tem-se ja despendido 820,000 francos.

Hum arco, e muitos pilares da ponte de Bordeaux ja construidos affianção hum completo successo desta empresa. Já se despenderaõ nesta obra 1,100,000. Esta ponte considerada outrora como impossivel, custara 6,000,000 de francos.

A ponte de Rouen custará, com o cais que he preciso renovar 5,000,000: ja se despenderaõ 800,000 francos.

A ponte de pedra de Roanne na estrada de Paris para Lyaõ, custou ja 1,500,000 francos; concluir-se-ha com 900,000 francos.

Empregarão-se 12 milhoens em pontes menos importantes.

CANAES.

As communicações por agua tornaõ os transportes muito menos despendiosos: ellas permittem o transportar facilmente grandes massas: estas communicações são importantes principalmente para o abastecimento dos paizes, e cidades em que se acha reunida huma grande população, e para o transporte das materias primeiras, cujo pezo, ou volume tornaõ os transportes difficeis por terra. Ellas são importantes pela vida que espalhão pelas estradas interiores, por onde passãõ ligando entre si os portos de nossos differentes mares.

O canal de St. Quentin unio o Rhodano com o Escalda, Anvers e Marselha, e fez de Paris o centro desta grande communicação. Sua construcção custou 11,000,000. A navegação deste canal, subterraneo em tres leguas de seu curso, esta inteiramente aberta. Nos primeiros oito mezes do anno de 1812—756 bateis carregados de carvão, e 231

carregados de trigo, seguirão esta nova derrota, que os outros ramos de commercio tem da mesma sorte frequentado.

O canal de la Somme que se hade juntar com o de Saint-Quintin no porto de Saint-Vallery, custará 5 milhoens; as despezas feitas nesta obra sobem a 1,200,000 francos.

O canal de Mons para Condé, que facilitará a importação, e venda do carvão das ricas minas de Jemmappe para o Escalda, custará 5 milhoens, tres dos quaes ja estão despendidos nesta obra.

Tem-se construido numerozas esclusas para aperfeiçoar a navegação do Sena, do Aube, e do Marne. Continua-se este melhoramento, cujo projecto sobe a 15 milhoens, seis dos quaes ja estão empregados. Entre as esclusas construidas a da ponte do Arche he notavel por suas grandes dimensoens.

O canal Napoleão estará concluido em 4 annos: elle unira o Rhodano com o Rhin: custará 17 milhoens; despenderao-se ja 10,500,000 francos; os fundos para os 6,500,000, que restaõ, estão creados, e seguros.

O canal de Bourgonha, communicação importante entre o Saone, e o Loire, entre o canal Napoleão, e Paris, custará 24 milhoens; ate o fim de 1812 despenderao-se nelle 6,800,000 francos; os 17,000,000 de obras que restaõ para fazer, tem fundos especiaes, e ficaraõ concluidas em 10 annos.

Bem depressa se communicara de St. Malo com a foz do Vilaine sem dobrar a Bretanha. O canal de la Rame estará findo em dois annos: custara 8,000,000, dos quaes se gastá-raõ ja 5 milhoens.

O Blavet foi encanado: a navegação da nova Cidade de Napoleão (Pontivy) está em actividade: 500,000 francos que faltaõ para despende, formaraõ com os 2,800,000 ja despendidos 3,300,000 francos, calculo total do projecto.

Os trabalhos do canal de Nantes para Brest acaba de ser começado: elles custaraõ 28,000,000; a despeza ja alli feita sobe a 1,200,000 francos.

O canal de Niort para Rochelle, util assim ao desseccamento de hum contorno assas extenso, como á navegação, custara 9,000,000; nos trabalhos ja feitos tem-se gasto 1,500,000.

Iguaes vantagens devem rezultar da execução do canal d'Arles. Com o porto de Bouc em que elle termina, custará 8,500,000 francos: a despeza ja feita monta a 3,800,000 francos.

Deve-se estabelecer huma navegação commoda por todo o valle do Cher por meio de hum canal: elle approxi-

mará ao Loire minas de Carvão de pedra, e bosques de difficil extracção, e corte.

DESSECCAMENTOS.

Os principaes desseccamentos emprehendidos pelo Governo são os de Rochefort e do Cotentin: os projectos são de 11,500,000 francos. Os trabalhos ja feitos tem custado 5,600,000 francos. Rochfort principalmente tem colhido grandes vantagens.

Restabelecerão-se os diques do Escalda, e de Blanckenbourg em que se gastou 5,800,000 francos. Os do Pó custarão hum milhaõ. Os diques protegem paizes inteiros contra a invazaõ do mar, ou dos rios.

A peninsula de Perrache, que se tinha destinado para o engrandecimento de Lyaõ, era coberta pelas aguas do Saone. A execuçaõ de hum projecto que hade custar 4 milhoens, a livrará deste inconveniente: ja se despenderão dois milhoens na construcção de hum dique, e no começo do alteamento do terreno.

Alem do 67 milhoens empregados nos trabalhos que acabo de enumerar, repartirão-se 35 milhoens para numerosas emprezas.

OBRAS DE PARIS.

Faltava nos diversos bairros da Capital agua circulante, praças, mercados, meios de ordem, e de policia para algumas das principaes necessidades de seu consumo.

Os ribeiros de Beuvronne, de Therouenne, e d'Ourcq serão encanados para Paris: o primeiro ja o está; tres fontes principaes derramaõ continuamente suas abundantes aguas, e 60 fontes secundarias as distribuem.

A uniaõ das aguas conduzidas a Paris alimentará o canal do Ourcq acabado em quasi todo o seu curso ate á bahia de la Villette. Desta baliha hum ramo ja aberto unira o canal do Ourcq com o Sena em St. Denis. Outro ramo o unira ao Sena junto da ponte de Austrelitz.

Estas obras custarão 38,000,000 de francos: ellas ficarão concluidas em cinco annos: a despeza das obras ja feitas monta a 19,500,000 francos. A cidade de Paris fornece o necessário para estas despezas do producto do seu *Octroi*.

Cinco vastos edificios serão destinados para receber, na sua introducção em Paris, todos os animaes precizos para o seu consumo. Sua construcção custará 13,500,000 francos: ametade desta somma está ja despendida.

Huma praça de grandeza sufficiente para obrigar 200,000 pipas de vinho, ou d'agua ardente custara 12,000,000 de francos. O commercio goza de huma parte desta praça: a despeza ja feita sobe a 4,000,000.

A cupola do mercado de graons acaba de ser reconstruida de ferro: custou 800,000 francos.

Huma praça para comestiveis occupará todo o espaço que se acha entre o mercado dos Innocentes, e a praça dos graons: ella custará 12,000,000: gastaraõ-se 2,600,000 francos no pagamento das cazas que se demoliraõ.

Todos os mais bairros de Paris teraõ seos mercados particulares. As construcçoens ja feitas sobem a 4 milhoens: são necessarios 8,500,000 francos para a execuçaõ do projecto geral.

Os 46,800,000 francos, que hade custar á Cidade de Paris a execuçaõ das praças, e mercados, lhe produziraõ huma renda de perto de 3,000,000, sem gravar os generos com algum novo imposto. Os preços de locaçãõ, que o commercio de comestiveis hade pagar, seraõ inferiores ao que lhe custa no estado actual das coizas.

A construcçaõ dos celleiros de reserva, a dos moinhos, e armazaens de St. Maur, completaraõ o systema dos edificios relativo aos provimentos de Paris.

Os celleiros de reserva são hum objecto de 8,000,000: tem-se ja despendido com elles 2,300,000 francos.

Os moinhos, e armazaens de St. Maur custaraõ huma igual somma de 8,000,000. Os trabalhos ja feitos importaõ em hum milhaõ.

As pontes d'Austrelitz, das Artes, de Jena, unem os bairros de Paris separados pelo Sena; nestas obras tem-se ja despendido 8,700,000 francos. A ponte de Jena exige ainda 1,400,000 francos de despezas accessorias.

Tem-se ja empregado 11,000,000 na construcçaõ dos Caes: com huma despeza de quatro milhoens mais ficaraõ concluidos, sem interrupçaõ, nas duas margens do Sena.

Estabelecem se cinco novos Lyceos: tem-se despendido 500,000 em aquiziçoens. A despeza total será de 5,000,000.

A Igreja de St. Genevieve, a de St. Denis, o Palacio do Arcebispaado, e Metropole estao restaurados. Dos 7,500,000 destinados para estes edificios, ja se despenderao 6,700,000 francos. 800,000 francos terminaraõ, este anno, todos os trabalhos.

Estaõ se construindo Palacios para o ministerio das relaçoens exteriores e administraçaõ das postas: os alicerces estaõ acabados: custaraõ 2,800,000 francos. 9,200,000 francos formao o complemento dos projectos.

Hum Palacio em que se depositaraõ os archivos geraes do

Imperio, custará 20,000,000. Já se despendeo hum milhao em diversas provizoens.

A fachada do Corpo Legislativo, a columna da Praça de Vendome, o Templo da gloria, a Praça do Commercio, o Obelisco da Ponte-Nova, o Arco de triumpho da Estrella, a fonte da Bastilha, as estatuas que devem decorar estes monumentos, custaraõ 35,500,000 francos: 12,900,000 francos tem ou adiantado, ou concluido sua construcção.

Huma somma de 15,000,000 tem sido despendida n'outras obras de Paris.

DIVERSOS OBRAS DOS DEPARTAMENTOS.

Os depozitos de mendicidade, e as prizoens nos departamentos tem particularmente fixado a attenção do Governo. Tem-se construido 50 depozitos, e estaõ em actividade: estaõ-se construindo 31: estaõ-se traçando os projectos de 42. Parece ate hoje que sete Departamentos naõ tem precizaõ destes estabelecimentos. Tem-se despendido 12,000,000 nestas obras: saõ inda necessarios 17,000,000 para as acabar.

As prizoens mais importantes saõ as cazas destinadas para receber os condemnados a mais de hum anno de prizaõ.

Vinte e tres estabelecimentos deste genero bastaraõ para todo o Imperio: elles poderaõ conter 16 mil condemnados: onze destas cazas estaõ em actividade: nove estaõ quasi acabadas; tres estaõ somente em projecto.

Quando estiverem concluidas, as prizoens ordinarias, as cazas de correcção, de prizaõ, e de justiça deixaraõ de estar empachadas: ellas poderaõ ser mais facil, e mais convenientemente distribuidas.

O numero destas ultimas cazas he de 790: 292 forao renovadas, ou se achao em bom estado: 291 estaõ-se reparando; restao 207 que se haõ de reconstruir.

As despezas feitas montao a 6 milhoens; as que restao para fazer sobem a 24,000,000.

12,500,000 francos forao destinados para a construcção da nova Cidade Napoleao em la Vendée, e para a abertura de estradas que alli vaõ ter: ja se gastaraõ 7,500,000 francos.

Accordaraõ-se 1,800,000 francos adiantados aquelles habitantes deste Departamento ou do Departamento dos dois Severs, que primeiro construissem suas habitaçoens: ja se distribuiraõ ate hoje 1,500,000 francos.

De 3,600,000 francos que hade custar a restauração dos estabelecimentos thermaes entregaraõ-se ja 1,500,000 francos.

Era essencial preservar de qualquer nova degradação as

ruínas da antiga Roma. Estas obras, as da navegação do Tibre, e as do embellecimento da segunda cidade do Imperio, custarão 6,000,000. Já se despenderaõ 2,000,000.

Os 118,000,000 despendidos n'outras obras das cidades dos departamentos tem sido empregados n'hum grande numero de edificios necessarios á administração, ao culto, á justiça, ao commercio, que, em todas as nossas cidades reclamão os cuidados do Governo.

Tal he o emprego de mil milhoens consagrados ás obras publicas de todo o genero desde a elevação de S. M. ao throno, e dos 80,000,000 que completaraõ as alfaias, e augmentaraõ as ricas collecçoens da coroa.

Quatro centos, e oitenta e cinco milhoens foraõ especialmente destinados para estas emprezas, que deixaõ grandes e duradoiros rezultados.

A avaliação geral dos projectos deste genero he de 1,061,000,000; será ainda necessaria huma somma de 576 milhoens para os concluir. A experiencia do passado nos ensina que hum pequeno numero d'annos bastará.

Estas obras, Senhores, estaõ espalhadas por todas as partes deste vasto Imperio, de todos os Departamentos unidos que o compoem. Vos sabeis que nenhum paiz está em esquecimento: ellas vivificaõ tanto a nova, como a antiga França; Roma, os Departamentos Hanseaticos, a Holanda, bem como Paris, e nossas antigas cidades; tudo está igualmente presente, tudo he igualmente caro ao pensamento do Imperador: sua sollicitude não conhece algum repoizo em quanto resta algum bem para fazer.

CAPITULO V.

ADMINISTRAÇÃO INTERIOR.

Os diversos cultos receberão provas de interesse, e de protecção. O thezouro imperial suprio aos curas existentes alem dos Alpes, que não tinhaõ huma renda sufficiente.

O decreto de 7 de Novembro de 1811 sujeitando os communs ao pagamento dos vigarios que lhes saõ necessarios, assegurou o gozo da totalidade das suas respectivas rendas, e tratamento a Curas antigos, que por sua idade, ou molestias não se achaõ em estado de preencher por si sos suas funcçoens.

Compráráo-se palacios episcopaes, e seminarios.

A Concordata de Fontainebleau poz hum termo ás dissensões da Igreja: o Governo tem constantemente estado satisfeito do affêro, que os Bispos, e o clero lhe tem mostrado.

Os antigos principios da Igreja de França, conhecidos

pelo nome de—liberdades da Igreja Gallicana—conciliaõ perfeitamente os direitos do throno e os dos Pontifices. Elles devem constantemente ser a base do ensino em todas as escolas do Imperio.

O comportamento dos ministros das outras religioens tem sido exemplar.

Tudo está prompto para a organizaçõ definitiva dos cultos reformados, e Lutheranos em o Norte : seos pastores tem recebido salarios provizorios.

Os tribunaes adquirem annualmente novos direitos á consideraçõ publica e retomaõ o lugar que os grandes corpos de magistratura devem ter em todo o estado bem constituido, e governado.

O numero dos processos civiz tem diminuido sensivelmente : sua sentença he mais prompta : as discussõens saõ menos embaraçadas, o que he hum dos beneficios do nosso novo Codigo. De hoje em diante cada hum conhece seos direitos, e sabe melhor quando, e como os deve exercer.

O governo recebeo queixas a respeito das excessivas despesas, que occazonaõ o pagamento dos advogados e os salarios dos officiaes de justiça : o Imperador ordenou ao Gram-Juiz que tratasse de indicar os meios de diminuir estas despesas.

Os processos criminaes estaõ mais sensivelmente diminuidos ainda, que os processos civiz. Em 1801 a populaçõ era de 34 milhoens de individuos. Este anno apresentava 8,500 cauzas criminaes em que se achavaõ implicados 12,400 individuos. Em 1811, huma populaçõ de 42 milhoens apresentou somente 6,000 processos em que se achavaõ implicados 8,600 individuos.

Em 1801—oito mil criminozos foraõ condemnados ; em 1811 somente 5,500 : em 1801 houve 882 condemnados á morte ; em 1811 somente 392. Esta diminuiçõ tem sido annualmente progressiva : e se fosse preciso provar ainda mais a influencia de nossas leis, e de nossa prosperidade a respeito da manutençõ da ordem publica, nos poderiamos notar que esta progressãõ decrescente tem lugar principalmente nos departamentos unidos, e se torna maior á medida que sua incorporaçõ á França he mais antiga.

A administraçõ dos departamentos, a das municipalidades, e dos estabelecimentos de beneficencia, he activa, e vigilante : ella concorre com zelo para os melhoramentos de que o Governo se occupa.

As rendas dos communs, e das Cidades, inclusa a de Paris, sobem	- - -	128,000,000
Os direitos d'octroi produzem	- - -	65,300,000
Os centesimos addicionaes, e varias percepçoens	- - -	42,700,000
As rendas de diversas terras	- - -	20,000,000
		<u>256,000,000</u>

As municipalidades tem, alem disso, propriedades, que ellas não contaõ nas receitas municipaes; quaes são as de que os habitantes gozaõ em commum, as pastagens communs; as matas para lenhas, &c.

O capital da renda de 20 milhoens de terras seria hum recurso tanto mais precioso para o Estado, se elle tivesse interesse em dispor delles, quanto as municipalidades seriaõ facilmente indemnizadas, por huma renda muito menor, de huma fruição gravada de muitos encargos, e d'embaraços.

Os cofres municipaes são administrados com o mesmo cuidado que os das outras repartiçoens.

Oito centos, e cincoenta villas tem mais de 10,000 francos de renda: a maior parte dos seus budgets de 1813 esta decretada.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Em 1809 o numero dos discipulos dos Lyceos era somente de 9,500, dos quaes 2,700 eraõ externos, e 6,800 pensionarios: hoje o numero dos discipulos sobe a 18,000 dos quaes 10,000 são externos, e 8,000 pensionarios.

Quinhentos e dez collegios instruem a 50,000 discipulos, doze mil dos quaes são pensionarios.

Mil, oito centos, e setenta e sete pensoens, ou instituiçoens (escolas) particulares são frequentadas por 47,000 discipulos.

Trinta e huma mil escolas primarias daõ instrucção do primeiro gráo a 920,000 meninos. Desta sorte hum milhao de jovens francezes recebe o beneficio da instrucção publica.

A escola normal da universidade forma sujeitos distinctos nas sciencias, nas letras, e na maneira de as ensinar. Elles levaõ annualmente para os Lyceos as boas tradiçoens, os methodos aperfeçoados.

As 35 Academias da Universidade tem 9,000 ouvintes; os dois terços destes discipulos seguem os cursos de Direito, e de Medicina.

A escola Polytechnica dá todos os annos para as escolas especiaes de engenharia, de artilheria, das pontes e calçadas,

e das minas, 150 sujeitos ja recommendaveis por seos conhecimentos.

As escolas de Saint-Cyr, de Saint Germain, de le Fleche, fornecem todos os annos 1500 mancebos para a carreira militar.

O numero dos discipulos das escolas veterinarias he dobrado. Os interesses da agricultura tem dictado huma organizaçãõ melhor destas escolas.

A Academia de la Crusca de Florença, depozitaria do mais puro idioma da lingua italiana, o Instituto de Amsterdam, a Academia de Saint Luc de Roma, receberãõ novos regulamentos, e dotaçoens sufficientes.

Continuaõ-se os trabalhos do Instituto de França, hum terço do seu Diccionario está feito; elle pode estar acabado em dois annos: as indagaçoens sobre a nossa lingoa, sobre a nossa historia, occupãõ hum grande numero de seos membros.

As traducçoens de Strabam, e de Ptolomeo honraõ os uteis sabios que foraõ dellas encarregados. O decimo sexto volume da collecçaõ das ordenanças dos Reys de França foi ja publicado

MARINHA.

A França tem experimentado, pelos acontecimentos de Toulon, pela guerra civil do Meiodia, de la Vendée, e do Ouest, e pelo desembarque em Quiberon, perdas mui grandes: os melhores officiaes da sua Marinha, a escolha dos contramestres, e das equipagens, pereceo alli.

Nossas esquadras, desde esta epoca, tem sido equipadas com tripulaçoens pouco exercitadas. A insufficiencia da inscripçaõ maritima tem sido reconhecida; e todos os annos, os meios que ella offerencia tem ido decrescendo; resultado inevitavel da constante superioridade do inimigo, e da destruiçaõ quasi total de nosso commercio maritimo.

Naõ tem sido possivel dissimular, que era preciso ou desesperar da restauraçãõ de nossa marinha em tempo de guerra, ou recorrer a medidas novas. Adoptando o primeiro partido ter se-hia feito o mesmo que se praticou nos governos de Luis XIV. e de Luis XV., desanimados pela derrota de la Hogue, e pelas consequencias da guerra de 1758. N'huma, e n'outra epoca, abandonou-se a Marinha; deixou-

se de construir; applicaraõ-se os recursos finanças para o exercito de terra, e para as outras repartiçoens: mas os resultados deste abandono foraõ mui funestos á gloria, e á prosperidade da França.

A Inglaterra deo-nos a lei: ella nos impoz tratados, que se fosse possivel, deveriaõ ser arrancados de nossos annaes. Nos fomos obrigados mesmo a demolir nossos portos, e a receber commissarios Inglezes para inspecionar a demolição. Por huma consequencia mui natural da superioridade de suas forças, a Inglaterra nos impoz tratados de commercio destruidores de nossa industria; e quando ella julgou a proposito fazer nos a guerra, para pilhar nosso Commercio, ou a poderar-se de nossos estabelecimentos, ella nos achou sem armadas navaes, e sem algum meio de defender nossa bandeira. Dalli o desprezo que o povo Inglez testemunha para com nosco em toda occaziaõ.

O Governo no reinado de Luis XIV. e de Luis XV. foi acazo obrigado a abraçar o funesto partido de renunciar a marinha pelo desarranjo de nossas finanças, ou pela impossibilidade real, em que se achava a França em seos antigos limites, de construir, e reorganizar grandes frotas em tempo de guerra?

Quasi nada he possivel em Brest, ou pelo menos tudo alli he extremamente difficil, quando este porto está bloqueado por huma esquadra superior: mas he provavel que as razões de finanças, as necessidades que as guerras continentaes faziaõ nascer, e a difficuldade de re-crear a marinha, concorressem, com a pouca energia do Governo, para tomar o desesperado partido de deixar arruinar nossa marinha.

Os destrôcos que nossas frotas depois soffreraõ, fructos immediatos de nossas dissençoens civiz, nos pozeraõ na mesma situação em que se achava a Administração no reinado de Luis XIV., e de Luis XV.: mas se a situação era semelhante, todas as mais circumstancias eraõ differentes a todo o respeito.

A posse da Hollanda, do Escalda, a extensaõ de nosso poder nas costas do Adriatico, nos portos de Genova, e Spezzia, em todo o curso do Rhin, e Mosa, dava-nos meios maritimos de huma importancia mui diferente da daquelles que a antiga Monarquia possuia. Nos podemos construir frotas sem que a superioridade do inimigo o possa empecer, nem mesmo as torne mais custozas.

A boa administração das finanças do Imperio nos poem em estado de fazer frente ás despezas que exige o estabelecimento de huma grande marinha, e de satisfazer as despe-

zas das guerras Continentaes. Finalmente a energia de nosso Governo, sua vontade firme e constante, eraõ somente capazes de remover os maiores obstaculos.

A administração da Marinha conheceo por tanto a necessidade de adoptar hum systema fixo, e calculado, que fizesse marchar a creação, ou o restabelecimento dos portos a par da construcção dos navios, e da instrucção dos marinheiros.

Na Mancha a Natureza fez tudo a favor da Inglaterra, e tudo contra nos. Desde o reinado de Luis XVI. tinha-se conhecido a importancia de ter hum porto neste mar: tinha-se adoptado o projecto de Cherbourg, e ja estavaõ lançados os fundamentos dos diques. Mas em nossas perturbaçoens civiz, todas estas obras interrompidas se tinhaõ deterioriado; tudo se tinha posto em problema, ate mesmo a conveniencia do local; e questionava-se se seria melhor preferir Hogue a Cherbourg.

O Governo fixou suas vistas sobre estas importantes questoons. A decizaõ a favor de Cherbourg foi confirmada, e trabalhou-se incessantemente no alteamento do dique para obrigar a ancoradoiro.

Mas este ancoradoiro tinha os inconvenientes de hum ancoradoiro externo. A *carenagem* dos navios era alli impossivel, ou difficil. O Governo nem olhou á despeza, nem a difficuldades das localidades; e empredeo hum porto aberto na rocha, que podesse conter 50 náos de linha, e estaleiros sufficientes para a construcção de huma esquadra.

Depois de dez annos de trabalhos, o successo tem justificado todas estas emprezas. Acha-se huma esquadra no no estaleiro de Cherbourg: e os ancoradoiros poderaõ receber, este anno, a mais numeroza esquadra. Era muito o ter satisfeito á necessidade, conhecida depois do combate de la Hogue, de ter hum porto na Mancha: mas não era menos importante ter hum porto no mar do Norte, e podermo-nos aproveitar dos numerosos, e seguros ancoradoiros do Escalda.

O ancoradoiro de Flessinga, o de Anvers, tem custado muitos milhoens. Pode-se construir 20 navios ao mesmo tempo nos estaleiros de Anvers; e mais de 60 podem achar hum abrigo nos portos de Anvers, e de Flessinga.

A Hollanda continha huma população que se tem sempre distinguido na Marinha: mas os navios de construcção hollandeza não podiaõ ser utilmente empregados na luta actual. A celeridade da marcha he hum dos elementos da guerra maritima; e os navios hollandezes parecem antes construidos para conduzir mercadorias, do que para dar batalhas.

Este povo industriozo tinha feito milagres para vencer os obstaculos, aparentemente invenciveis, de suas localidades: mas elle só o tinha conseguido imperfeitamente.

O Governo conheceo que não havia na Hollanda hum unico porto, hum só estaleiro, hum só remedio a todos os inconvenientes das localidades, e por isso conduzio as forças maritimas da Hollanda para Niew Dypp: posto que este projecto fosse concebido, ha somente dois annos, com tudo nos gozamos ja de todas suas vantagens, e por este meio, temos hum novo porto na extremidade do mar do Norte.

Os engenheiros do exercito de terra tem adiantado os trabalhos com a maior, e mais louvavel actividade. O Helder, Flessinga, Anvers, e Cherbourg, achão se em tal estado que nossas esquadras, estão alli obrigados de todo o insulto, e podem dar aos nossos exercitos de terra tempo de chegar em seu socorro, inda que estivessem no fundo de Italia, ou da Polonia: tudo o que a arte podia accrescentar ás vantagens naturaes de Brest, e de Toulon, tinha sido feito pelo antigo governo.

Naõ se pode dizer o mesmo a respeito da foz do Charente. O ancoradoiro da ilha d'Aix não era proprio para conter hum grande numero de navios. O governo conheceo a necessidade de ter hum abrigo mais seguro no mar de Gasconne.

O ancoradoiro de Saumouard foi reconhecido, e fortificado. Os de la Gironde, o foraõ igualmente, e a perfeição ou-se huma communicação interior para os grandes navios, de sorte que os portos da ilha d'Aix, do Saumouard, de Talemont, e os da Gironde, formaõ, por assim dizer, hum mesmo porto.

Depois de Toulon, o porto de Spezzia he o mais bello do Mediterraneo. Eraõ necessarias diversas fortificaçoens do lado da terra, e da parte do mar para que nossas esquadras alli estivessem em segurança. Estas fortificaçoens apresentão ja huma resistencia conveniente.

Desta sorte, tendo apenas decorrido seis annos depois que se decretou o systema permanente de guerra maritima, ja os portos do Texel, do Escalda, de Cherbourg, de Brest, de Toulon, e de Spezzia estão seguros, e offerecem debaixo do ponto de vista maritimo, e militar todas as propriedades desejaveis.

Ao mesmo tempo que se construia, e fortificava os portos, cuidava-se em estabelecer estaleiros para construir navios. Debaixo da antiga dynastia estavamos reduzidos a menos de 25.

Brest podia quando muito offerecer os meios de concertar navios. Era preciso renunciar a todo o projecto de con-

strucção, ou estabelecer no Escalda hum estaleiro em que vinte náos de tres pontes, de 80, e de 74, podessem ser construidas ao mesmo tempo. Este estaleiro provido pelo Rhin, e Mósa, e por todos os afluentes do continente da França, e da Alemanha, está sempre provido abundantemente, e por bom preço.

Conheceo-se a possibilidade de construir nos estaleiros de Amsterdam, e de Rotterdam, fragatas, e náos de 74 de nosso modelo, durante que se formassem os estaleiros em Niew Dypp.

Construem-se nos estaleiros de Cherbourg náos de tres pontes, de 80, e de 74.

Construem-se navios em Genova, e em Veneza: desta sorte nos aproveitamos de todos os recursos da Albania, da Istria, do Frioul, dos Alpes Julianos, e dos Apeninos.

Os estaleiros de l'Orient, de Rochefort, e de Toulon continuão a ter aquella actividade de que elles são susceptiveis, a empregar todos os materiaes que lhes offerecem os portos dos rios destinados para os melhorar.

Em poucos annos chegaremos a ter 150 náos, dôze das quaes de tres pontes, e hum maior numero de fregatas.

A marinha Franceza, na sua maior prosperidade, nunca teve mais de cinco náos de tres pontes.

Nos podemos facilmente construir e armar 15 a 20 navios d'alto bordo por anno.

O Governo tem pois conseguido suas vistas relativamente a construcções; mas restava-lhe ainda o mais difficil para fazer. Os professores da arte, depois de terem meditado sobre os recursos, e extensão do Imperio, tinhão comprehendido que o Governo tendo effectivamente á sua disposição, por meio dos rios que alimentaõ nossos portos, quasi todas as madeiras da Europa, e immensas riquezas em ferro, e canhamo, podia ter huma marinha taõ numeroza, como elle quizesse, e que nada o poderia suspender senão o extensão dos sacrificios pecuniarios, que seria preciso fazer para o augmento desta parte das nossas forças.

Mas perguntava-se—onde se acharão os marinheiros para equipar nossas esquadras? Campos, exercicios formão em poucos annos hum exercito de terra; mas onde se podera achar com que se possa substituir campos, e exercicios para as tropas de mar?

As instituições de Colbert, e os principios por elle estabelecidos para o recrutamento dos exercitos navaes eraõ quasi nullos: nosso commercio maritimo estava excessivamente diminuido. Tinha-se admittido como hum axioma esta maxima.—*Nada de Commercio, nada de marinha militar.* Com tudo era hum circulo viciozo; porque poderia dizer-se

com igual justiça—*Nada de marinha militar, nada de Commercio.*

O Governo concebeo então a idea de recrutar os exercitos navaes da mesma maneira que o exercito de terra; de recorrer á conscripção sem abandonar os recursos que a inscripção podia produzir.

Os departamentos maritimos foraõ em parte exemptos da conscripção do exercito de terra, e toda a sua mocidade chamada para a conscripção maritima.

Os homens de mar os mais experimentados queriaõ que se effeituasse esta conscripção desde a idade de dez ou doze annos, pretendendo que erá impossivel fazer de hum homem ja feito hum bom homem de mar.

Mas como conceber a possibilidade de amontoar em navios 60 ou 80 mil rapazes?

As despezas que era preciso fazer durante dez annos para os instruir, mas principalmente o consumo de homens, eraõ espantozas.

Tomou-se hum meio termo: chamaraõ-se para esta conscripção maritima os mancebos de 16 e 17 annos. Podia-se esperar que depois de quatro, ou cinco annos de navegação, quando chegassem á idade de 21 ou 22 annos, o governo teria marinheiros habéis.

Mas como fazer navegar hum taõ grande numero de mancebos, quando o mar nos estava interdicto quasi por toda a parte?

Construiraõ-se frotilhas: 500 ou 600 navios, brigues, chalupas canhoneiras, goletas navegaraõ pelo Zuyderzée, Escalda, portos de Boulogne, Brest, e Toulon, protegeraõ, e alimentaraõ nosso commercio ao longo da costa.

Armaraõ-se ao mesmo tempo nossas esquadras nos portos de Toulon, de la Charente, do Escalda, e do Zuyderzée.

As equipagens sempre a bordo, manobrando em presença do inimigo, tem preenchido a esperanza que se tinha concebido. Os conscriptos tem-se desta forma instruido, e formado. Os mancebos de 18 annos, depois de cinco annos de navegação tem chegado hoje ao seu 23 ou 24 anno, e servem nas grandes manobras com huma agildade, e destreza notaveis; e nossas esquadras fazem evoluçoens com tanta presteza, e precizaõ, como na epoca mais brilhante de nossa marinha.

Depois de cinco annos que este systema tem sido adoptado, 80,000 mancebos tirados da conscripção, tem vindo augmentar deste modo nossa população maritima.

Tem sido precisa muita constancia para se rezolver a todos os sacrificios, que hum tal systema nos tem custado.

Durante os primeiros annos, as avarias desesperavaõ; cada

sahida custava-nos tanto como hum combate : mas progressivamente cessaraõ as abordagens, diminuiraõ as avarias, e hoje nossas esquadras experimentaõ somente o que ordinariamente se experimenta nas evoluçoens maritimas.

Os officiaes formaõ se e adquirem o golpe de vista necessario nas manobras nauticas. Elles não fazem quasi sahida alguma em que não vejaõ o inimigo. Nos devemos reconhecer que nossas equipagens passando assim annos sem sahir de bordo, como se estivessem em alto mar, merecem hum brilhante testemunho de satisfação. Por meio de exercicios he que elles se formaõ, não ha duvida; mas suas fadigas não são menos penozas.

Dois navios o Tourville, e o Duquesne, estacionados nos portos de Brest, e de Toulon, offerecem huma instrucção theorica, e pratica aos mancebos destinados a entrar como officiaes na marinha.

Finalmente de 100 náos que temos, estaõ hoje 65 armadas, equipadas, providas para seis mezes, constantemente de partida, aparelhando todos os dias, e n'huma situação tal, que ninguem sabe no momento em que se levanta a ancora, se he para hum exercicio, se para hum expedição remota.

A conscripção maritima, produz todos os annos vinte mil mancebos. A inscripção dos pescadores produz tambem recursos importantes.

No momento em fim, em que a paz continental tornar disponivel a conscripção de todo o Imperio, nos poderemos augmentar, á nossa vontade, a conscripção maritima.

As guarniçoens dos navios eraõ tiradas do exercito de terra.

Huma parte do serviço da artilharia a bordo era feita pelo corpo imperial dos artilheiros da marinha.

A administração da Marinha dezejou que ou hum ou outro destes corpos fosse restituído ao exercito de terra, e que o serviço fosse feito por marinheiros proprios para as altas, e baixas manobras, que podessem igualmente subir ao alto dos mastros, fazer a manobra das peças, e servir como guarnição de navio. A vantagem deste systema era evidente; era dobrar nossa genté de mar, e chegarmos hum dia a estado de dobrar nossas equipagens, enviando homens de guarnição para bordo de nossas esquadras com alguns artilheiros. As circumstancias actuaes em que estamos de sustentar duas guerras continentaes tem feito apreçar a vantagem de ter hum exercito de 40,000 soldados veteranos proprios para o serviço de terra, e para o de mar.

Sua mudança de destino he que tornou necessario chamar a conscripção maritima de 1814.

A Inglaterra pode ter o numero de navios, e de tropas de

terra que quizer: ella pode dar ao seu commercio a direcção que lhe convem; mas nos pertendemos permanecer nos mesmos direitos. Se ella pretende impor nos a condição secreta de destruir nossas esquadras, de as reduzir a 30 náos, ou de subscrever a tratados de commercio não conformes a nossos interesses, huma tal paz não sera jamais assignada pelo Imperador, nem dezejada por algum Francez.

Nos dezejamos a paz; mas se a não podessemos obter não com taes condições, será preciso continuar a guerra, e em cada anno de guerra nos augmentaremos nossas forças navaes, sem que a superioridade do inimigo nos possa embaraçar.

O exercito de terra compoem-se da guarda imperial, que comprehende 20 regimentos d'infantaria, e 44 esquadroens: de 152 regimentos de linha, e de 37 d'infanteria legeira, fazendo 189 regimentos d'infanteria, ou 945 batalhoens francezes; de 15 regimentos d'artallheria, de 30 batalhoens do trem, de 90 regimentos de cavallaria, d'oito companhias cada hum, alem de quatro regimentos Suissos, de seis regimentos estrangeiros, e de muitos batalhoens coloniaes.

Naõ vos fallarei, Senhores, d'acontecimentos militares, nem politicos; eu nada poderia acrescentar ao que vos ja sabeis e ao que o Imperador vos disse em poucas palavras, mas com tanta profundeza.

Pareceo me que a simples exposiçãõ de nossa situação interna, apoiada em relaçoens, e calculos; a exposiçãõ de nosso estado maritimo, e militar eraõ sufficientes para fazer comprehender a immensidade de nossos recursos, a solidez de nosso systema, e as graças que temos de dar a hum governo vigilante, cujos trabalhos saõ constantemente consagrados a tudo o que he grande, e util a gloria do Imperio.

A conta da administração das finanças, que immediatamente vos sera communicada, vos fara conhecer sua prospera situação; o que eu poderia dizer a este respeito seria insufficiente, e incompleto.

A firme rezoluçãõ do Soberano de proteger igualmente todas as partes do seu Imperio, e de marchar constantemente pelo mesmo systema de economia, e de grande administração, não pode deixar de redobrar, se he possivel, a confiança, e amor que todos seos vassallos lhe tem.

BUDGET FRANCEZ DE 1813.

CORPO LEGISLATIVO.

Sessão de 20 de Março, Prezidente o Conde de Montesquieu.

CONTA

Feita em nome da Commissão de Finanças pelo Bãraõ Lezurier de la Martei, Prezidente desta Commissão, sobre o projecto de Lei relativo ás Finanças.

Senhores.

Vossa commissão de finanças examinou com a mais rigorosa attenção o projecto de Lei, que vos lhe tendes enviado, e ella vem hoje apresentar-vos o resultado de seos trabalhos, muito menos confiada, e segura em suas proprias luzes, do que na admiravel ordem que reina nas finanças do Imperio, e na extrema simplicidade dos principios em que ellas se fundaõ, e repouzaõ.

Não he, Senhores, este projecto de Lei semelhante aos que vos tendes votado em vossas precedentes sessoens. Pelo contrario elle encerra dispoziçoens novas, e de hum grande interesse; são as que propoem a alienaçãõ de algumas partes dos baldios.

Nos julgamos inutil prevenir-vos, que para bem apreçar esta medida, he preciso não a considerar izoladamente: Hum tal modo de julgar, principalmente em materia de alta administração, he extremamente viciozo, e vos não o adoptareis. Vos examinareis pois as vantagens, que devem resultar desta venda, e vereis com satisfação, que o producto saldará os exercicios passados, e assegurará o serviço do exercicio corrente, sem que os Povos sejaõ sobcarregados com novos impostos.

Mas considerando a questaõ em si mesma, nos dizemos que homens, cuja opiniaõ he d'algum pezo, achaõ graves inconvenientes em conservar hum grande numero de bens fora da circulaçaõ. "Estas sortes de propriedades dizem elles, privaõ o Estado dos direitos, que elle recebe em cada mudança de dominio. Ellas tornaõ deste modo menos abundantes os recursos da renda publica, tiraõ ao Governo os meios de diminuir outros impostos, e podem mesmo for-

ça-lo a crear novas taxas. Elles acrescentaõ, que o interesse particular he mais previdente, e mais activo do que a melhor de todas as administraçoens: que quando se trata de reparaçoens, o tempo empregado pelos administradores em formalidades exigidas para evitar os abuzos, o proprietario o emprega em fazer estas mesmas reparaçoens, que ordinariamente saõ nada no principio, e tornaõ se mui consideraveis, quando se desprezaõ.”

Por outra parte os alugueis naõ saõ sempre huma renda certa; o pagamento das despezas, que se tira desta receita naõ he sempre seguro; e mais de huma comptabilidade, ou administraçoõ dos commons se acha desarranjada por accidentes que o privaoõ de repente de suas rendas.

Qualquer que seja a força destes raciocinios, he pelo menos indubitavel que huma administraçoõ deve preferir huma receita fixa, independente dos acontecimentos, e sobre que possa calcular suas despezas.

Vos achareis portanto, Senhores, algumas vantagens, mesmo para os commons, em adoptar, independentemente de outro motivo, a conversaoõ de suas rendas em rendas do Estado; e sem duvida vos olhareis ainda como hum bem que estes commons estejaõ ligados á fortuna publica por hum laço de mais.

He verdade que o artigo III. naõ assegura senaoõ huma renda proporcionada á renda liquida dos bens cedidos, e que da fixaçoõ pode resultar huma desvantagem para alguns commons. Porque razaõ temeremos nos dizer-lo? Naõ fallamos nós a Francezes? He aqui somente que começoõ os sacrificios; porque em fim naõ he hum sacrificio a conversaoõ dos bens-fundos em rendas para o Estado: bens arrendados em proveito de huma municipalidade, que naõ pode dispor de seu producto sem authorizaçoõ, naõ tem para pessoa alguma o encanto da propriedade; desfaz-se delles sem pena; elles saõ unicamente conhecidos dos administradores para os quaes mesmos elles saõ frequentemente huma origem de embarços, e de cuidados.

Naõ aconteceria assim com huma dispoziçoõ, que se tivesse estendido sobre propriedades a que se tem afferro por fruiçoens pessoas: observai tambem, Senhores com que atençaõ o projecto de Lei exceptua todos os bens desta natureza. Os cidadaoens, que os possuem em commum nunca serao delles privados. Elles conservaraõ aquelles bosques, que asseguraoõ recursos taoõ preciosos para as provizoens de lenha, e para a construcçoõ das cazas: aquellas pastagens que nutrem a vaca do pobre; aquellas praças uteis para a venda, ou conservaçoõ dos generos; aquelles passeios, e sitios, em que todos os habitantes de hum Povo vaoõ repoizar

de seus trabalhos. Os edificios consagrados a hum serviço publico, os templos, e sem duvida tambem as cazas destinadas para os Ministros dos differentes cultos, serao igualmente comprehendidos nesta excepção.

E nao pensem os communs que se dá a Lei huma extensao contraria ás vistas paternaes do Governo: por huma disposição especial, elles terao a faculdade de se oppor á tomada da posse. A administração encarregada do registo se penetrara sem duvida do espirito da Lei: mas se se apresentasse algum caso particular em que houvesse incerteza, os prefeitos tem direito de proferir, salva a faculdade de prover que pertence ao Conselho de Estado, que nao sendo em si mesmo senao o Conselho do Principe, se conformará sempre com suas vistas bem fazejas.

Nao se deve pois sentir que os conselhos de prefectura, bem que as contestaçoens relativas aos Dominios nacionaes sejam de sua competencia, nao tenham sido encarregados de rezolver sobre as reclamaçoens dos communs; as delongas teriao sido maiores, sem que as decizoens fossem mais justas.

Vos tendes visto, Senhores, pelas disposições do artigo IV. que a Lei provia a respeito dos meios de melhorar as vendas, e de augmentar os productos, facilitando o pagamento. Hum sexto deste deve ser immediatamente pago; outro sexto tres mezes depois da adjudicação; e o resto nos dois annos seguintes ao dia da venda.

Estas facilidades augmentarao o numero dos concurrentes, e levarao os bens ao seu justo valor. Ellas illudirao os calculos dessas associaçoens, que mui frequentemente tem affastado os adquiridores, para obterem por baixo preço propriedades importantes, fazendo assim, com detrimento da fortuna publica, lucros tao excessivos, como escandalozos.

Nos podemos pois esperar, Senhores, que as partes dos bens communs designadas para se venderem, fornecerao ao thezouro imperial os 232,500,000 de francos destinados para os exercicios de 1811, 1812, e 1813; que ellas permittirao á caixa de amortização rezervar 5 milhoens para o fundo creado pelo artigo VIII., e achar no excedente a somma necessaria para satisfazer as rendas que forem devidas aos communs.

A sorte dos credores nao esqueceo nas disposições do projecto de Lei. Elles tem o direito de transferir suas hypothecas para os outros bens dos communs, conservando sua ordem; e na falta de outros bens, a renda assegurada pelo artigo III., bem como as outras rendas do commum, sao especialmente destinadas para estes credores.

Ha todo o lugar de crer que, depois do effeito de nossas leis actuaes o numero dos credores dos communs he mui pouco consideravel, e que nenhum será lezado pelas novas dispoziçoens.

Mas antes de terminar tudo o que he concernente á venda parcial dos bens communs, seja-nos permittido fixar a attenção do Soberano sobre a situação em que se achão muitas Cidades do Imperio.

Os administradores destes communs apresentaraõ projectos de construcçoens que o Governo approvou: este tem igualmente approvado a venda d'algumas porçoens de bens communs para fornecer as despezas extraordinarias que ellas exigiaõ. hoje as construcçoens estaõ começadas, e as vendas não estaõ feitas. O embaraço destes administradores seria extremo, e trabalhos, cuja utilidade, e necessidade mesmo tem sido reconhecidas, ficariaõ imperfeitos, se o Governo não permittisse que se effectuassem as alienaçoens ja authorizadas por leis ou decretos imperiaes, e que se applicasse o producto delles á concluzaõ destas construcçoens.

O artigo VII. vos parecera, bem como á nos, Senhores, huma medida de ordem, e mais que tudo hum acto de justiça. He hum beneficio, he hum dever do Governo, tapar com sabedoria o pego desses atrazados indefinidos, que perpetuaõ as privaçoens dos credores legitimos, que só favorecem a uzura, e mataõ a confiança.

Certos pela conta do Ministro das finanças, e pelas mesmas expressoens do artigo, que o credito de hum milhaõ de rendas que vos he pedido, saldará em fim o exercicio de 1809, e os exercicios anteriores, vos sanccionareis, sem duvida, huma dispozição que as necessidades urgentes de muitas familias, a honra nacional, e a lealdade do soberano reclamaõ.

Todavia não esqueceo á vossa commissão, que esta creação imprevista eleva a 89 milhoens a massa da divida perpetua, cuja reduçãõ *ao maximum*, de oitenta, está tao prudentemente indicada, e promettida pela Lei de 1811.

Nos conhecemos hoje, mais que nunca, quanto importa trazer, e fixar esta divida ná proporção sufficiente para ligar as fortunas particulares á fortuna publica.

Nos concebemos com que espantoza energia, augmentos successivos, e desmedidos carregariaõ sobre o credito nacional, e converteriaõ hum meio de prosperidade nos grandes Estados em instrumento de ruina, e de subversão.

Mas nós julgamos da nossa obrigação render homenagem á paternal sollicitude de hum principe que sensivel aos generosos sacrificios de seos povos, não quer aggravar o pezo das

contribuições annuaes: nos estamos seguros nas actuaes circumstancias, pelos meios de amortizaçãõ determinados pelo artigo 8 do projecto actual, e a sua ligaçãõ com o systema da Lei de 1811.

Nos o somos sobretudo, Senhores, e vos o sereis tambem, pelo concurso necessario do Corpo Legislativo em todas as creações ulteriores, e pelo interesse, e sabedoria do Governo.

Os artigos 9—10—11—e 12 naõ tem cada hum delles por objecto, senaõ fixar as sommas dos exercicio de 1810—1811—1812 e 1813 naquelle ponto a que se tem elevado, ou se elevarem suas despezas respectivas.

As dispozições destes artigos saõ medidas de ordem, que serviriao de provar a importancia que Sua Magestade dá á manutençãõ do equilibrio entre a receita e a despeza de cada exercicio.

O Budget do exercicio de 1810 está regulado definitivamente em receita na somma de 785,060,443 francos, e as despezas em igual somma.

Vos tereis observado, Senhores que, segundo a conta do Ministro das finanças, as rendas excederaõ as despezas em 10,353,557 francos. Esta somma juntou-se aos meios do exercicio seguinte.

O Budget do exercicio de 1811 está regulado definitivamente em receitas na somma de mil milhoens, e em somma igual as despezas.

Este exercicio, pelo contrario, exigio hum supplemento de 46,800,000 francos, pela diminuiçãõ do producto da venda das madeiras, a falta de realizaçãõ d'alguns meios extraordinarios, e pela despeza imprevista de 20 milhoens occazionada pela escassez dos mantimentos.

O Budget de 1812 está definitivamente regulado em receitas na somma de mil e 30 milhoens, e em despezas na mesma somma.

Este exercicio experimentou em suas rendas presumidas huma diminuiçãõ de 37,500,000 francos, porque os tabacos, e madeiras naõ produziraõ o que se tinha razaõ de esperar.

O Budget de 1813 está regulado em receitas na somma de 1,150,000,000; e as despezas em igual somma. A naõ serem as circumstancias imprevistas, o Budget deste exercicio seria o mesmo que o de 1812.

Para occorrer a estes augmentos nas despezas he que o artigo V. applica a somma de 149 milhoens para ás necessidades deste exercicio.

Pelo artigo 13 o Governo apresenta á vossa approvaçãõ as tarifas actuaes dos direitos reunidos.

Determinadas assim estas tarifas por decretos imperiaes in-

seridos no Bulletin, e consagradas por vossos suffragios, ellas não podem ser variaveis em sua applicação ao arbitrio da administração, ou de seos empregados.

Vossa Commissão lastima que a gravidade das circumstancias, e as precizoens do Estado não tenhaõ permittido invocar modificaçoens uteis, e allivios dezejados na situação destes direitos: mas bem segura das intençoens do Governo, ella exprime o dezejo de que, por effeito de huma activa vigilancia sobre a precepção, o contribuinte submettido ao rigor das tarifas seja perservado do flagello de procedimentos arbitrarios.

As queixas a este respeito seriaõ menos frequentes talvez, se a publicidade das instrucçoens da administração fosse mais effectiva e mais extensa; e se os empregados não fossem quasi os unicos depositarios dellas.

O artigo 14 do projecto de lei offerece huma nova prova daquella perseverança que o Governo tem na execução dos projectos, que huma vez tem concebido. Planos os mais vastos, ou para os quaes o tempo não he sempre a menor despreza, são adoptados, e seguidos, como os projectos os mais facéis, e mais simples. Nos não queremos aqui fallar, Senhores, nem dessa antiga habitação de nossos Reys ameaçada ha dois seculos, de ficar imperfeita, e que nos veremos em fim concluir: nem de todos esses edificios, em que o genio imprime sua grandeza. Esses trabalhos são admiraveis sem duvida; principalmente se acazo se considera em que concurso d'acontecimentos elles se acabaõ: todavia elles são mui estranhos á discussão que nos occupa, para que nelles nos demoremos. Mas fóra de nossas cidades no meio das campinas que as nutrem, prosegue-se huma empreza digna de todo o vosso interesse. Não he hum destes monumentos elevados pelas artes, e que attestão o luxo, e magnificência de hum grande Monarca; he ainda melhor, porque esta obra, immensa por sua extensaõ, assustadora por suas difficuldades não tem por objecto senão estabelecer esta justa proporção de encargos publicos, proporção para a qual todo o bom Governo deve tender, e que nada mais he do que a justiça distributiva applicada ao imposto. Vos vedes, Senhores, que nos vos queremos fallar desta grande medida, cujo resultado será não fazer cahir sobre cada parcella de herança senão a porção de impostos, que ella deve pagar em razão de seos productos.

Não vos descreveremos os obstaculos que hum semelhante trabalho apresentava, e quanta ordem e methodo era preciso, para que os innumeraveis collaboradores, que obraõ separadamente, se não afastassem das bazes que deviaõ dirigi-los. Será bastante dizer-vos que qualquer que seja a

natureza das terras, tem-se adoptado por fundamento de todos os calculos o *producto liquido*; e partindo deste dado, deste fim de todo o trabalho, he que se chegará a estabelecer huma justa proporção entre os departamentos mais remotos, bem como os mais dissemelhantes pelas producções de seos territorios.

He preciso confessa-lo, Senhores, as difficuldades que apresentava o trabalho em si mesmo, não eraõ as unicas que se teria de vencer; he huma rezistencia moral, que frequentemente se encontra, quando se faz a guerra aos abuzos, e que não tem deixado de se mostrar nesta circumstancia, com todas as armas de que o interesse pessoal se serve. A desigualdade da repartição era taõ grande, que se tomavaõ os dois extremos; pode-se dizer, que havia hum contribuinte que pagava tudo, e outro nada. Os que gozavaõ em silencio desta iniqua desproporção tinhaõ muito que perder, para não censurar hum trabalho, que devia por fim faze-los participar do pezo dos impostos; e espiritos desconfiados, ou credulos tinhaõ, como acontece, adoptado prevenções, que se tinha procurado inspirar-lhes. Huma conta pronunciada em 1808, que nos dezejariamos consultar muitas vezes para tornar a nossa melhor, fez justiça a esta Tribuna, de todas as observaçoens que appareciaõ contra o cadastro; e ao effeito, que ella produzio, he que se deve a obrigação de as não ouvir mais repetir.

E como, á medida que a empreza se estende, e que se estabelece a repartição sobre as novas bases, os erros que se descobrem são taõ multiplicados; he preciso em fim que as prevenções se calem: jamais alguem se lembrou de combater a evidencia.

Tudo o que os Oradores do Governo vos tem dito sobre este objecto, Senhores, he de huma exactidão extrema. Não se pertende certamente, que o trabalho do cadastro seja perfeito; nenhuma obra dos homens he susceptivel de o ser; mas a fixidade nos grãos da repartição; mas a izenção do arbitrario são resultados seguros; e estes dois beneficios se faraõ sentir não só no curso ordinario da vida, mas ainda nas transacções, nas partilhas, nas vendas, em que o vago do imposto apresentava incessantemente difficuldades, e incertezas fatigantes.

Nos somos chegados ao termo de nossa discussão, e nossa opiniaõ sobre o projecto de Lei he a dos Oradores do Conselho de Estado. Nossos motivos não tem sido sempre os mesmos, bem como nossa linguagem; mas esta differença procede, não o duvidemos, da differença de nossa situação: pelos menos ella não poderia vir de nossos sentimentos: nos fazemos hum dever repeti-lo—O corpo legislativo pode ri-

valizar em zelo com todos os corpos, com todas as authoridades; e o que o Imperador dizia, no tempo da abertura desta sessão, da energia de seos povos, de seu offerro á integridade do Imperio, do amor que elles lhe tem mostrado, elle o podia dizer mais particularmente de nos todos.

Naõ permitta Deos, com tudo, que nós nos quieramos attribuir huma excessiva parte neste elogio! Povo generoso, e fiel, nos dezejamos, pelo contrario, referi-lo todo a ti misturando-nos comtigo. Longe de nos ainda o pensamento de lhe accrescentar coiza alguma; isso seria diminui-lo, enfraquece-lo; d'exaltar teos sacrificios; todos elles te são contados; de fallar de tua devoção, e afferro; e quem pode ignorar que este he sem limites!

Ja teos numerosos filhos correm de todas as partes a alistar-se debaixo das aguias, que elles sabem tam bem defender; ja nossos exercitos se dispoem a retomar a unica attitude que compete a seu valor.

Deixemos nossos inimigos regozijar se com as nossas ultimas perdas: a inclemencia das estaçoens transtornou esta vez as combinaçoens do genio: mas ao menos elles naõ tem o direito de se ensoberbecer com os nossos desastres; mas nos naõ receamos, que elles levantem tropheos á sua coragem. O triumpho he só devido á victoria; e sua alegria mesmo tera bem depressa hum termo. Arminio naõ se felicitou longo tempo de ter visto os navios dos Romanos despedaçados pelas tempestades, e as façanhas de Germanico depois daquelles naufragios inesperados, naõ são a menor parte de sua gloria.

Quanto a vos, Senhores, no momento em que ides preencher o objecto essencial de vossa missaõ, vos estais, como nos, penetrados da grandeza dos interesses confiados a vosso amor pelo Principe. e pela Patria. A Lei que fixa o tributo que o Povo Francez deve á gloria do throno, e á prosperidade deste Imperio, esta submettida á nossa aceitaçãõ: mas naõ concebãõ inquietaçoens os defensores do Governo Monarquico, (e nos o somos todos); esta parte, que nos he dada na sanccãõ das Leis, repoiza em maons seguras, e fieis; e longe de enfraquecer o poder do Soberano he hum laço que o une mais estreitamente com o Povo, e que tira á obediencia tudo o que ella tem de penozo. Felis effeito de hum Governo moderado, que fazes a submissaõ voluntaria! quanto es mais poderozo, que o Governo o mais absoluto! Os Principes que saõ revestidos de hum poder sem limites fazem dobrar tudo á vontade de seos caprichos; mas elles estaõ condemnados a naõ conhecer jamais o zelo, e o amor de seos Povos. Ah! elles naõ podem aspirar senaõ a fazer-se temer: elles naõ inspiraõ em torno de si nem affeiçãoõ,

nem afferro: estes sentimentos estão extinctos em todos os corações. Os vossos, Senhores, se manifestarão adoptando a Lei que vos está apresentada. Nos temos combatido todas as considerações que vos podião fazer hezitar; e se algumas houvesse, que tivessem escapado á nossa discussão, que seriaõ ellas a par dos motivos que devem determinar vossos suffragios! Vede em torno de vos todas as Naçoens do Continente, e estoutra Nação, eterna rival da França, attentas ao que se passa no seio de nossas sessoens, avidas de medir o espirito que nos anima depois da adhesão que nos vamos dar ao Budget do Estado: confundaõ se nossos inimigos; tranquillizem-se nossos amigos, reconhecendo que para nos a Patria he inseparavel do Monarca, e que todas as vontades estão confundidas na sua.

Determinada pelos motivos, que vos tem sido expostos, vossa Commissao de finanças, Senhores, vos propoem adoptar o projecto de lei que ella mesma approvou unanimemente.

DISCURSO

Do Conselheiro de Estado o Conde Defermon.

Monseigneur, (fallando com o Prezidente) Senadores.

Vos acabaes de ouvir as communicações que Sua Magestade ordenou que se vos fizessem; as circumstancias actuaes tornaõ indispensavel hum augmento do nosso estado militar; he este o objecto do primeiro *Senatus-Consulto* que nos estamos encarregados de vos apresentar.

Se a deserção de hum alliado se deve sentir, vale mais velo abertamente nas fileiras inimigas, do que estarmos expostos ás suas traiçoens diarias. As forças disponiveis da Prussia não são taes que o Imperio a não possa fazer ainda arrepende de tornar a entrar na luta contra elle; mas vos o sabeis, Senhores, he precizo, quando se dezeja a paz, obte-la por successos felizes, que possaõ garantir sua duração; e para attingir este fim, he precizo empregar immediatamente grandes meios, antes do que esgotar-se lentamente em fracos esforços.

O titulo 1. do projecto poem á disposição do Ministro da guerra 180,000 homens para se ajuntarem aos exercitos activos. Noventa mil homens tirados da conscripção de 1814,

cuja leva ja foi authorizada, experimentaõ huma simples mudança de destino.

Noventa mil devem ser levantados, segundo as disposições dos titulos 2. e 3. do projecto.

A deserção da Prussia pode augmentar com 80 a 100,000 homens as forças de nossos inimigos; e he tam conveniente, como necessario augmentar na mesma proporção o exercito do Imperio.

O titulo 2. cria quatro regimentos de guardas de honra a cavallo, comendo 10,000 homens.

Os departamentos tem pedido a formação de companhias de guarda de corpo. Esta instituição, necessaria ao throno, só pode realizar-se progressivamente.

Os officiaes só poderião ser tirados dos primeiros grãos do exercito, e sua presença junto aos corpos que elles commandaõ, he hoje necessaria. Se elles fossem tirados dos grãos menos elevados, seria faltar ao fim, e desnaturalizar a instituição; porque entaõ nao ficariaõ á frente daquelles que saõ especialmente encarregados da segurança do Imperador, e de sua familia, homens revestidos das primeiras dignidades do exercito, e do Estado.

Por outra parte as guardas de Corpo nao saõ a necessidade do momento: a *gendarmaria*, as tropas da guarnição, e 5 a 6 mil homens da guarda imperial, tanto de pé, como de cavallo, que existem em Paris, e que se compoem de soldados veteranos que estaõ menos em estado de fazer a guerra, e de mancebos, commandados todos por officiaes escolhidos, a fianção a manutenção da boa ordem na capital.

Com tudo he util marchar para a formação destas companhias de guardas de corpo, e reunir ao exercito homens ainda na força da idade, cuja occupação saõ as armas, e que vivem em langor sem estado.

Finalmente he preciso abrir a carreira a mancebos, que, pela educação que tem recebido, estaõ desviados de tomar partido, como soldados; e que tendo chegado aos 24 ou 25 annos, se consideraõ como demaziadamente idozos para se exporem á fortuna de hum avanço lento na carreira militar.

Conformemente a estas vistas he que se conceberaõ as disposições do artigo 2. Os homens chamados para compor os quatro regimentos deveraõ fardar-se, equipar-se, e montar-se a sua custa: mas elles tem a segurança de obter a patente de official depois de doze mezes de companhia, e elles seraõ admissaveis na formação das quatro companhias de guardas de corpo, quando depois da campanha, se proceder a formação dellas: podera mesmo empregar se destacamentos de 300 a 400 homens para concorrer no serviço da Imperatriz, e do Rey de Roma.

Estes regimentos receberão o soldo dos cassadores a cavallo da guarda imperial.

Finalmente, os membros da Legião de honra, ou seos filhos poderaõ, se não tiverem fortuna bastante, ser equipados, e montados a custa da Legião.

Estas vantagens reunidas conduzirão, sem duvida, os filhos dos membros dos collégios eleitores de departamentos, de comarcas, de conselhos municipaes, os filhos dos mais ricos dos departamentos, e dos communs, de todos aquelles em fim que são depozitarios da authoridade publica, a fazer-se inscrever, e alistar nestes regimentos: e não restara mais desculpa a esses mancebos ociozos, que se queixaõ de não ter huma carreira aberta, e daõ mui frequentemente lugar a reprimir seos desvarios.

O titulo 3 faz hum novo appello de 80,000 homens sobre o primeiro bando tanto para o recrutamento do exercito, como para a formação de hum exercito de reserva; elle exceptua os homens cazados antes da publicação do *Senatus-Consulto*.

Este appello dará soldados da idade de 21 a 26 annos; e por consequencia homens na força da idade, susceptiveis de entrar em acção, logo que tiverem recebido a primeira instrucção.

As cohortes formadas pelo primeiro appello sobre este bando, justificaõ de antemão o que se deve esperar do nosso appello proposto.

Nos não dissimulamos tudo o que pode ter de penozo este appello das classes atrazadas: mas qual he o cidadão Francez que não conhece que he preferivel fazer hoje hum esforço, que evite para o futuro outros maiores, de que não se poderia esperar os mesmos resultados?

De resto, os appellos, e suas epochas devem ser determinadas por decretos do Conselho, e estas medidas de execucao serao tomadas da maneira a mais propria a prevenir toda a injustiça, e toda a difficuldade.

Vos conheceis, Senhores, a espirito de previdencia que dirige sempre Sua Magestade em seos projectos: assim para prevenir toda a especie de perigos e mesmo d'inquietaçoens, ella julgou necessario organizar hum exercito de reserva que acampado em nossas fronteiras, vigie ao hum mesmo tempo a sua defenza, e a manutenção da ordem entre os nossos aliados.

O titulo 4. torna disponiveis os 90,000 homens da conscripção de 1814, que tinhão sido destinados para defenza de nossas fronteiras do Ouest, e do meiodia; elles formaraõ o exercito de reserva sobre as fronteiras do exercito do Est, onde preencherão este novo destino.

A honra, e coragem das guardas nacionaes he que o Imperador confia a defesa de seis grandes portos da marinha militar; ás guardas nacionaes he que elle confia o cuidado de repellar todo o ataque de nossos inimigos sobre as costas do Imperio.

Vos vos lembraes, Senhores do ardor com que os habitantes de nossas costas marcharão contra a expedição dirigida contra o porto d'Anvers.

Mas este zelo precisa ser guiado; e o que se passou em 1809 demonstrou quanto era importante organizar o serviço da guarda nacional nas partes do Imperio em que se julgar necessario.

Os departamentos que são especialmente chamados para a defesa dos portos são designados pelo titulo 4.

A guarda nacional será organizada nos departamentos, se houver precisaõ disso, e as companhias de granadeiros, e cassadores serão completadas de maneira propria a apresentar em cada *arrondissement* * huma força de 15 a 30,000 homens effectivos, presentes, e sempre disponiveis.

No seio do Senado, Senhores, he que Sua Magestade quer escolher os Generaes a quem ha de encarregar de prezidir a organização destas companhias, e de as commandar.

Dando aos cidadaons, para os guiar neste caminho da honra, chefes que reúnem tantos titulos á consideração geral, S. M. quiz com isso animar a confiança das guardas nacionaes, tornar-lhe a obediencia mais facil, e garantir-lhes os respeitos, e considerações, que forem compatíveis com as necessidades do serviço.

Naõ se poraõ em actividade, em cada *arrondissement*, senaõ de 1,500 a 3,000 homens, os quaes seraõ postos naquelles pontos, em que sua prezença se julgar necessaria, e seraõ renovados todos os tres mezes, ou mais a miudo, de maneira, que naõ estejaõ longo tempo desviados de suas occupaçoens, e de seos negocios.

O Contingente de cada *arrondissement* estará prompto a marchar para os pontos que forem atacados; mas naõ se afastará de sua familia senaõ neste cazo, e somente durante o tempo que o perigo durar.

Este contingente reduzido ao *minimum* de 15,000 homens, por cada hum dos *arrondissements*, da 90,000 homens: ajuntando-lhe 2,000 guarda-costas, 6,000 homens das tropas da marinha, 2,000 obreiros que existem nos grandes portos, a guarda nacional local, quasi 4,000 nos depozitos do exercito

* Naõ sabemos ver.ladeiramente a propria significação de *arrondissement* ou a palavra que em Portuguez lhe corresponde.

de terra, que se achão ao alcance das costas, finalmente seis mil homens de *gendarmeria*, repartidos nos mesmos *arrondissements*; a defesa de nossas costas se acha garantida por mais de 250,000, independentemente da reserva de nossos granadeiros, e cassadores, que não entraõ no primeiro contingente, e que chegaõ a mais de 120 mil homens.

He com tudo por meio desta medida, que chama somente hum millesimo da população dos seis *arrondissements*, e isto somente para hum serviço temporario, que os 90,000 homens da conscripção de 1814 se tem feito disponiveis.

A situação actual da Europa, a necessidade em que se achão nossos inimigos de espalhar suas forças em Sicilia, em Portugal, no Canada, afasta toda a idea de que nossas costas possaõ ser atacadas; mas por muito improvavel, que seja hum ataque, basta que não seja impossivel, para que em sua alta sabedoria, S. M. não tenha hezitado em adoptar as medidas que vos são propostas.

Adoptando-as, Senhores, vos asseguraes a defesa de nossas costas, e de nossos portos: deste modo terá o Imperio hum exercito de 400,000 sobre o Elbo, hum de 200,000 em Hespanha, e 200,000 homens tanto sobre o Rhin, como na 33ª divisaõ militar, e em Italia.

E á vista de forças taes he que nossos inimigos concebem o projecto de desmembrar o Imperio, e de fazer entrar departamentos na indemnização de seos calculos politicos.

Esta luta he a ultima: a Europa tomará huma situação definitiva, e os successos do inverno de 1813 teraõ pelo menos para a França a vantagem de lhe ter feito conhecer seos amigos, e seos inimigos, a extensaõ de seos meios, a devoçaõ dos povos, e seu afferro á dynastia imperial.

DISCURSO

Do Conde Boullay sobre os motivos do segundo projecto do *senatus-consulto*.

Monseigneur—Senadores.

O artigo 92 das Constituiçoens do mez de Frimaire anno 8. previa o cazo em que circumstancias graves comprometteriaõ a segurança do Estado n'huma grande parte do Impe-

rio, e authoriza, por esta parte, a suppressão do regimen constitucional.

He a vos, Senhores, que pelo *Senatus-consulto* organico do mez de Thermidor anno 10. foi confiado o direito de pronunciar huma suspensão quando o Governo vo-lo propozer.

Nos vimos conforme as suas ordens propor-vos a applicação momentanea desta medida nos Departamentos do Ems superior das bocas do Weser, e das bocas do Elbo, que compoem a 32. divizão militar. As circumstancias em que se achao hoje estes departamentos vos parecerao mais que bastantes para vos resolver á adopção desta medida.

Vós vos lembraes, Senhores, dos motivos d'alta politica, que tornarao necessaria a uniao destes paizes ao Imperio. Os decretos emanados do Conselho Britanico em 1806 e 1807 tinhao aniquilado o tratado de Utrecht, destruida a liberdade do Commercio maritimo, e posto na dependencia da Inglaterra todas as Potencias Continentaes. A estes decretos respondeo S. M. pelos decretos de Berlin, e de Milaõ, cujo objecto era sujeitar a Inglaterra a hum bloqueio geral, e absoluto, e ter em sequestro, em seu seio, todas as suas mercadorias.

Querendo invadir todo o Commercio maritimo, zombando do direito das naçoens, a Inglaterra as forçava á adopção de hum systema necessario nao somente ao Imperio, e a seos aliados, mas ainda a todas as Potencias continentaes.

Com tudo antes de se resolver áquelle passo, Sua Magestade mandou propor ao Gabinete Britanico a revogação de seos decretos em conselho, consentir na paz, e liberdade de commercio; esta proposição foi rejeitada, e a uniao das cidades Anseaticas foi resolvida, e declarada.

Se nos consideramos o interesse destes departamentos, independentemente do interesse do Imperio, qual he a existencia politica, que estes interesses lhes deviaõ fazer dezejar?

Pertencer á Prussia? mas estes povos temiao o jugo de chumbo do Governo Prussiano; e este governo que nao tinha podido defender o centro de seos estados, teria podido proteger huma fronteira remota?

Pertencer á Inglaterra? Mas entao elles seriaõ o theatro de todas as guerras de Inglaterra com o Continente; e elles se sacrificavaõ á desgraça de supportar ao mesmo tempo os flagellos da guerra, e a incerteza da conquista.

Ficar Cidades Anseaticas? Mas ellas nao poderiao mais ser cidades independentes, depois que a Inglaterra nao quiz mais respeitar a neutralidade de alguma bandeira. O governo destas cidades pòde subsistir, quando

havia em torno dellas estados interessados em sua conservação, e quando a Inglaterra, não tendo ainda adquirido sobre os mares a superioridade de que ella abuzava, podia convir ás potencias belligerantes, que existisse huma bandeira neutra. Mas huma vez desfeito, as Cidades Anseaticas so tem podido procurar huma protecção na potencia de hum grande Estado que tarde, ou cedo lhes procurasse a posse das vantagens que sua posição lhes promette.

A uniaõ destes departamentos á França foi acompanhada de medidas proprias a juntar o Baltico ao Sena, a estabelecer huma communicação facil e segura entre os antigos, e novos vassallos, e a confundir todos os interesses por combinaçoens igualmente uteis a todos.

As vantagens desta uniaõ, Senhores, foraõ tambem conhecidas por todos os homens esclarecidos destes paizes; e bem depressa vimos huma deputação numeroza, e solemne das cidades Anseaticas trazer aos pez de throno de Sua Magestade a homenagem de seu reconhecimento, de sua devoção, e de sua fidelidade. Todos os beneficios de nosso systema politico foraõ communicados a estes novos departamentos; nossos codigos foraõ ali publicados; nossas instituiçoens foraõ ali postas em pratica; leis justas, extinguindo o que o feodalismo ali apresentava de odioso, e contrario aos principios da civilização, e de todo o bom Governo, tem ali respeitado todos os direitos da propriedade; e as vantagens desta legislação tem sido geralmente reconhecidas.

Tal era, Senhores, o estado destes paizes, quando as desgraças que huma estação rigorosa, e prematura fez descarregar sobre o grande exercito, vieraõ reanimar em nossos inimigos esperanças que nossas victorias tinhaõ desconcertado: urdirão-se todos os generos de intrigas: está formada huma nova coalizaõ em o Norte; e a Prussia julgando poder impunemente fazer desabafar seu odio, deo ao mundo o exemplo de huma odiosa perfidia. Em suas transacçoens os coalizados tem cedido a Noruega á Suecia, e promettido a Dinamarca, como indemnizaõ, nossos departamentos Anseaticos.

O Governo Dinamarquez rejeitou hum arranjo, que despojando-o de huma parte importante de seos Estados, não lhe offerencia em compensação mais do que huma esperança chimerica, e a certeza de huma guerra eterna com o Imperio. Hum Principe esclarecido, e sabio não se esqueceo dos ultrages da Inglaterra; conheceo seo verdadeiro interesse, e nos tem permanecido fiel.

Com tudo o inimigo tem-se aproximado aos vossos departamentos Anseaticos onde tem semeado germes de perturbação, e de revolta.

Te-los-ha elle cegado ao ponto de lhes persuadir que hade obter o subtrahi-los á obediencia, que devem a S. M.?

Que! porque huma tempestade que a prudencia não podia prever dispersou huma parte de nosso exercito victorioso, lizongeaõ-se nossos inimigos, que podem dispor de nõsso territorio á vontade de sua ambição! Julgaõ elles que nos podem dictar a lei, e conduzir-nos a huma paz vergonhoza! Seria sem duvida preciso queimar bem depressa nossas frotas, destruir nossos estaleiros, e reduzir-nos a 30 náos, como elles se atreveraõ o propor-nos. Privados de nossas colonias, e das vantagens do Commercio marítimo, seria preciso renunciar ainda ao nosso poder continental, deixar percer nossas manufacturas, e nossa industria nacional, e tornarmos-nos em todos os pontos os servis tributarios da Inglaterra: Não, não: a nação está d'acordo com seu Soberano; cheia de confiança na firmeza de seu character, e nos recursos do seu genio, jamais ella soffrerá que se faça o menor attentado á dignidade da coroa: ella desenvolvera, se for preciso, toda a sua energia para repellir pertençaens insensatas. Ella ja fez brilhar seos nobres sentimentos, e ver-se-ha perseverar nelles com huma constancia inabalavel.

Vos, Senhores, que sois os principaes orgaos deste povo generoso vos mostrareis seos dignos interpretes, sancionando as medidas, que vos são propostas. A que nos somos especialmente encarregados de vos apresentar está, como o dissemos no principio deste discurso, no cazo previsto por nossas constituiçãoens. Desde que o inimigo pizou o territorio dos departamentos Anseaticos; desde que elle excitou ali desordens, o sediçãoens, e que fez nascer esperanças criminozas, he evidente que o Imperio das leis constitucionaes, e ordinarias, cujo exercicio suppoem hum estado de coizas regular, e tranquillo deve ser ali suspenso para dar lugar a todas as medidas extraordinarias, que as circustancias podem exigir. Por outra parte esta suspensão não he senaõ por tres mezes: tudo nos induz a crer, que este mesmo tempo não sera necessario para fazer re-entrar os departamentos n'huma submissaõ perfeita, e ver-se-ha, não o duvidemos, todos os bons cidadaons, todos os homens esclarecidos deste paiz concorrer por si mesmos para o bom successo das medidas que Sua Magestade adoptar para fazer ali seguir o imperio da ordem, e das leis.

Os dois projectos de *Senatus Consultos* foram mandados examinar por huma commissão especial; e na sessã do dia 3 d'Abril foram adoptados.

NOTICIAES OFFICIAES DO EXERCITO FRANCEZ.

Pariz, 3 de Mayo.

S. M. a Imperatriz Raynha Regente, recebeu as seguintes noticias da situaçã do exercito aos 28 d'Abril.

O quartel-general do Imperador estava aos 28 em Nambourg; o Principe de Moskwa passou o Saale. O General Souham derrotou huma guarda avançada de 2,000 homens, que queriaõ disputar-lhe a passagem do rio. Todos os corpos do Principe de Moskwa estavaõ em ordem de batalha alem de Naumburg. O General Bertrand occupava Jena.

O Vice-Rey desembocou por Hall e Mersembourg. O Duque de Reggio, com o 12^{mo}. corpo tinha chegado a Saalfeldt. O General Sebastiani marchou aos 24 para Volzen, derrotou hum corpo de aventureiros, commandados pelo General Russiano Czernicheff; dispersou a infantaria; tomou parte de sua bagagem, e artilheria, e o perseguio, com a espada em cima delle até Luneburg o.

Pariz, 4 de Mayo.

S. M. moveo o seu quartel-general para Naumburg. O Principe de Moskwa marchou para Weissenfels. A sua guarda avançada, commandada pelo General Souham, chegou junto áquella cidade ás duas horas da tarde, e se achou na prezença do General Russiano Lanskoï, commandando este huma divisaõ de 6 ou 7 mil homens, cavallaria, infantaria, e artilheria. O General Souham não tinha cavallaria, mas sem esperar por ella marchou contra o inimigo, e o expulsou de suas pozicoens. O inimigo descubrio 12 peças d'artilheria: o General Souham pôs hum igual numero em bateria. A canhonada fez-se viva, e causou destruiçã nas fileiras Russianas, que estavaõ montadas e descubertas, em quanto as nossas peças eraõ sustentadas por atiradores, postados nas baixas, e aldeas. O General de Brigada, Che-

mineu se distinguio. O inimigo tentou varias cargas da cavallaria; a nossa infantaria o recebeo; formou-se em quadrado, e com o seu fogo cubrio o campo de batalha de Russianos, e de cavallos mortos. O Principe de Moskwa diz, que nunca vio, ao mesmo tempo mais enthusiasmo, e mais sangue frio na nossa infantaria. Nós entramos em Weissenfels; porém, vendo que o inimigo se queria conservar junto a cidade, a infantaria marchou contra elle a passo de ataque, com os *skakos* nas pontas das espingardas, e gritando "Viva o Imperador." A divisaõ do inimigo se retirou. A nossa perda em mortos e feridos foi cousa de 100 homens.

Aos 27 o Conde Lauriston marchou para Stettin, aonde o inimigo tinha parte de suas tropas. O General Maisons erigio huma bateria, que obrigou o inimigo a queimar a ponte, elle se apossou da cabeça de ponte, que o inimigo tinha construido.

Aos 28 o Conde Lauriston avançou em frente de Hall, aonde hum corpo Prussiano occupava a cabeça de ponte, derrotou o inimigo e o obrigou a evacuar a cabeça de ponte, e destruir a ponte. Houve huma forte canhonada das margens oppostas. A nossa perda foi de 67 homens: a do inimigo foi maito mais consideravel.

O Vice Rey ordenou ao Marechal Duque de Tarento que marchasse para Marsebourg. Aos 29, ás 4 horas da tarde, o Marechal chegou á frente daquella cidade, achou 2,000 Prussianos, que dezejavaõ defender-se ali: estes Prussianos pertenciaõ ao corpo d'York, daquelles mesmos, que o Marechal commandava em chefe, e que o abandonaraõ no Niemen. O Marechal entrou com toda a força, matou alguns homens, e tomou 200 prizioneiros, entre os quaes havia hum Major; e tomou posse da cidade e da ponte.

O Conde Bertrand tinha aos 29 o seu quartel-general em Dornbourg, sobre o Saale, occupando com huma de suas divizoens a ponte de Jena.

O Duque de Ragusa tinha o seu quartel-general em Koesen, junto ao Saale. O Duque de Reggio tinha o seu quartel-general em Saalfield, junto ao Saale.

A batalha de Weissenfels he notavel; porque foi huma contenda entre a infantaria e cavallaria, igual em numero, em hum campo aberto, e a vantagem ficou da parte da infantaria. Observaram-se os batalhoens novos comportando-se com tanto sangue frio e impetuosidade, como as tropas antigas. Eis aqui a abertura da campanha. O inimigo foi expulsado de todos os lugares que occupava na margem esquerda do Saale: e nos ficamos senhores de todas as desembocaduras daquelle rio. A junçaõ dos exercitos do Elbe

e do Mein está effectuada, e tomamos posse á viva força, das cidades de Naumburg, Weissenfels, e Marsebourg.

A fortaleza de Thorn capitulou: a guarnição deve voltar para Baviera: era composta de 600 Francezes, e 2,700 Bavaros: deste numero de 3,300 homens 1,200 estavaõ nos hospitaes. Ainda se não annuncia preparativo algum para o principio do cerco de Dantzic: a guarnição estava em excellente estado, e senhora do terreno de fora. Modlin, e Zamosc não soffriam incommodo serio. Em Stettin houve huma acção viva: havendo o inimigo trabalhado por se introduzir entre Stettin e Dam, foi expulsado para os pantanos, e 1,500 Prussianos foram mortos ou aprisionados. Huma carta de Glogau nos informa que aquella fortaleza, aos 21 de Abril estava no melhor estado possivel. Em Custrin não havia nada de novo. Spandau estava sitiada: voou hum armazem de polvora; e o inimigo dezejando tirar partido desta circumstancia para dar o assalto, foi repulsado, perdendo 1,000 homens mortos ou feridos. Não se tomaraõ prizioneiros; porque estavaõ separados por pantanos.

Os Russianos atiraraõ algumas bombas em Wittenberg, e queimaraõ parte da cidade; tentaraõ hum ataque a viva força, mas fóraõ mal succedidos. Perdêraõ 500 a 600 homens.

A seguinte parece ser a pozição dos exercitos Russianos. Hum corpo de partidarios, commandados por hum homem chamado Dorneberg, que em 1809 éra capitaõ das guardas d'El Rey de Westphalia, e que vilmente atraiçou os seus deveres, estava em Hamburgo, e fazia excursões entre o Elbe e o Weser. O General Sebastiani o cortou do Elbe. Os dous corpos Prussianos dos Generaes Lecoq e Blucher pareciaõ occupar, o primeiro a margem direita do baixo Saale; o segundo a margem direita do Saale superior.

Os Generaes Russianos Winzingerode e Wittgenstein occupavaõ Leipsic; o General Barclay de Tolli estava no Vistula, observando Dantzic: o General Sacken estava diante do corpo Austriaco, na direcção de Cracowia, juncto ao Pilau.

O Imperador Alexandre, com as guardas Russianas, e o General Kutusoff, com couza de 20,000 homens pareciaõ estar sobre o Oder; elles annunciaraõ primeiro que estariaõ em Dresden aos 12, e ao depois aos 20 de Abril: nada disto se realizou. O inimigo parece manter-se no Saale.

Os Saxonios estaõ em Torgau.—A seguinte he a pozição dos exercitos Francezes;—O Viceroy tinha o seu Quartel General em Mansfeld, a sua esquerda na margem esquerda do Saale, occupando Calbe e Bernenburg, aonde está o

Duque de Belluno. O General Lauriston, com o 5 corpo occupava Asleben, Sondusleben, e Gerbolet. A divizaõ 31 estava no Eislaben; a 36, e 35, estavaõ na retaguarda, como reserva. O Principe de Moskwa, e o seu corpo na avançada de Weimar. O Duque de Ragusa estava em Gotha: o 4 o corpo commandado pelo General Bertrand estava em Saalfeld; o 12 corpo debaixo das ordens do Duque de Reggio chegou a Cobourg.

As guardas estaõ em Erfurt, aonde o Imperador chegou as 11 horas na noite de 25. Aos 26 S. M. passou revista ás guardas, fez a inspecçaõ das fortificaçoens da praça e cidadella. Designou os lugares aonde se deviam estabelecer os hospitaes, que contenham 6,000 doentes, tendo ordenado que Erfurt fosse a ultima linha da evacuaçaõ. Aos 27, o Imperador passou revista á divisaõ Bonet, que forma parte do 6 corpo, debaixo das ordens do Duque de Ragusa. Todo o exercito apparece em movimento; e ja retrocederaõ todas as partidas que o inimigo tinha na margem esquerda do Saale, 3,000 de cavalaria tinhaõ marchado para Nordhausen, a fim de penetrar para Wartz; e outra partida avançada para Heiligenstadt para ameaçar Cassel; todos estes se retiráraõ precipitadamente, deixando doentes, feridos, e extraviados, que foraõ aprisionadas. Desde as alturas de Ebersdorf, até a boca do Saale não ha ja inimigos na margem esquerda. A junçaõ dos exercitos do Elbe e Mein teve lugar aos 27, entre Naumburg e Marsebourg.

Bremen, 24 de Abril.

Hontem as 7 horas da tarde, S. A. o Principe de Eckmuhl estabeleceo o seu Quartel General aqui.

Weimar, 30 de Abril.

S. M. o Imperador passou por aqui ás 2 horas da tarde na dia 28. O Duque de Weimar, Principe Bernardo, foi a seu encontro, até os confins de seu territorio. S. M. se apeou no palacio e conversou com a Duqueza por duas horas; depois do que S. M. montou a cavallo e foi ter a 6 leguas dali, em Eckarsberg, aonde estava o seu quartel-general. Os Principes, havendo escoltado S. M. até ali, tivéraõ a honra de jantar no seu quartel-general. He immenso

numero de tropas que tem passado por aqui. Nunca vimos taõ bellos trens d'artilheria nem conboys de equipagem militar em melhor estado.

Pariz, 7 de Mayo.

S. M., a Imperatriz Raynha, recebeu as seguintes noticias, relativas á situação do exercito no 1 de Mayo:—

O Imperador mudou o seu quartel-general para Weissenfels; o Vice-Rey mudou o seu para Mersebourg; o General Maison entrou em Halle: o Duque de Ragusa tinha o seu quartel-general em Naumburg, o Conde Bertrand estava em Slohssen; o Duque de Reggio tinha o seu quartel-general em Jena.

Houve muita chuva aos 30 d'Abril. No 1 de Mayo estava melhor o tempo. Lançaraõ-se 3 pontes sobre o Saale em Weissefels. Começaraõ-se em Naumburg obras de campanha; e ali se lançaraõ sobre o Saale 3 pontes. 15 granadeiros foraõ cercados, entre Jena Saalfield, por 95 hussares Prussianos. O Commandante que éra hum Coronel, avançou dizendo “Francezes rendei-vos.” O sargento matou-o; os outros granadeiros formaraõ huma pelotaõ, mataraõ 7 Prussianos; e os hussares se retiraraõ com mais pressa do que vieraõ.

As diferentes partes das guardas antigas se ajuntaraõ em Weissenfels: o General de Divisaõ Roguet, as comanda.

O Imperador visitou os postos avançados, naõ obstante a inclemencia do tempo. S. M. goza da melhor saude.

O primeiro golpe de espada, que se deo na renovação desta campanha em Weimar, cortou a orelha do filho do Major-general Blucher. Deo este golpe hum Marechal de Logis, do 10^{mo}. de hussares. Os habitantes de Weimar notaõ, que o primeiro golpe de espada, na campanha de 1806, em Saalfield, e que matou o Principe Luiz de Prussia, foi dado por hum Marechal de Logis deste mesmo regimento.—
Moniteur de 8 de Mayo.

No 1 de Mayo, o Imperador montou a cavallo ás nove horas da manhaã, com o Principe de Moskwa. A divisaõ do General Souham se pôz em movimento para huma bella

planicie, que começa nas alturas de Weissenfels, e se estende para o Elbo : esta divisaõ se formou em quadrados de 4 batalhoens, cada quadrado distando do outro 500 toesas, e tendo 4 peças d'artilheria. Por detraz dos quadrados estava a brigada de cavallaria do General Laboissiere, debaixo das ordens do Conde Valmy, que acabava de chegar ali. As divisoens Girard e Marchant vinhaõ por detraz em escaloens ; e se formaraõ da mesma sorte que a divisaõ Souham. O Marechal Duque de Istria estava na direita com toda a cavallaria das guardas.

As 11 horas se fez a seguinte disposiçaõ: o Principe de Moskwa, na presença de huma nuvem de cavallaria inimiga, que cubria a planicie, se pos em movimento no desfiladeiro de Poserna: apossou-se de varias aldeas sem descarregar hum so golpe. O inimigo occupou as alturas do desfiladeiro, huma das melhores posiçoens que se podem ver : tinha 6 peças d'artilheria, e apresentava 3 linhas de cavallaria. O primeiro quadrado passou o desfiladeiro a passo dobrado, entre os gritos de " Viva o Imperador," que continuaraõ por muito tempo na linha. Apossou-se das alturas. Os quatro quadrados da divisaõ Souham passaraõ o desfiladeiro. Vieraõ reforçar o inimigo outras duas divisoens de cavallaria, com 20 peças d'artilheria. Fez-se activa a canhonada. O inimigo cedeo terreno em toda a parte. A divisaõ Souham marchou para Lutzen ; a de Girard tomou o caminho de Pegau. O Imperador desejando reforçar as baterias desta ultima divisaõ, mandou-lhe 12 peças das guardas, debaixo das ordens de seu Ajudante de Campo, o General Drouet, e este reforço fez prodigios. As filas da cavallaria inimiga foraõ derrotadas pela metralha. No mesmo instante o Vice-Rey desembocou de Mersembourg com o 11 corpo, commandado pelo Duque de Tarentum : e o 5. commandado pelo General Lauriston. O corpo deste General estava na esquerda, sobre a estrada de Mersembourg a Leipsic: o do Duque de Tarentum, aonde se achava o Vice-Rey, estava na direita. O Vice-Rey, ouvindo a forte canhonada que houve em Lutzen, fez hum movimento para a direita do Imperador, quasi ao mesmo tempo na aldea de Lutzen. A divisaõ Marchant, e depois as divisoens Brenier e Ricard, passaraõ o desfiladeiro ; mas o negocio estava concluido quando ellas entraraõ nas linhas. Portanto 15,000 cavallos foram expulsados da planicie, por hum numero quasi igual de infantaria. O General Winzingerode era quem commandava estas 3 divisoens, huma das quaes era a do General Lanskoi. O inimigo desdobrou somente huma divisaõ de infantaria. Tendo se feito mais prudente pela batalha de Weissenfels, e admirado da bella ordem e sangue frio da nossa marcha, o inimigo naõ se atreveo, a aproximar-se com algu-

ma parte de sua infantaria ; e foi esmagado pelo nosso fogo de metralha. A nossa perda chegou a 33 homens mortos e 55 feridos, e hum chefe de batalhaõ.

Esta perda se pode considerar como infinitamente insignificante, comparada com a do inimigo, que teve 3 Coroneis mortos, 30 officiaes, e 400 soldados mortos ou feridos ; alem de grande numero de cavallos : mas por huma destas fatalidades, de que está cheia a historia da guerra, a primeira bala de canhaõ que se atirou neste dia ferio o pulso do Duque de Istria, passou-lhe a virilha, e matou o instantaneamente. Elle tinha avançado 56 passos do lado dos atiradores, a fim de reconhecer a planicie. Este Marechal que tem justo titulo a ser chamado valoroso e justo, era igualmente recommendavel pelo seu golpe de vista militar ; pela sua grande experiencia em manejar a cavallaria ; pelas suas qualidades civis, e pela sua afeição ao Imperador. A sua morte no campo da honra, he tanto mais digna de enveja ; foi taõ rapida, que não lhe deve ter custado dor. Ha poucas perdas, que pudessem affectar mais o coração do Imperador ; o exercito e toda a França participará do sentimento de S. M. O Duque de Istria, desde as primeiras campanhas da Italia ; isto he, pelo espaço de 16 annos, sempre teve, em diferentes postos o commando da guarda do Imperador, que seguio em todas as suas campanhas e batalhas. O sangue frio, boa vontade, e intrepidez dos soldados moços, admira os veteranos, e todos os officiaes ; he huma proya do dictado, que para com as almas bem nascidas, a virtude não espera pelos annos.

S. M. tinha o seu quartel-general em Lutzen, na noite de 1 para 2 de Mayo. O Vice-Rey esta em Markrandstedt : o Principe de Moskwa esta em Kava ; e o Duque de Ragusa em Poserna. O General Bertrand esta em Stokssen ; o Duque de Reggio marcha para Naumberg. Em Dantzic obteve a guarnição grandes vantagens, e foi bem succedida em huma sortida, em que aprisionou hum corpo de 3,000 Russianos. A guarnição de Wittenberg tambem parece que se tem distinguido, e em huma sortida que fez causou ao inimigo grandes damnos.

Huma carta em cyfra, que se recebeu neste momento da guarnição de Glogau, he concebida nestes termos :—

“ Tudo vai bem : os Russianos tem feito varias tentativas contra esta praça ; e tem sempre sido repulsados com grande perda : 3 ou 4,000 homens nos bloqueam : algumas vezes menos, outras mais. Estaõ abertas as trincheiras : o fogo das nossas baterias os obrigou a abandonar o projecto por dous dias.—Glogau, 13 d' Abril.

(Assignado)

General LAPLANE.”

S. M. a Imperatriz Rainha, e Regente, recebeu noticias do Imperador, do campo de batalha, duas leguas adiante de Lutzen, aos 2 de Mayo, 10 horas da noite, ao momento em que o Imperador se hia deitar na cama para gozar de huma hora de sono:—

“ O Imperador informa a S. M. que alcançou a mais completa victoria sobre o exercito Russiano e Prussiano, commandados pelo Imperador Alexandre e Rey de Prussia em pessoa: que nesta batalha se dérao mais de 150,000 tiros de canhão: que as tropas se cubrião de gloria, e que não obstante a immensa inferioridade de cavallaria, que tinha o exercito Francez; a boa vontade e coragem inherente aos Francezes supprio tudo: o inimigo foi vivamente perseguido.— Nenhum Marechal, nenhuma pessoa pertencente á familia do Imperador foi morto ou ferido.

ULTERIORES NOTICIAS DO EXERCITO FRANCEZ.

Paris, 8 de Mayo.

S. M. a Imperatriz Rainha, e Regente, recebeu a seguinte noticia do exercito.

As batalhas de Weissenfels e Lutzen foram somente o preludio de acontecimentos mais importantes. O Imperador Alexandre e El Rey de Prussia, que tinhao chegado a Dresden com as suas forças no fim de Abril, sabendo que o exercito Francez tinha desembocado da Thuringia, adoptaram o plano de dar batalha nas planicies de Lutzen, e se puzeram em movimento para occupar a posição: porem anticipados pela rapidez dos movimentos do exercito Francez; elles persistiraõ no seu projecto, e resolveraõ atacar o exercito, e expulsallo das posiçoens que tinha tomado.

Aos 2 de Mayo, pelas 9 horas da manhaã a posição dos exercitos Francezes era a seguinte. A esquerda do exercito se apoiava contra o Elster; era formada pelo Vice-Rey, tendo de baixo de suas ordens o 5 e 11 corpo. O centro era commandado pelo Principe de Moskwa, na aldeia de Kara. O Imperador, com as guardas antigas e novas, estava em Lutzen. O Duque de Ragusa estava no desfiladeiro de Poserna, e formava a direita, com as suas tres divisoens. O General Bertrand, commandando o 4. corpo marchou para este desfiladeiro. O inimigo desembocou e passou o Elster nas pontes de

Zwenkaw, Pegau, e Zeist. O Imperador esperando anticipallo neste movimento, e pensando que não poderia atacar ate as 5, mandou avançar o General Lauriston, cujo corpo formava o extremo da esquerda; determinando-lhe que marchasse para Leipsic, a fim de desconcertar os projectos do inimigo, e pôr o exercito Francez, para o dia 3, em posição totalmente differente da em que o inimigo esperava achallo; e da que na realidade estava aos 2; e por este meio levar a confusão e desordem ás suas columnas.

As 9 horas da manhã, tendo S. M. ouvido huma canhonada da parte de Leipsic partio para ali a todo o galope. O inimigo defendeo a pequena aldea de Tastenaa, e as pontes na avançada de Leipsic. S. M. esperou somente o momento em que se tomasse esta ultima posição, para pôr em movimento o seu exercito naquella direcção, fazer o centro de movimento sobre Leipsic, passar para a margem direito do Elster, e tomar o inimigo de revez: porem ás 10 horas o exercito do inimigo desembocou para Kara, em varias columnas entremamente profundas; obscureciaõ ellas o orizonte. O inimigo apresentou forças que pareciaõ immensas.

O Imperador fez immediatamente as suas disposições. O Vice-Rey recebeu ordens de marchar para a esquerda do Principe de Moskwa; porem foram necessarias 3 horas para executar este movimento. O Principe de Moskwa poz a sua gente em armas, e com 5 divisoens sustentou a batalha, que no fim de hora e meia se fez terrivel. S. M. marchou em pessoa a frente da ultima guarda, por detraz do centro do exercito, sustentando a direita do Principe de Moskwa. O Duque de Ragusa com as suas 3 divisoens occupou o extremo da direita. O General Bertrand teve ordem de desembocar sobre a reta-guarda do inimigo, ao momento em que a linha estivesse mais empenhada na acção. A fortuna quiz coroar com o mais brilhante successo todas estas disposições. O inimigo, que parecia estar certo do bom successo de sua empreza, marchou para alcançar a nossa direita, e ganhar a estrada de Wessfels. O General Compans, general de batalha do primeiro merecimento, á frente da primeira divisaõ do Duque de Ragusa o fez parar. Os regimentos de marinha supportaraõ varios ataques com sangue frio, e cubrião o campo de batalha com a melhor cavallaria inimiga, porem os maiores esforços da infantaria, cavallaria, e artilheria foraõ dirigidos contra o centro. Quatro das 5 divisoens do Principe de Moskwa estavaõ ja em acção. A aldea de Kara foi tomada, e retomada varias vezes. Esta aldea ficou no poder do inimigo. O Conde de Lobau ordenou ao General Ricard que a tomasse; e foi retomada.

A batalha abraçou huma linha de duas leguas, cubertás de fogo, fumo, e enuvens de poeira. O Principe de Moskwa, Ge.

neral Souham, General Girard se acharam em toda a parte, fazendo frente contra tudo, feridos com varias balas. O General Girard desejou permanecer ali no campo de batalha, declarando que queria morrer commandando e dirigindo as suas tropas, porque tinha chegado o momento em que todo o Francez, que possuísse alguma coragem devia vencer ou morrer. Com tudo começamos a perceber de longe apoeira, e primeiro fogo do corpo do General Bertrand: ao mesmo momento o Vice-Rey entrou na linha pela esquerda, e o Duque de Tarento atacou a reserva do inimigo, e alcançou a aldea sobre que o inimigo apoiava a sua direita. A este momento o inimigo redobrou os seus esforços no centro: a aldea de Kara foi tomada outra vez: o nosso centro retrocedeo (*flechit*); alguns batalhoens se desbandaraõ; mas estes valorosos moços, á vista do Imperador se tornaraõ a formar exclamando "Viva o Imperador." S. M. julgou que era chegado o momento critico, que decide da perda ou ganho das batalhas: não havia hum instante a perder. O Imperador ordenou ao Duque de Treviso, que marchasse com 16 batalhoens das guardas novas para a aldea de Kara, derrotasse o inimigo, tomasse a aldea, e vencesse tudo quanto se lhe oppuzesse. No mesmo momento S. M. ordenou ao seu Ajudante-de-Campo, General Drouet, hum official d'artilheria de grande distincção, que formasse huma bateria de 80 peças, e que a postasse na avançada das guardas antigas, que foram formadas em escaçoens, e quatro redutos para sustentar o centro: toda a nossa cavallaria se formou em batalha por detraz. Os Generaes Dulaulay, Drouet, e Devaux, partiraõ a todo o galope, com as suas 80 peças de artilheria no mesmo montaõ. O fogo se fez horro-rozo, o inimigo cedeo de todos os lados. O Duque de Treviso obteve a posse da aldea de Kara, derrotou o inimigo, e continuou a avançar tocando a degolar. A cavallaria do inimigo, a sua infantaria, e artilheria, tudo se retirou.

O General Bonnet, commandante de huma das divisoens do Duque de Ragusa, recebeu ordens para fazer hum movimento sobre Kara, pela sua esquerda e manter o bom successo do centro: elle supportou varios ataques da cavallaria: com tudo o General Conde Bertrand avançou, e entrou na linha. Em vaõ a cavallaria do inimigo saltou ao redor de seus quadrados: nem por isso relaxou a sua marcha. Para se lhe unir com maior promptidaõ, o Imperador ordenou huma mudança de direcção fazendo centro de movimento em Kara. Toda a direita mudou de frente, a ala esquerda em avançada. O inimigo entaõ fugio, e nos o perseguimos por legua e meia; depressa chegamos ás alturas, que tinhaõ sido occupadas pelo Imperador Alexandre e pelo Rey de Prussia, e familia de Brandenburg, durante a batalha. Hum official que se to-

mou prisioneiro nos informou desta circumstancia. Tomamos alguns milhares de prisioneiros. O numero não podia ser mais consideravel pela nossa falta de cavallaria, e considerando o desejo que o Imperador tinha de a poupar.

No principio da batalha o Imperador disse ás tropas: — “ He esta batalha como as do Egypto: huma boa infantaria, sustentada pela artilheria, deve ser sufficiente.”

O General Gourre, chefe do estado-maior do Principe de Moskwa, foi morto; morte esta digna de tão bom soldado! A nossa perda foi de 10,000 homens mortos ou feridos. A do inimigo se pode avaliar em 25 ou 30,000 homens. As guardas Russianas e Prussianas foram destruidas. As guardas do Imperador de Russia soffreraõ consideravelmente, e as duas divisoes do 10mo. regimento de couraçeiros Russianos foram destruidas. S. M. não pôde dar sufficiente louvor á boa vontade, coragem, e intrepidez do exercito. Os nossos soldados moços não consideraraõ no perigo. Neste grande exemplo mostraraõ toda a nobreza do sangue Francez. O Chefe do Estado-maior, na sua relação, menciona as bellas acçoens, que derramaõ lustre sobre este brilhante dia: que, como hum trovão, e raio, pulverizou as chimericas esperanças, e todos os calculos, para a destruição e desmembramento do Imperio. O nebuloso trem que o Gabinete de S. James ajuntou todo o inverno, foi dissipado em hum momento, assim como o nó Gordio foi cortado pela espada d' Alexandre.

O Principe de Hesse-Homberg foi morto. Os prisioneiros dizem, que o moço Principe Real de Prussia ficou ferido, e foi morto o Principe de Mecklembourg Strelitz. A infantaria das guardas antigas, das quaes so tinhaõ chegado seis batalhoens, pela sua presença conservaõ a acção com o sangue frio que as caracteriza; não deraõ fogo a huma só espingarda. Metade do exercito não entrou em acção; porque as 4 divisoes do corpo do General Lauriston não fizeraõ mais do que occupar Leipsic: as tres divisoes do Duque de Regió estavaõ ainda a tres dias de marcha do campo de batalha. O Conde Bertrand não carregou senão com huma de suas divisoes, e tão ligeiramente, que não perdeu mais de 50 homens; a sua 2. e 3. divisão não entraraõ em combate. A 2. divisão das guardas novas, commandada pelo General Barrois, estava ainda na distancia de 5 dias de marcha; aconteeo o mesmo a metade das guardas antigas, commandadas pelo General Decowe, que entaõ se achava em Erfurt. O corpo do Duque de Belluno estava tambem a 3 dias de marcha do campo de batalha. O corpo de cavallaria do General Sebastiani, com as 3 divisoes do Principe de Eckmuhl, estavaõ sobre as margens do Elbo.

O exercito alliado, composto de 150,000, a 200,000 ho-

mens, commandados pelos dous Soberanos, com hum grande numero de Principes da casa de Prussia, foi assim derrotado, e posto em fugida, por menos da metade do exercito Francez. O campo de batalha apresentou a mais triste scena; os soldados novos vendo o Imperador, esqueciaõ-se do que padeciaõ, e gritavaõ. “Viva o Imperador.” Este lhes disse, “Ha vinte annos que commando os exercitos Francezes; porem nunca vi tanto valor e devoçaõ.” A Europa estaria por fim em paz, se os Soberanos, e Ministros, que dirigem os seus Gabinetes podessem estar presentes ao campo de batalha. Elles perderiaõ todas as esperanças de fazer mergulhar a estrella da França, e perceberiaõ que aquelles conselheiros que desejaõ desmembrar o Imperio Francez, e humilhar o Imperador, estaõ preparando a ruina de seus Soberanos.

Moniteur, de 9 de
Maio, 1813.



9 de Maio.—A Imperatriz Rainha, Regente, recebeu a seguinte noticia do exercito, datada de 3 de Maio; 9 horas da noite:—

O Imperador, ao romper do dia 3, atravessou o campo de batalha. As 10 horas se pôz em movimento para seguir o exercito. Aos 3 pela noite estava o seu quartel-general em Pegau. O Vice-Key tinha o seu em Wichstand, meio caminho entre Pegau e Borna. O Conde Lauriston, e seu corpo não tem tomado parte na batalha. O Duque de Reggio marchava de Naumberg para Zeist. O Imperador de Russia passou por Pegau na noite de 2, e chegou á aldea da Loberstedt ás 11 horas da noite. Descançou ali 4 horas, e partio aos 3, pelas 3 horas da manhaã para Borna.

O inimigo não se tem recobrado de sua admiraçaõ, achando-se batido em taõ extensa planicie, por hum exercito taõ inferior em cavallaria: varios coroneis e officiaes superiores, que ficaraõ prisioneiros nos asseguraõ, que no quartel-general do inimigo não se soube que o Imperador estava presente no exercito, senaõ depois de ter começado a batalha. Elles criam que o Imperador estava em Erfurt.

Como sempre acontece em semelhantes circumstancias, os Prussianos accusaõ os Russianos de os não terem sustentado—os Russianos accusaõ os Prussianos de não terem pelejado bem: ha a maior confusaõ em sua retirada. Varios dos pre-tenso voluntarios, que se levantaraõ na Prussia ficaraõ prisioneiros: causaõ elles compaixaõ. Todos declaraõ que fo-

raõ alistados por força, e sob pena de verem a sua propriedade e a de suas familias confiscadas. Os camponezes dizem, que foi morto o Principe de Hesse-Homburgh; e que forão mortos e feridos varios generaes Russianos e Prussianos. O Principe de Mecklemburg-Strelitz taõ bem se diz que fóra morto; mas todas estas noticias saõ só rumores. A alegria destes paizes, vendo-se livres dos Cossacos, he indizível. Os habitantes fallaõ com desprezo de todas as proclamaçoens, e tentativas, que se tem feito para os excitar á insurrecção.

O exercito Russiano e Prussiano era composto dos corpos dos Generaes Prussianos York, Blucher, e Bulow, e dos Generaes Russianos Winzingerode, Milarodowitch, e Tor-mazow. As guardas Russianas e Prussianas, tambem ali se achavaõ. O Imperador de Russia e Rey de Prussia, o Principe Real de Prussia, e todos os Principes da caza Real de Prussia, se acharaõ na batalha.

O exercito combinado Russo-Prussiano se avalua a 150, ou 200,000 homens. Estavaõ ali todos os Couraçeiros Russianos, e soffrêram muito.

Moniteur, de 10 de
Maio, 1813.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha, Regente, recebeu as seguintes noticias da situação dos exercitos aos 4 de Maio pela tarde :—

O quartel-general do Imperador estava na noite de 4, em Borna. O do Vice-Rey em Kolditz. O do General Conde Bertrand em Frehburg. O do General Conde Lauriston em Malbus: o do Principe de Moskwa em Leipsic, o do Duque de Reggio em Ceist.

O inimigo se retirava para Dresden na maior desordem, e por todos os atalhos. Todas as aldeas nas estradas estavaõ cheias de feridos Russianos e Prussianos.

O Major General Principe de Neufchatel deo ordens para o enterro do Principe de Mecklenburg Strelitz, em Pegau, na manhaõ de 4, e com todas as honras devidas á sua graduação.

Na batalha de 2, o General Dumoutier, que commandava a divisaõ das guardas novas, sustentou a reputação que tinha ja adquirido, na campanha precedente. Elle faz grandes elogios á sua divisaõ. O general de divisaõ Brenier ficou mal ferido. Os Generaes de Brigada Chemineau e Grillot, forão feridos e soffrêrem amputação. Por hum calculo que se fez do numero

de tiros de peça, que se deram na batalha, se achou ser menos consideravel do que ao principio se crêo ; só se atiraráo 39,500 tiros. Na batalha de Moskwa se atiraraõ mais de 50,000.

10 de Maio.

Sua Magestade a Imperatriz Rainha, e Regente recebeu a seguinte noticia da situação dos exercitos na noite de 5 :—

O Quartel General do Imperador estava em Colditz : o do Vice-Rey, em Harta : o do Duque de Ragusa por detraz de Colditz, o do General Lauriston em Wurtzen, o do Principe de Moskwa em Leipsic, o do Duque de Reggio em Altenburg, e o General Bertrand em Rochlitz.

O Vice-Rey chegou a Colditz aos 5, pelas nove horas da manhã. Foi cortada a ponte e algumas columnas de infantaria e cavallaria, com artilheria, se oppuzeraõ á nossa passagem. O Vice-Rey com a sua divisão passou o rio, em hum vão na esquerda ; e ganhou a aldea de Komuhan, aonde erigio huma bateria de 20 peças de artilharia ; entãõ o inimigo evacuou o lugar de Colditz em grande desordem, e desfilando ficou exposto ao fogo das nossas 20 peças de artilharia. O Vice-Rey perseguio o inimigo com vigor : era o resto do exercito Prussiano, cousa de 20 ou 25 mil homens, que tomaraõ a direcção parte para Leissing ; e parte para Gersdorf.

Tendo chegado a Gersdorf, as tropas do inimigo passaraõ por huma reserva que occupava esta posição : era hum corpo de Russianos, de Milarodowitch, composto de duas divisõens montando a quasi 8000 homens em armas. Os Regimentos Russianos consistindo sómente de 2 batalhoens, de 4 companhias cada hum ; e não consistindo as companhias de mais de 150 homens, mas ao presente não tem mais de 100 homens cada huma em armas, o que não chega a mais de 700 ou 800 homens por cada regimento : estas duas divisõens de Miloradowitch chegaraõ ao momento em que a batalha estava acabada, e não poderaõ tomar parte nella. Immediatamente que a divisão 36. se unio á 35, o Vice Rey deo ordens para que o Duque de Tarento formasse as duas divisõens em 3 columnas, e expulsasse o inimigo de suas posiçoens. O ataque foi vivo, os nossos valentes soldados se precipitaraõ sobre os

Russos, penetraram, e os levaram até Harta. Nesta acção tivemos 500 ou 600 feridos, e tomamos 1,000 prisioneiros. O inimigo perdeu neste dia 2,000 homens. O General Bertrand, tendo chegado a Rochlitz, tomou varios comboys de feridos e doentes, alguma bagagem, e prisioneiros. Mais de 1,200 carros de feridos passaraõ por este caminho. El Rey de Prussia, e o Imperador Alexandre dormiraõ em Rochlitz.

Hum ajudante official inferior do 17 provisional que foi feito prisioneiro na batalha de 2, pode escapar-se, e deo informaçãõ, que o inimigo tinha soffrido grandes perdas, e se estava retirando na maior desordem: que, durante a batalha os Russianos, e Prussianos conservaõ as suas bandeiras na reserva, o que foi causa de que nós não tomassemos alguma: que elles tomaraõ 111 prisioneiros dos nossos, entre os quaes ha 4 officiaes; que estes prisioneiros foraõ conduzidos para a retaguarda do destacamento encarregado das bandeiras; que os Prussianos trataõ os seus prisioneiros muito mal: que dois prisioneiros não podendo caminhar por extrema fadiga, foraõ atravessados á espada: que foi extrema a admiraçãõ dos Prussianos e Russos, achando taõ numeroso exercito, e taõ bem disciplinado, e supprido de tudo o necessario; que existia huma muito má intelligencia entre elles, e que mutuamente se accusavaõ huns aos outros de serem causa de suas perdas.

O General Conde Lauriston se poz em marcha de Vevetzen, pela estrada de Dresden. O Principe de Moskwa marchou para o Elbo para fazer levantar o assedio do General Thielman, que commanda em Torgau, e tomar a sua posiçãõ neste ponto, e fazer levantar o bloqueio de Wittenberg. Parece que esta ultima praça tem feito huma bella defenza, e repulsado varios ataques que custaraõ ao inimigo mui caro. Os Prussianos dizem que o Imperador Alexandre, achando que a batalha estava perdida, passou de cavallo pelas linhas Russianas, para animar os seus soldados, gritando-lhes, "Animo, Deus he com nosco." Dizem mais que o General Prussiano Blucher ficou ferido, e que outros cinco generaes de obrigada Prussianos foraõ mortos ou feridos.

Moniteur, de 11 de
Maio de 1813.

12 de Maio.

S. M. a Imperatriz Rainha e Regente recobeeo a seguinte noticia, relativa á situaçãõ dos exercitos em a noite de 6.

O quartel General do Imperador e Rey estava em Waldheim; e do Vice Rey em Ertzdorf; o do General Lauriston em Oschartz; o do Principe de Moskwa entre Leipzic, e Torgau; o do Conde Bertrand em Mettweyda; e o do Duque de Reggio em Poneg.

O inimigo queimou em Waldheim huma bella ponte de hum arco, o que nos demorou por algumas horas. A sua retaguarda quiz defender a passagem, mas foi repellida para Ertzdorf. A poziçãõ deste ultimo ponto he mui bella: o inimigo a quiz conservar, depois de queimada a ponte: o Vice Rey mandou flanquear a aldea pela direita, e pela esquerda: o inimigo estava por de traz das quebradas. Houve entãõ hum vivo fogo de mosqueteria, e artilheria. Marchamos rapidamente para a direita do inimigo, e a poziçãõ foi tomada. O inimigo deixou no campo da batalha 200 mortos. O General Vandame tinha o seu quartel General em Harburg no 1 de Maio. As nossas tropas tomãõ hum cutter Russiano armado com 20 peças. O inimigo tornou a passar o Elbo com tanta precipitaçãõ, que deixou na margem esquerda grande numero de botes proprios para atreversar o rio, e muita bagagem. Os movimentos do grande exercito tem ja cauzado grande consternaçãõ em Hamburgo. Os *traidores* Hamburguezes vem que o dia da vingança se aproxima rapidamente.

O General Dumonceau estava em Luneburgo. Na batalha de 2 foraõ levemente feridos os officiaes de artilheria Beringere, e Pretil.

A seguinte he a relaçaõ que o inimigo tem dado da batalha: devemos esperar que elles cantem o *Te Deum* em St. Petersburgo, como fizeraõ pela batalha de Moskwa. (*Segue-se a relaçaõ: veja-se o artigo Prussia.*)

14 de Maio.

S. M. a Imperatriz Rainha e Regente recebeo a seguinte conta a respeito da situaçãõ dos exercitos ate o dia 9 pela manham.

A 7 o Imperador tinha o seu quartel General em Nossen. Entre Nossen e Wilsdruf encontrou-se o Vice Rey com o

inimigo postado por de traz de huma torrente em huma bella pozição. Repellio-o deste posto, matou-lhe perto de 1,000, e tomou 500 prizioneiros. Hum Cosaco, que foi aprisionado levava a ordem aqui annexa, para se queimar a bagagem da retaguarda Russiana. Com effeito 800 carros Russianos foraõ queimados; e nos tomamos nas estradas muita bagagem, e 20 peças de artilheria: varias columnas de Cosacos foraõ cortadas; vamos em seu seguimento.

O Vice Rey entrou em Dresden no dia 8 pelo meio dia. Alem da ponte grande, que o inimigo tinha restabelecido, elle lançou ao Elbo mais tres pontes. Tendo o Vice Rey mandado marchar algumas tropas para estas pontes o inimigo lhes lançou fogo. As tres cabeças de ponte que as cobriaõ foraõ tomadas.

No mesmo dia 8 pelas nove horas da manhã chegou o Conde Lauriston a Meissen. Achou alli reductos com fortificaçoens construidas pelos Prussianos: elles tinhaõ queimado a ponte: toda a margem do Elbo está livre do inimigo.

S. M. o Imperador chegou a Dresden á huma hora da tarde. Elle correo a cidade, e foi immediatamente ter aos armazaens na porta de Pirna, e dalli á aldea de Prielsnitz, onde S. M. mandou lançar ao rio huma ponte. As 7 da tarde voltou S. M. deste reconhecimento para o Palacio onde está alojado.

As guardas antigas entráõ em Dresden pelas 8 horas da noite. A 9, pelas tres horas da madrugada mandou o Imperador postar huma bateria sobre hum dos bastioens que domina a margem direita, por meio da qual o inimigo foi expulso da pozição que occupava daquelle lado. O Principe de Moskwa estava em marcha para Torgau. Achareis aqui junta a relação que o inimigo tem dado da batalha de Lutzen, que nada mais he do que hum tecido de falsidades. Asseguraõ nos que se deraõ ordens para cantar o *Te Deum*: porem que agente do paiz, a quem isto se encarregou, declarára que era rediculo; e que o que podia ser mui proprio na Russia era com tudo mui absurdo na Alemanha.—O Imperador da Russia sahio de Dresden hontem pela manhã.—O famoso Stein he hum objecto de desprezo para toda agente honrada: elle dezejava fazer levantar a plebe contra os proprietarios de terras. Nos não podemos cessar de nos espantar, vendo Soberanos taes, como o Rey de Prussia, e principalmente o Imperador Alexandre a quem a natureza tem dado tantas qualidades boas, sancționarem com seos nomes acçoens tão criminozas, e atrozes.

Alem da artilheria, e bagagem que se tomou no persegui-mento do inimigo tomamos tambem 5,000 prizioneiros na ba-

talha, e 10 peças de artilheria. O inimigo não nos tomou huma só peça, mas fez 111 prisioneiros. O General Kutuzoff morreo em Buntzlan de huma febre nervoza, haverá 15 dias. Foi substituido no commando em chefe pelo General Wittgenstein, que principiou a sua carreira pela perda da batalha de Lutzen.

CARTA

do Imperador á Duqueza de Istria.

“ Minha Prima: vosso marido morreo no campo da honra. A vossa perda, e a de vossos filhos he certamente grande; mas a minha he ainda maior. O Duque de Istria (*Bessieres*) morreo da mais nobre morte, e sem soffrer. (*assim a tenha em breve o author desta carta.*) Deixou huma reputação sem mancha, a mais bella herança que podia deixar a seos filhos. Elles tem adquirido a minha protecção, e herdarão tambem a affeição que eu tinha a seu Pai. Procurai achar em todas estas considerações motivos de consolação para alliviar vossa dor, e não duvideis dos meos sentimentos de estima para com vosco. Não tendo esta carta outro fim eu rogo a Deos que vos tenha, minha Prima, em sua santa e digna guarda. Do meu campo imperial em Colditz, a 6 de Maio de 1813, &c.

NAPOLEAÕ

PRUSSIA. *

NOTA

Do Governo Prussiano ao Conde de Saint Marsan, Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario de S. M. o Imperador dos Francezes, e Rey de Italia.

O abaixo assignado, Chanceller d'Estado, acaba de receber d'El Rey ordem de expor o que se segue a Sua Excellencia o Conde de Saint Marsan, Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario de S. M. o Imperador dos Francezes, e Rey de Italia.

El Rey, em toda o seu comportamento politico, depois da paz de Tilsit tinha por objecto principal restituir, e assegurar a seos povos, hum estado de tranquillidade, que lhes permittisse restaurar-se successivamente das desgraças, e das perdas sem numero, que elles acabavaõ de experimentar. Com este fim El Rey preencheo com exactidaõ, tanto quanto seos meios lhe permittiaõ, as obrigaçoens que elle tinha sido forçado a contrahir por esta paz. Elle tem supportado com resignaçãõ, cuja lei as circumstancias lhe empunhaõ, as cobranças arbitrarias, as extorsoens de todo o genero, de que as provincias naõ cessavaõ de ser objecto, os impostos enormes com que ellas eraõ acabrunhadas. Elle naõ desprezou coiza alguma para ver se a final estabelecia entre elle e o governo Francez huma sincera confiança, e dispo-lo por este modo para medidas de justiça, e de equidade, que elle reclamava quasi sempre em vaõ.

Quando depois se vio o Norte da Europa ameaçado com huma nova guerra funesta, El Rey depois de ter feito o que delle dependia para prevenir a tempestade, tomou o partido que imperiozamente lhe prescrevia a poziçaõ intermediaria de seos Estados, que naõ admittia neutralidade, e a perspectiva certa das medidas destruidoras, que os esperavaõ da parte da França, se El Rey se tivesse recusado ao que

* Nos inserimos neste artigo os documentos que nos parecem mais essenciaes relativos a Prussia e França, a que allude a conta do Duque de Bassano, que inserimos a pag. 410 do No. XXIII, e que promettemos dar, a pag. 414.—Os Redactores.

delle se exigia. Resignou-se a obrigaçoens soberanamente onerosas, e absolutamente desproporcionadas ás facultades do paiz ás quaes se vio obrigado a assentir pelo tratado de alliança de 24 de Fevereiro, e pelas convençoens que o acompanhárao, na esperança de ter obtido para a Prussia o apoio solido, e em cazo de necessidade o efficaz succorro, cuja precizaõ sentia cadavez mais, depois de tantos revezes; e que o Governo Francez, correspondendo a fidelidade com que o Rey se propunha cumprir suas obrigaçoens, preencheria da sua parte com a mesma exactidaõ os empenhos que tinha contrahido para com elle.

Huma desgraçada experiencia lhe provou bem depressa que taes não eraõ as intençoens do governo Francez: durante que o Rey fornecia o numero de tropas convencionado para formar o corpo auxiliar estipulado; durante que estas tropas derramavaõ seu sangue pela cauza da França com hum valor, a que o proprio Imperador não pôde recuzar-se de fazer justiça; durante que no interior do paiz, por meio de esforços extraordinarios; se satisfaziaõ todas as requiziçoens, e se prestava tudo o que exigiaõ as precizoens das tropas que não cessavaõ de o inundar: a França não preenchia, a respeito algum as obrigaçoens contrahidas, cujo exacto comprimento todavia, era o unico meio de prevenir a total ruina do paiz, e de seos habitantes. Estava estipulado, que a guarniçaõ de Glogau seria approvizionada á custa da França, desde a data do tratado, e as de Custrin, e Stettin desde que a contribuiçaõ fosse paga; esta estava saldada, ate com excesso, desde o mez de Maio do anno passado, pelas requiziçoens a que se tinha provido. Com tudo a Prussia ficou encarregada do approvizionamento das tres guarniçoens sem que nenhuma representaçõens podessem effectuar o que a justiça, e a letra do tratado reclamavaõ. El Rey tinha-se ao menos lizongeadado, que segundo a recente promessa de S. M. o Imperador, o paiz em torno destas praças, bem como o tefritorio Prussiano, seria para o futuro izento de todas as requiziçoens forçadas: mas no mesmo instante em que se devia entregar a esta esperança, os commandantes receberaõ authorizaçaõ formal de tomar, em dez leguas em torno das respectivas praças, tudo o de que elles julgassem ter necessidade; o que se executou com toda a violencia que era de esperar. Tinha-se convencionado que as contas dos avanços da Prussia por entregas de todo o genero, seriaõ reguladas de tres em tres mezes, e o saldo pago em dinheiro de contado no fim da campanha. Mas nem ao menos se pôde obter que estas contas fossem examinadas, e quando o saldo subia ja a sommas mui grandes, do que se estava prompto a dar provas a cada momento; quando no

fim do anno aquelle saldo montava a 94 milhoens de francos, as mais vivas instancias não poderaõ effectuar o menor pagamento, por conta, bem que o Rey tivesse momentaneamente limitado sua requisição a huma somma, inda menos de ametade, e que a urgente, e absolutamente indispensavel necessidade que se tinha desta somma, tivesse sido demonstrada com a ultima evidencia. A clauzula do tratado de alliança, que assegurava a neutralidade a huma parte da Silezia, não podia, nas circumstancias que depois sobrevieraõ, ter effeito, sem que a Russia da sua parte consentisse nisso; e este consenso suppunha, de toda a necessidade, que se trataria deste objecto. Com tudo o Imperador fez declarar que elle não podia consentir em que o Rey enviasse alguém com este fim ao Imperador Alexandre, e tornando deste modo a estipulação inteiramente illuzoria, elle a tirou, e annullou, de facto. Fizeraõ-se novos ataques ainda aos direitos mais incontestaveis do Rey, pela disposição arbitrarria que se fez a respeito do corpo de tropas Prussianas que se estava formando na Pomerania debaixo do commando do General Bulow, chamando-o para se juntar á divizão do Duque de Belluno, e pondo o, sem o previo consentimento de S. M., debaixo das ordens deste Marechal; bem como pela prohibição de qualquer recrutamento nos estados Prussianos occupados pelas tropas Francezas, que foi publicada por ordem de S. A. I. o Principe vice-rei de Italia, sem disso prevenir S. M. Por certo que jamais a Soberania de hum Principe amigo foi atacada de huma maneira mais terrivel.

Podem-se aqui supprimir os tristes detalhes do que se acaba de expor, porque V. Excellencia e o Duque de Bassano os conhecem perfeitamente pelas numerosas reclamaçoens de que elles tem sido objecto. De resto, o General de Krusemark está encarregado de entregar huma nota ao ministro, que se estenderá mais sobre tantos objectos, que provaõ claramente que o Governo Francez, desprezando as estipulaçoens essenciaes do tratado de alliança a favor da Prussia, as quaes com tudo formavaõ outras tantas condiçoens essenciaes, e sem as quaes esta, (quaesquer que podessem ser as consequencias) não teria podido subscrever ás obrigaçoens, que se lhe impunha, a tem desempenhado dessas obrigaçoens reciprocas do seu conteúdo.

Ninguem ignora a situação em que a Prussia se tem achado em consequencia destas circumstancias, e dos acontecimentos do outono, e inverno. Abandonada a si mesma, sem esperanza de hum succorro efficaz da parte de huma potencia a quem ella estava ligada, e de quem não obtinha, nem mesmo os objectos da mais rigorosa justiça; vendo os

dois terços de suas províncias esgotadas, e seos habitantes reduzidos á desesperação, que lhe restava senão tomar por si mesma huma resolução para se levantar, e manter-se? No amor, e coragem de seos povos, e no generoso interesse de huma grande potencia, que se condõe de sua situação, he que o Rey tem devido procurar os meios de se tirar de hum tal estado, e de restituir á sua Monarquia a independencia que pode só assegurar sua futura prosperidade.

S. M. acaba de tomar as medidas, que circumstancias tão graves exigiaõ, de se ligar por huma estreita alliança a S. M. o Imperador de todas as Russias. S. M. esta persuadido que a França, e a Europa inteira, apreçará os poderosos motivos que tem decidido seos passos; passos que não tendem, em ultimo resultado, senão ao fim de huma paz fundada em bases justas, e proprias a augmentar sua solidez, e estabilidade. Ella tem sido sempre, e será constantemente o mais ardente dos dezejos do Rey; e se a Providencia abençoar seos esforços, S. M. se considerará no cumulo da felicidade por poder contribuir para restituir a humanidade os beneficios da paz.

O abaixo assignado tem a honra de renovar a S. Excellencia o Conde de Saint-Marsan a segurança da sua alta consideração.

(Assignado)

HARDENBERG.

*Breslau, 16 de Março
de 1813.*

NOTA

de Mr. de Krusemark ao Duque de Bassano.

Paris, 27 de Março de 1813.

Senhor Duque,

Acabo de receber ordem do Rey meu Soberano para expor a V. Excellencia o seguinte.—

As propoziçoens que eu tive a honra de lhe apresentar anteriormente mereciaõ huma resposta tão prompta como deciziva. Os progressos dos exercitos Russos no centro da monarchia, e a retirada dos exercitos Francezes, não permitem ja a Prussia prolongar o estado de incerteza em que ella se acha. De hum lado o Imperador da Russia, unido ao Rey pelos laços de huma amizade pessoal, offerece á

Prussia, neste momento decisivo, o apoio do seu poder, e os beneficios de sua amizade; do outro, S. M. o Imperador dos Francezes persiste em repellir hum alliado, que se tem sacrificado por sua cauza, e nem mesmo se digna *explicar-se* a respeito dos motivos de seu silencio.

Ha longo tempo que a França tinha violado em todos os pontos os tratados que a ligavao á Prussia: a França pois tinha por isso mesmo desobrigado a Prussia de seos empenhos. Não contente com lhe ter dictado em Tilsit huma paz *tao dura como humilhante*, não lhe permittio mesmo gozar das fracas vantagens que este tratado parecia prometter-lhe.

Ella tem se servido de odiozos pretextos para abalar em seos fundamentos a fortuna do Estado, e a dos particulares. Desde aquella epoca tratou-se a Prussia como hum paiz conquistado, e fez-se pezar sobre ella hum jugo de ferro. Os exercitos Francezes *permanecerao nos Estados da Prussia contra as estipulaçoens do tratado*, onde viverao á discreção durante 18 mezes; *impozerao-se-lhe* contribuiçoens exorbitantes, arbitrarías; arruinou-se seu commercio, forçando-a adoptar o systema continental; *pözerao-se* guarniçoens Francezas nas tres fortalezas do Oder; e o paiz foi obrigado a prestar-lhes as provizoens necessarias: finalmente, pelo tratado de Bayona dispoz-se da propriedade das viuvas, e dos orfaons, com manifesta transgressão das estipulaçoens do tratado de paz.

Tudo annunciava que se não queria guardar por mais tempo consideração alguma com hum Estado infelis, e oprimido. Neste estado de *coizas* a paz tornava-se hum beneficio illuzorio. O Rey gemia com o pezo enorme que acabrunhava seos vassallos: *lizongeava-se* de vencer, á força de condescendencia, e de sacrificios, huma animozidade, cujos effeitos conhecia, mas cujo principio ignorava. Elle se abandonava á esperança de livrar seos povos de maiores desgraças, *preechendo com escrupulo seos empenhos para com a França, e evitando cuidadosamente tudo o que podesse dar lhe suspeita.*

Por meio de esforços extraordinarios, e inauditos a Prussia tinha conseguido pagar os dois terços da contribuição ella se dispunha a pagar o resto, quando se levantárao algumas nuvens entre a Russia, e a França, e que os immensos preparativos das duas potencias lhe não permittiraõ duvidar por mais tempo da guerra que hia abrazar o Norte. O Rey, fiel a seu principio de salvar á todo custo a existencia nacional, julgando o futuro pelo passado, conheceo que *devia temer tudo da França. Elle sacrificou suas affeições, e concluiu com a França hum tratado de alliança.* Na epo-

ta da conclusão do tratado, antes que a noticia delle podesse chegar a Berlin, as tropas Francezas avançaraõ para a Pomerania, e Marca de Brandeburgo. O Rey vio com dor que se não queria ter consideração alguma para com suas intenções leaes, e francas.

Queria se obter por meio da força o que parecia impossivel obter por meio de negociações. Os agentes da Prussia espantados pela situação ameaçadora da França, tinhaõ assignado em Paris convenções separadas, que continhaõ condições extremamente onerosas, e relativas ás proviões, e necessidades do grande-exercito. O Governo Francez, sciente da mediocridade de nossos recursos, previa huma recusação; dispunha-se a extorquir o consentimento do rei pelo apparatus da força: enganava se S. M.: ratificou estas convenções, posto que bem conhecesse a difficuldade de as preencher: fazia conta com a prompta vontade, e afeição dos Prussianos, e esperava que estabelecendo os limites de nossos sacrificios, preservaria seos povos das requizições arbitrarias, e de suas funestas consequencias. A experiencia não justificou esta esperança. Entretanto que a Prussia exauria todos seos meios para meter nos armazaens os generos estipulados, *os exercitos Francezes viviaõ á custa dos particulares*. Exigio-se a hum mesmo tempo, o cumprimento do tratado e o consumo diario das tropas. Roubou-se á viva força, a propriedade sagrada dos habitantes, sem a menor contemplação, e a Prussia perdeu, por estes actos de violencia mais de 70,000 cavallos, e 20,000 carros.

Com tudo, apezar de todos estes obstaculos, o Rey, fiel a seu systema preenchia religiozamente todos os empenhos que tinha contrahido. Os fornecimentos realizavaõ-se com successo; o contingente estipulado era adiantado; finalmente, nada se esquecia para evidenciar toda a lealdade da nossa conducta. A França não correspondeo a estes sacrificios senão com pertenções sempre novas, e julgou que podia dispensar-se de cumprir da sua parte as estipulações do tratado a que se obrigou para com a Prussia. Ella recusou constantemente verificar a comptabilidade dos fornecimentos, posto que ella tivesse contrahido a obrigação formal de saldar as contas cada tremestre.

A convenção militar assegurava ao Imperador, ate hum novo arranjo com a Prussia, a posse das fortalezas de Glogau, de Stettin, e de Custrin: mas o approvizionamento da primeira destas praças devia, desde o dia da assignatura desta convenção, ser feito á custa da França, e relativamente ás outras, desde o dia em que o Rey tivesse preenchido seos novos empenhos a respeito do pagamento da con-

tribuição. O Rey assentindo a este artigo tinha ja dado á França huma grande prova de sua condescencia, renunciando ás estipulaçoens de 1808, segundo as quaes Glogau devia ser entregue á Prussia, logo que ametade das contribuiçoens estivesse paga.

O novo tratado não foi mais bem observado pela França do que o precedente. Offornecimento de Glogau, e o das outras Praças, apezar das representaçoens as mais urgentes, motivadas pela convenção, e pagamento das contribuiçoens ja realizado no mez de Maio do anno passado, ficou a cargo da Prussia ate hoje. A convenção nada estipulava a respeito das Praças de Pillau, e de Spandau: consequentemente deviaõ ser occupadas pelas tropas Prussianas todavia as tropas Francezas entráraõ alli por huma especie de surpresa militar, e lá se mantiveraõ.

Entretanto que se augmentava ao infinito a pezo das despesas da Prussia, durante que *ella provava, que depois de ter pago sua contribuição seos avanços montavaõ ja a sommas enormes*, persistia-se em lhe recuzar todo o succorro; respondia-se a todas as suas reclamaçoens com *hum desprezador silencio*, exigindo sem cessar novos sacrificios: parecia que nenhuma conta se fazia dos inconcebiveis esforços de huma nação acabrunhada.

No fim do anno precedente, os avanços da Prussia montavaõ a 94,000,000 de francos. As contas estavaõ em regra, tanto, quanto o podiaõ estar, visto o *refusamento* (*) constante das authoridades Francezas em as verificar segundo o tratado. S. M. não tinha cessado de fazer representar por seos agentes, que era urgente o fazer justiça ás suas reclamaçoens que seos Estados exauridos não podiaõ por mais tempo fornecer os exercitos Francezes. O Rey limitava-se a exigir alguma somma por conta dos avanços e declarava com franqueza que não podia responder pelos acontecimentos no caso de hum refuzamento. Esta linguagem taõ justa, como clara, estas reclamaçoens fundadas em titulos os mais sagrados, ficaraõ sem resposta e só produziraõ seguranças vagas, e promessas remotas. Mais: como se inda não bastasse o violar tratados os mais positivos, novos procedimentos vieraõ esclarecer a Prussia a respeito das intençoens do Imperador, e do que delle podia esperar. O Rey vendo huma parte de suas provincias invadida, e a outra ameaçada, sem poder fazer conta com os soccorros dos exercitos Francezes, devia reforçar o seu: e sendo os meios ordinarios moços, e insufficientes, S. M. fez hum appello aos jovens Prussianos que voluntariamente quizessem alistar-se debaixo

* Muito de proposito uzamos desta palavra, pelas razoens mais de huma vez ditas. Os Redactores.

de suas bandeiras. Este appello despertou em todos os corações o vivo dezejo de servir a patria. Hum grande numero de voluntarios se apromptava para sahir de Berlin para Breslau, quando o Vice-Rey de Italia prohibio todo o recrutamento, e a partida dos voluntarios para as provincias occupadas pelas tropas Francezas. Fez-se esta prohibiçãõ nos termos os mais peremptorios, e sem prevenir disso o Rey. Hum ataque taõ directo aos direitos da soberania excitou no animo de S. M. e de seos fieis vassallos huma justa indignaçãõ.

No mesmo tempo, e durante que as praças do Oder deviaõ ter sido approvisionadas, havia muito tempo, á custa da França, depois que o Imperador tinha formalmente declarado, n'uma audiencia accordada ao Principe de Hatzfeldt, *que tinha prohibido ás authoridades Francezas toda a especie de requiziçãõ nos Estados do Rey*, os governadores destas praças receberãõ ordem de tomar, á viva força, tudo o que fosse necessario para a sua defeza, e approvizionamento. Esta ordem arbitraria, e injusta, de que tambem se não deo parte ao Rey, foi executada em toda a sua extensãõ, com desprezo do titulo sagrado das propriedades, e com violencias taes, que seria difficil descrever. Apezar de todas as razoes que tinha de romper com a França, o Rey queria tentar ainda o caminho das negociaçoens. Elle advertio o Imperador Napoleaõ que enviasse hum homem de confiança ao Imperador da Russia, a fim de o persuadir a reconhecer a neutralidade da parte da Silezia, que a França tinha reconhecido. Era o unico meio que restava ao Rey, abandonado, ao menos naquelle momento, pela França, para ter hum azilo seguro, e não se achar na cruel necessidade de abandonar seos Estados. O Imperador declarou-se altamente contra este passo, e nem mesmo se dignou explicar-se a respeito das proproziçoens que acompanhãõ esta abertura.

Em hum tal estado de coizas, o partido de Rey não podia ficar longo tempo duvidozo. Havia annos que elle tinha sacrificado tudo á conservaçãõ de sua existencia politica: hoje a França mesma compromette etta existencia, e nada faz para a proteger. A Russia pode aggravar suas desgraças, e offerece generosamente defende-lo. O Rey não podia hezitar. Fiel a seos principios, e a seos deveres, elle junta seos exercitos aos do Imperador Alexandre, mudando de systema, sem mudar de fim. Elle espera, rompendo com a França e unindo-se á Russia, obter, por meio de huma paz honroza, ou pela força das armas, o unico objecto de seos dezejõs, *a independencia de seos povos, os beneficios que desta se derivaõ, e a herança de seos Pais, de que se lhe tinha roubado ametade.*

O Rey abraçará com todo o seu poder todas as proprozi-

çoens conformes ao interesse commum dos Soberanos da Europa. Elle dezeja vivamente que ellas possam conduzir a hum estado de coizas, em que os tratados não sejaõ mais simples tregoaos; estado em que, entrando cada hum em seos direitos naturaes, não seja mais atormentado em todos os pontos de sua existencia pelo abuzo da força.

Eisaqui, Snr. Duque, o que eu estou encarregado de levar ao conhecimento de Vossa Excellencia. Dignai-vos participa-lo a S. M. o Imperador. A Europa tem visto com espanto a paciencia, e longa resignação de huma nação, que se tinha distinguido nos fastos da historia por sua brilhante coragem, e por sua nobre perseverança.

Guiados hoje pelos motivos mais sagrados; ninguem ha entre nos, que não esteja decidido a sacrificar toda a especie de consideração aos grandes interesses do throno, da patria, e da independencia da Europa; ninguem que se não felicite de perecer por este nobre fim, e na defenza de seos lares.

Eu tenho ordem de partir immediatamente para onde está o Rey meu Augusto Amo, com o Principe de Hatzfeldt, o conselheiro intimo d'Estado de Beguelin, e as pessoas addidas a estas differentes missoens. Eu tenho a honra de pedir a Vossa Excellencia os passaportes necessarios para este effeito.

Apresso-me a renovar-lhe ao mesmo tempo a segurança da minha mais alta consideração.

(Assignado)

KRUSEMARK.

RESPOSTA

Do Duque de Bassano á Nota do Barão de Krusemarck.

Paris, 1 d'Abril de 1813.

Senhor Barão.

Aprezentei a S. M. I. e R. a nota que vos me fizestes a honra de enviar a 27 de Março.

O que ella contem mais digno de huma seria consideração se reduz ao seguinte—

A Prussia sollicitou, e concluiu huma alliança com a França em 1812, porque os exercitos Francezes estavaõ mais proximos dos estados Prussianos, do que os exercitos Russos.

A Prussia declara em 1813 que ella viola seos tratados, porque os exercitos Russos estaõ mais proximos de seos Estados do que os exercitos Francezes.

A posteridade julgará se huma tal conducta he leal, dig-

na de hum grande Príncipe, e conforme á equidade, e á sua politica.

Todavia ella rendera justiça á perseverança de vosso gabinete em seos principios.

Em 1792 a França agitada no seu interior por huma revolução, atacada externamente por hum inimigo temivel, parecia proxima a succumbir. A Prussia fez-lhe a guerra.

Tres annos depois, e no momento em que a França triumphava dos coalizados, a Prussia abandonou seos alliados, passou para o lado da Convenção com a fortuna, e o Rey de Prussia foi o primeiro dos soberanos armados contra a França que reconheceo a republica.

Passados apenas quatro annos (em 1799) a França experimentou as vicissitudes da guerra. tinha-se perdido batalhas em Suissa e em Italia; o Duque de York tinha desembarcado em Hollanda, e a Republica estava ameaçada pelo Norte, e meiodia. A fortuna tinha mudado; a Prussia mudou como ella.

Mas os Inglezes foraõ expulsos da Hollanda, os Russos foraõ batidos em Zurich, a victoria voltou para as nossas bandeiras na Italia, e a Prussia voltou a ser amiga da França.

Em 1805 armou-se a Austria: ella fez marchar seos exercitos para o Danubio; invadio a Baviera, entretanto que as tropas Russas passavaõ o Niemen, e se avançaõ para o Wistula. A uniaõ de tres grandes potencias, e seos immensos preparativos não pareciaõ presagiar á França senaõ derrotas. A Prussia não pôde hezitar hum instante; armouse; assignou o tratado de Berlin, e as cinzas de Frederico II. foraõ invocadas para testemunhas do odio eterno, que ella jurava á França.

Quando seu Ministro enviado a S. M. para dictar a lei, chegou á Moravia os Russos acabavaõ de perder a batalha de Austerlitz: elles deviao á generozidade Franceza o poder voltar para a sua patria. A Prussia rasgou immediatamente o tratado de Berlin, concluido seis semanas antes, abjurou o celebre juramento de Potsdam, trahio a Russia, como havia trahido a França, e contrahio com nosco novos empenhos.

Mas destas eternas fluctuaçoens da politica nasceo na opiniaõ publica em Prussia huma verdadeira anarquia: a exaltação apoderou-se dos espiritos, que o governo Prussiano não pode dirigir: elles o arrastáraõ; e em 1806 o Rey declarou a guerra á França, no momento em que tinha mais interesse em se manter em boa intelligencia com ella. A Prussia inteiramente conquistada, vio-se, contra toda a esperança, admittida a assignar em Tilsit huma paz em que ella recebia tudo, e nenhuma coiza dava.

Em 1809 rompeo-se a guerra d'Austria; a Prussia ainda

hia mudar de systema; mas não deixando os acontecimentos militares duvida alguma a respeito dos resultados definitivos da campanha, a Prussia tomou conselho da prudencia, e não se atreveo a declarar se.

Em 1811, os preparativos da Russia ameaçando a Europa com huma novā guerra, a pozição geografica da Prussia não lhe permittia ficar indifferente expectadora dos acontecimentos, que se preparavaõ. Vos fostes encarregado, Snr. Barão, desde o mez de Março do mesmo anno, de sollicitar a alliança da França; he inutil que eu vos recorde o que se passou naquella epoca; he inutil que eu vos lembre assim vossas reiteradas instancias, como vossas vivas sollicitudes.

S. M. lembrando-se do passado hezitou, ao principio, sobre o partido que devia tomar: mas pensou que o Rey de Prussia, esclarecido pela experiencia, estava em fim desengano da politica versatil do vosso gabinete. S. M. I. era grato aos passos que o Rey tinha dado em Petersburgo para prevenir a ruptura: repugnava, por outra parte, á sua justiça, e ao seu coração declarar a guerra por consideraçõens de conveniencia politica: entregou-se a seos sentimentos pessoases para com vosso Soberano, e consentio em alliar-se com elle.

Em quanto a fortuna da guerra nos favoreceo, vossa Corte se mostrou fiel: mas apenas os prematuros rigores do inverno fizeraõ retrogradar nossos exercitos para o Niemen, a deserção do General de York despertou desconfianças sobejamente fundadas. A conducta equivoca de vossa corte em huma circumstancia tao grave, a partida do Rey para Breslau, a traição do General Bulow, que abriu ao inimigo as passagens do Baixo Oder, as ordenanças publicadas para excitar ás armas huma mocidade turbulenta, e faccioza, a uniaõ em Breslau de homens conhecidos como os chefes de seitas perturbadoras, e como os principaes instigadores da guerra de 1806, as communicaçõens diarias estabelecidas entre vossa corte, e o Quartel General do inimigo, não deixavaõ duvidar por mais tempo das resoluçõens do vosso gabinete, quando eu recebi, Snr. Barão, vossa nota de 27 de Março. Ella não cauzou pois alguma surpresa.

A Prussia quer, diz ella, recobrar a herança de seos maiores. Mas nos poderiamos perguntar lhe se quando falla das perdas que sua falsa politica lhe fez experimentar, não tem tambem acqiziçõens para pôr na balança: se, entre estas acqiziçõens, não ha algumas que ella deva á sua perfida politica? Deste modo he que ella deveo a Silezia ao abandono de hum exercito Francez nos muros de Praga, e todos as suas acqiziçõens na Allemanha á violação das leis, e dos interesses do corpo Germanico.

A Prussia falla do seu dezejo de se conseguir huma paz

estabelecida em bases solidas. Mas como se pode fazer conta com huma paz solida feita com huma potencia que se julga justificada quando rompe seos empenhos segundo os caprichos da fortuna ?

Sua Magestade prefere hum inimigo declarado a hum amigo, prompto sempre a abandona-lo.

Eu não levarei mais longe minhas observaçoens: limitar, me-hei a perguntar o que teria feito hum homen de Estado-esclarecido, e amigo do seu paiz, que, imaginando-se á frente dos negocios da Prussia, desde o dia em que arrebentou a revolução Franceza, se quizesse conduzir segundo os principios de huma politica saa, e moral ?

Teria involvido a Prussia, em 1792, em huma guerra, cuja sorte podia abandonar a Estados mais poderozos do que ella ? Se o tivesse feito, teria elle aconselhado depôr as armas antes que a revolução se terminasse ?

Se com tudo elle se tivesse resolvido a reconhecer a Republica, não teria persistido em seu systema, não teria procurado colher as vantagens d'elle, áproveitando-se dos sentimentos que teria inspirado á França hum Principe que arrostava a favor della os prejuizos do seu tempo ? elle teria estabelecido a influencia da Prussia em o Norte por meio de alianças, a monarchia de Frederico ter-se-hia firmado, e a Prussia teria fundado sua felicidade interna e sua consideração exterior n'huma estreita uniaõ com a França.

Elle não se teria deixado deslumbrar em 1799 com a passageira fortuna de nossos inimigos.

Elle teria repellido em 1805, por politica, e por dignidade, a alliança a que a Inglaterra, Russia, e Austria unidas se tinhaõ reciprocamente obrigado a constringer a Prussia.

Se com tudo arrastado por circumstancias imprevistas elle tivesse prestado hum juramento sobre o tumulo de Frederico, não o teria violado depois da batalha de Austerlitz: elle teria tirado de huma errada determinação o unico partido honroso que lhe restava—o de persistir fiel a seos alliados, mal tratados pela fortuna.—

Se, em 1812, elle tivesse julgado que podia esquecer-se de que em Tilsit a Russia tinha feito a favor da Prussia, tudo o que as circumstancias permittiaõ; e tivesse assignado a alliança com a França, elle teria sido fiel a esta alliança. Em acontecimentos inesperados teria achado a occasião de fazer com que a Prussia, apezar de sua fraqueza, representasse hum bello caracter, e manifestasse sentimentos nada equivo-cos, cuja honroza lembrança poderia invocar depois. Esta resolução leal teria grangeado á Prussia a propria estima de seos inimigos: ella teria servido não a seu odio, mas a seos verdadeiros interesses; porque o General de York não teria

commettido huma traição, e os Russos não terião passado o Niemen; o General Bulow não teria commettido huma traição, e os Russos não terião passado o Oder, nem se terião exposto á catastrophe que os ameaça: finalmente a França sentindo a necessidade de hum intermedio entre ella, e a Russia, o teria achado na Prussia fiel, e teria consentido, para o interesse do seu systema, para a paz, e repoizo do mundo, que he seu unico fim, no engrandecimento de huma potencia cuja sinceridade estava experimentada.

Hoje, Senhor Barão, que resta á Prussia? Ella nada tem feito a favor da Europa: ella nada tem feito a favor de seu antigo alliado: ella nada fará a bem da paz. Huma potencia, cujos tratados são puramente condicionaes, não poderia ser hum intermedio util: ella nada garante; ella nada mais he do que hum objecto de discussão; ella não he huma barreira.

A mão da Providencia está assignalada nos acontecimentos deste inverno; ella os produziu para desmascarar os falsos amigos, e dar a conhecer os amigos fieis: ella tem dado o Sua Magestade poder bastante para segurar o triumpho de huns, e o castigo dos outros.

Terminando minhas relações com vosco, Senhor Barão, eu me felicito de vos poder assegurar a satisfação de Sua Magestade pelo vosso comportamento, durante o tempo que tendes residido junto della; e Sua Magestade vos lastima ja comomilitar, ja como homem de honra, vendo vos obrigado a assignar huma tal declaração.

Rogo-vos, Senhor Barão, que aceiteis a segurança da minha alta consideração.

(Assignado)

Duque de BASSANO.

TRATADO DE ALLIANÇA

Feito entre Sua Magestade o Imperador, e Rey, e Sua Magestade o Rey de Prussia, a 24 de Fevereiro de 1812.

Artigo 1.—Haverá huma alliança defensiva entre Sua Magestade o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, e Sua Magestade o Rey de Prussia, seos herdeiros, e successores, contra todas as potencias da Europa com as quaes huma ou outra das Partes contratantes estão ou vierem a estar em guerra.

2. As duas altas Partes Contratantes se affiançãõ reciprocamente a integridade do seu territorio actual.

3. Sobrevindo o cazo da alliança, e todas as vezes que elle se verificar, as dispoziçoens, que se tomarem em consequencia disso pelas ditas Partes Contratantes, seraõ reguladas por huma convenção especial.

4. Todas as vezes que a Inglaterra atacar os direitos do Commercio seja pela declaração em estado de bloqueio das costas de huma, ou d'outras das Partes Contratantes seja por qualquer outra dispozição contraria ao direito maritimo consagrado pelo tratado de Utrecht, todos os portos, e costas das ditas potencias seraõ igualmente interdictos aos navios das naçoens neutras, que deixarem violar a independencia de suabandeira.

5. O prezente tratado será ratificado, e as ratificaçoens seraõ trocadas em Berlin no espaço de dez dias, ou antes se for possivel.

Feito, e assignado em Paris a 24 de Fevereiro de 1812.

(Assignados)

H. B. Duque de BASSANO,
Baraõ de KRUSEMARK.

Ratificado em Berlin a 4 de Março
de 1812.

ARTIGOS SEPARADOS, E SECRETOS.

Artigo 1. A alliança contrahida hoje entre Sua Magestade o Imperado dos Francezes, Rey de Italia, protector da Confederaçãõ do Rhin, mediador da Confederaçãõ Suissa, e Sua Magestade o Rey de Prussia sera offensiva, e defensiva em todas as guerras das duas altas Partes Contratantes na Europa.

2. Com tudo está ajustado desde hoje, que nas guerras que a França possa vir a ter para la dos Pyrenos, na Italia, ou na Turquia, a Prussia não será obrigada a fornecer contingente algum, fazendo com tudo, quanto ao mais, cauza commum com a França.

3. Os prezentes artigos ficaraõ secretos, e não poderaõ ser publicados, nem communicados a Gabinete algum por huma das Partes Contratantes, sem o consenso da outra.

4. Elles seraõ ratificados, e as ratificaçoens seraõ tro-

cadás em Berlin no espaço de dez dias, ou antes, sendo possível.

Feitos, e assignados em Paris a 24 de Fevereiro de 1812.

(Assignados)

H. B. Duque de BASSANO.

Barão de KRUSEMARK.

Ratificados no mesmo tempo que o tratado.

CONVENÇÃO

Especial entre Sua Magestade o Imperador dos Francezes Rey de Italia, e Sua Magestade o Rey de Prussia, assignada em Paris a 24 de Fevereiro de 1812, ratificada em Berlin a 4 de Março de 1812.

Sua Magestade o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, &c. e Sua Magestade o Rey de Prussia, tendo fixado sua attenção sobre a declaração entregue no mez d'Abril ultimo, pelos Ministros de Russia junto das differentes Cortes, principalmente da de Berlin, sobre os armamentos, que de huma e de outra parte se tem seguido, e sobre o novo systema de commercio das mercadorias coloniaes, recentemente estabelecido na Russia, em oppozição ao tratado de Tilsit: achando-se authorizadas, por circumstancias taes, a prever huma mudança de disposições da parte da Corte de Petersburgo, e a possibilidade de huma rotura mais, ou menos proxima; conservando todavia a esperança, que suas apprehensoens, por fundadas que sejaõ neste momento, se não confirmaraõ; querendo com tudo, no cazo de se realizarem, que tudo esteja regulado, e convindo de antemaõ entre elles, para a execução do tratado de alliança concluido hoje, tem rezolvido na conformidade do artigo 3. do dito tratado, estabelecer a este respeito por huma convenção especial o seguinte.

Artigo 1. No cazo de romper a guerra entre a França, e a Russia, Sua Magestade o Rey de Prussia fará cauza commum com Sua Magestade o Imperador e Rey.

2. Sua Magestade o Rey de Prussia fornecerá hum contingente de vinte mil homens, composto de quatorze mil de infantaria, quatro mil de cavallaria, e dois mil de artilharia, com sessenta peças de artilharia, tendo hum dobrado fornecimento, e equipagens militares para transportar a farinha necessaria para dez a vinte dias. O dito contingente sera sempre conservado, debaixo de armas n'hum estado completo.

3. Este contingente será, o mais breve possível, unido ao mesmo corpo de exercito, e empregado com preferencia na

defensa das provincias Prussianas, sem que Sua Magestade o Rey de Prussia possa com isso embarçar em coiza alguma as dispoziçoens militares do exercito em que suas tropas forem empregadas. As tropas que devem compor o dito contingente se unirão, a saber—as que se achão na Silezia, em Breslau: as que se achão áquem do Oder, em Berlin: as que se achão nas provincias orientaes, em Konigsberg: ellas estaraõ promptas a por-se em marcha destes diversos pontos a 15 de Março.

4. Alem do corpo acima dito, outro de tropas Prussianas composto de quatro mil homens, guarnecera Colberg, e fornecera, sendo precizo, destacamentos para a defensa das costas. Hum corpo de mil, e duzentos homens, guarnecera Potsdam. No cazo de Sua Magestade julgar o propozito estabelecer-se na dita rezidencia, o numero de tropas da guarnição poderá ser augmentado ate tres mil homens. Hum corpo de dez mil homens fornecerá guarniçoens para as praças da Silesia. Hum corpo de tres mil homens fara a guarnição de Graudentz. Os commandantes das praças de Colbert, e de Graudentz transmittirão regularmente os mapps do estado da sua praça e de sua guarnição ao Estado-maior General. Elles seraõ obrigados a obedecer ás ordens que se lhes derem para o serviço do exercito. Elles admittirão nas ditas praças os officiaes, que o Estado-maior general julgar a propozito alli estabelecer para objectos de serviço e as esquadras de artilharia que forem para alli mandadas para se municiam; mas nenhum corpo de tropas podera nellas entrar. Nenhuma obra se fará nas ditas praças sem consento dos generaes Francezes.

5. Sua Magestade Imperador e Rey promette, e se obriga do seu lado a tomar parte na guerra com todas as suas forças disponiveis.

6. As tropas Francezas, ou alliadas poderaõ atravessar, e occupar as provincias Prussianas, á excepção da Alta Silezia, condado de Glatz, e principados de Breslau, Oels, e Brieg. Ellas não entraraõ nesta parte da Silezia, nem nos paizes que não fizerem parte das linhas de operação. A cidade de Potsdam sera livre da passagem de tropas, e de guarnição Franceza, ou alliada. Poder se-ha destacar huma companhia da guarnição de Potsdam para guarda do Castello de Charlottenburgo; e huma companhia para guarda do Palacio do Rey em Berlin. Nenhum official, ou empregado poderá, de baixo de qualquer pretexto, que seja, entrar, ou alojar-se no dito palacio, e castello, e suas dependencias, sem permissaõ do governador, que alli estiver estabelecido por Sua Magestade o Rey de Prussia.

7. As linhas de operaçoens seraõ nos paizes que ficaõ entre o Elbo, e o Oder, entre o Oder, e o Vistula, e entre o Vistula, e o Niemen. Nas ditas linhas de operaçoens naõ haverá mais tropas Prussianas, do que a milicia urbana, a guarda de policia, e o numero de homens rigorosamente necessario, e que se ajustar, para a conservaçoã da ordem.

8. Os commandantes Francezes que estiverem estabelecidos nas linhas de operaçoens naõ poderaõ intrrometer-se nem directa, nem indirectamente no que diz respeito ao governo, e administraçoã civil. Em suas attribuiçoens elles teraõ tudo o que he relativo ás requiziçoens, fornecimento de viveres para as tropas, serviço dos hospitaes militares, policia, e manutençoã da ordem, e segurança na retaguarda do exercito respectivo.

9. Os administradores, ou commandantes Francezes poderaõ, segundo a necessidade, fazer requiziçoens ás authoridades locais, ou aos commissarios Prussianos, para viveres, e carros. O desconto destas requiziçoens sera feito todos os tres mezes pelo intendente geral do exercito: os recibos particulares seraõ convertidos em hum recibo geral cujo valor sera pago, ou por compensaçoã deduzida das contribuiçoens devidas pela Prussia, ou no fim da Campanha.

10. Se for necessario tirar artilharia, polvora, ballas, cartuchos, e outras muniçoens de guerra, das praças fortes dos Estados Prussianos, Sua Magestade o Rey de Prussia se obriga a fazer pôr á disposiçoã do exercito Francez, ou alliado, salva a compensaçoã deduzida das contribuiçoens, ou o respectivo pagamento do seu valor no fim da Campanha, todos os ditos objectos, que Sua Magestade o Rey naõ julgar necesarios para a defenza das ditas praças, ou para o uzo de seu exercito.

11. A Prussia naõ fará leva alguma, algum ajuntamento de tropas, algum movimento militar, durante que o exercito Francez occupar seu territorio, ou estiver no do inimigo, a naõ ser para vantagem da alliança, e de accordo entre as duas potencias.

12. Os delictos que se commetterem para com individuos do exercito alliado seraõ julgados por commissoens militares formadas pelos generaes do dito exercito. O accusado terã hum defensor da sua naçoã.

13. No caso de hum felis resultado da guerra contra a Russia, se, apezar dos votos, e esperanças das altas Partes Contratantes, ella vier a ter lugar, Sua Magestade o Imperador affiança a Sua Magestade o Rey de Prussia huma indemnizaçoã em territorio, para compensar os sacrificios, e gra-

vames, que Sua Magestade tiver supportado durante a guerra.

14. Quanto ás praças de Glogau, Custrin, e Stettin, actualmente occupadas pelas tropas Francezas, as despezas da manutenção de suas guarniçoens, e provizoens de sitio, &c. serao feitas por Sua Magestade o Imperador, as relativas a Glogau desde o dia de assignatura da prezente convenção, e as concernentes a Stettin, e Custrin, desde o dia em que Sua Magestade o Rey de Prussia tiver preenchido os empenhos contrahidos pela Convenção a respeito do pagamento da contribuição, assignada simultaneamente com a prezente. Os dois Soberanos concluirão hum arranjo particular entre si sobre o tempo que as sobreditas praças devem ser occupadas pelas tropas Francezas.

15. A prezente convenção ficará secreta, e não podera em cazo algum fazer-se publica, ou communicar-se a hum governo estrangeiro, por huma, ou outra das partes contractantes.

Ella sera ratificada; e as ratificaçoens serao trocadas em Berlin, no espaço de dez dias, ou antes, sendo possível.

Feita, e assignada em Paris a 24 de Fevereiro de 1812.

(Assignados)

H. B. Duque de BASSANO.

Barão de KRUSEMARK.

SEGUNDA CONVENÇÃO ESPECIAL.

Entre Sua Magestade o Imperador e Rey e Sua Magestade o Rey de Prussia, assignada em Paris a 24 de Fevereiro, e ratificada em Berlin a 4 de Março de 1812.

Artigo 1. Durante todo o tempo que as tropas Francezas estiverem no territorio de Sua Magestade o Rey de Prussia, e em quanto durar a guerra com a Russia, se ella chegar a ter lugar; o pagamento em dinheiro das contribuiçoens ainda devidas por Sua Magestade o Rey de Prussia, ficará suspenso; ficando os juros a cargo de sua dita Magestade.

2. Sua Magestade o Imperador dos Francezes aceitará á conta das ditas contribuiçoens, como se fosse dinheiro contado, os generos, e muniçoens, que Sua Magestade o Rey de Prussia se obriga a fornecer ate completar as quantidades nesta convenção determinadas.

3. Sua Magestade o Rey de Prussia se obriga 1. desde o primeiro de Março proximo, a fazer entrar nos armazaens do exercito Francez, aos quartos de mez em mez, duzentos mil quintaes de centeio, vinte quatro mil quintaes de arroz, e de legumes sêccos, dois milhoens de garrafas d'agua ardente, e dois milhoens de garrafas de cerveja. 2. a fazer entrar, por oitavos de mez em mez, contando do primeiro de Março, nos armazaens do exercito Francez, quatrocentos mil quintaes de trigo, seis centos, cincoenta mil quintaes de feno, trezentos cincoenta mil quintaes de palha, seis milhoens de alqueires de avea. 3. a fornecer, por sextos, de mez em mez, contando do primeiro de Março, quarenta e quatro mil bois. Neste numero de quarenta quatro mil, serao comprehendidos seis centos bois para transportes: que serao entregues o mais breve possivel, na praça de Dantzick. 4. A mandar fornecer por quartos, de mez em mez, contando do primeiro de Março, quinze mil cavallos, seis mil dos quaes de cavallaria ligeira, tres mil de cavallaria pezada, e seis mil de artilharia, ou de equipagem militar. Estes cavallos deverao ter cinco annos pelo menos, e sete annos, o mais. 5. A mandar fornecer, por quartos, de mez em mez, seis centos mil libras de polvera, trezentas mil libras de chumbo. 6. A mandar fornecer para os transportes do exercito, tres mil, seis centos carros promptos e providos de seos conductores, podendo conduzir cada hum delles mil, e quinhentas libras de pezo, compondo todos cento vinte brigadas de trinta carros cada huma, e formadas em tres divizoens a saber—a primeira de Magdebourg para o Oder;—a segunda do Oder para o Vistula; a terceira do Vistula para as fronteiras da Russia. 7. A mandar estabelecer hospitaes para 20,000 doentes, e fornecer para os ditos hospitaes os edificios, moveis, roupa, viveres, medicamentos, homens de serviço, officiaes de saude necessarios, os quaes serviraõ juntamente com os officiaes de saude Francezes.

4. Os viveres serao postos nos lugares que forem indicados pelo Intendente geral do exercito, a saber—a metade nas praças do Oder, e do Vistula comprehendendo Modelin; e a outra ametade nas praças da Prussia oriental, e occidental.

5. Os cavallos serao entregues nos depositos que forem indicados pelo Intendente geral do exercito.

6. A polvera, e o chumbo serao entregues nas praças de Modelin, Thorn, e Dantzick, nas proporçoens, que forem determinadas pelo commandante da artilharia.

7. Os hospitaes serao estabelecidos nos lugares, que forem designados pelo Intendente geral do exercito.

8. Todos os transportes para os lugares designados pe-

10 Intendente geral, serao feitos pela administração Prussiana.

9. A avaliação tanto do preço dos generos fornecidos como dos gastos de transportes, dos dias de existencia nos hospitaes, dos dias dos 3600 carros de transporte, sera feita amigavelmente pelo intendente geral, e hum commissario de Sua Magestade o Rey de Prussia.

10. Os recibos dos generos, que forem fornecidos, serao dados á medida das entregas: O desconto delles será feito de tres em tres mezes pelo intendente geral do exercito, e os recibos particulares convertidos n'hum recibo geral, a fim de verificar as epochas do embolso por conta das contribuiçoens, e a porção de interesses que cessara de correr.

11. Todos os generos de provizoens, que se achao nas praças de Colberg e de Graudentz, e que excedem as quantidades necessarias para o approvizionamento das ditas praças, durante hum anno, a saber a de Colberg para huma guarnição de 4,000 homens, e a de Graudentz para huma guarnição de 3,000 homens, serao, nos oito dias, que se seguirem a troca das ratificaçoens da presente convenção, mandadas para os armazaens de Custrin, Stettin, e Dantzick, e recebidas por conta das quantidades que se devem fornecer na conformidade do artigo 3. desta convenção.

12. Os actos de garantia fornecidos pelos estados das provincias Prussianas para segurança do pagamento das contribuiçoens de guerra, serao entregues a Sua Magestade o Rey de Prussia, e trocados por huma obrigação do governo Prussiano, cujo montante será o mesmo que o dos ditos actos de garantia.

13. Logo que, em cumprimento da presente convenção, estiverem effectuadas as totaes entregas, se liquidará a conta geral de sua quantidade, e valor, bem como a conta definitiva em capital, e interesses das contribuiçoens devidas por S. M. o Rey de Prussia; proceder-se-ha entao a novos arranjos entre as duas altas partes contratantes para o pagamento do saldo, que rezultar das ditas contas, a cargo de huma, ou da outra.

14. A presente convenção ficará secreta.

15. Ella será ratificada, e as ratificaçoens serao trocadas em Berlin no espaço de dez dias, ou antes sendo possivel.

Feita, e assignada em Paris a 24 de Fevereiro de 1812,

(Assignados)

H. B. Duque de BASSANO.

H. de BEGUELIN.

NOTICIAES OFFICIAES DOS EXERCITOS ALLIADOS.

No campo da batalha a 3 de Maio.

O Imperador sahio de Moguncia a 24 de Abril. Chegando ao seu exercito tudo annunciava, que elle estava com tenção de tomar immediatamente a offensiva: consequentemente os exercitos Russos, e Prussianos tinhão-se reunido entre Leipsic e Altenbourg, pozição central, e mui vantajoza em todos os cazos possiveis. No mesmo tempo o General em chefe Conde de Wittgenstein convenceo-se brevemente por meio de bons, e atrevidos reconhecimentos, que o inimigo, depois de se ter concentrado dezembocava com o total das suas forças por Marsebourg e Weissenfels, entretanto que destacava ao mesmo tempo hum corpo consideravel para Leipzig, que parecia ser o objecto principal de suas operaçoens: O Conde Wittgenstein rezolveo-se immediatamente a tirar vantagem do momento, em que este corpo destacado estivesse fora do estado de co-operar com o grosso do exercito Francez, e atacar logo este exercito com o total de suas forças. Para isso, era lhe preciso encobrir seos movimentos, e durando a noite do 1. para 2 fez vir para junto de si o corpo do General de cavallaria Tormanzow. Por meio desta junccão achou-se em estado de atacar *em massa* o inimigo em hum lugar em que este podia suppor que não tinha contra si senão hum destacamento, que só intentava incommoda-lo pelos flancos.

A acção começou; os Generaes Blucher, e de Yorke principiaraõ-na com hum ardor, e energia, que as tropas imitaraõ com a maior vivacidade. As operaçoens tiveraõ lugar entre o Elster, e Luppe. A aldea de Gross-Gorschen era a chave e o centro da pozição dos Francezes. A batalha começou pelo ataque desta aldea. O inimigo conhecia a importancia deste ponto, e procurou alli manter-se. Elle foi tomado pela ala direita do corpo commandado pelo General Blucher; e ao mesmo tempo sua ala esquerda avançou e atacou a passo de carga a aldea de Klein Gorschen. Desde este momento todos os corpos entrãrão successivamente em acção, e a batalha em breve se tornou geral. A aldea de Gros-Groschen foi disputada com huma obstinação sem igual. Seis vezes foi tomada, e retomada á ponta da bayoneta: mas o valor dos Russos, e dos Prussianos obteve a superioridade, e esta aldea, bem como as de Ram, e de Klein-Gorschen ficaraõ em poder dos exercitos combinados. O centro do inimigo foi roto, e elle foi expulso do campo da batalha. Com tudo elle fez vir columnas frescas que chegãrão de Leipzig, e que foraõ destinadas para

mantentar seu flanco esquerdo: appozeraõ-se-lhes alguns corpos tirados da reserva, e postos debaixo do commando do Tenente General Kanovnitzin. Começou-se de tarde hum combate que foi igualmente o mais obstinado possivel; mas o inimigo foi tambem completamente repellido.

Tudo estava disposto para renovar o ataque ao nascer do Sol, e tinha-se expedido ordem ao General Miloradowich, que estava postado com o seu corpo em Zeitz, para que se unisse ao grande exercito, onde se devia achar ao amanhecer: a prezença de hum corpo de exercito inteiro, e fresco, com cem peças de artilharia não deixava duvida alguma a respeito do resultado da batalha. Mas de manhaã o inimigo pareceo estar em movimento, e marchar para Leipzig, cahindo sempre para sua retaguarda. Esta maneira de recuzar o desafio que se lhe fazia de combater, fez julgar que elle procurava manobrar ou para marchar para o Elbo, ou para cortar as communicaçoes dos exercitos combinados. Nesta suppozição, tornou se necessario oppor manobras a manobras, e occupar huma frente dominante entre Colditz, e Rothlitz: achamo-nos de repente em posse de toda a vantagem deste genero, sem por isso nos afastarmos demaziadamente dos pontos proprios a fazer hum ataque offensivo. Neste dia memoravel o exercito Prussiano combateo de huma maneira propria para fixar a admiração dos alliados. As guardas do Rey cobriraõ-se de gloria. Russos, e Prussianos rivalizaraõ em valor, e zêlo á vista dos dois Soberanos, que não abandonáraõ hum só momento o campo da batalha. O inimigo perdeo 16 peças de canhaõ, e 1,400 prizioneiros: nem hum só tropheo foi tomado ao exercito alliado. Sua perda em mortos e feridos pode montar a 8,000 homens: a do exercito Francez he avaliada em 12 a 15,000. Em o numero dos feridos contaõ-se o General de cavallaria Blucher, e os Tenentes Generaes Kanovnitzin, e Scharnhorst: suas feridas não são perigozas. O inimigo tendo só mui pequena cavallaria, procurou apodeerrar-se das aldeas, cujo terreno era escabrozo, e cortado, e manter-se alli: em consequencia o dia 2 de Maio foi hum continuo combate de infantaria: durante huma accaõ de dez horas, os Francezes fizeraõ cahir huma chuva de ballas de mosquetaria, de artilharia, de metralha e de granadas.

CONTA CIRCUNSTANCIADA.

Da batalha de Lutzen a 2 de Maio.

A 30 de Abril soube-se no quartel General do Conde de Wittgenstein que a maior parte do exercito Francez, e das guardas, tinham passado o Saale na vizinhança de Naumburgo; dizia-se ao mesmo tempo que Napoleão tinha chegado ao exercito: vio-se o de Eugenio Beauharnois marchar para a direita. Parecia certo que o inimigo queria a todo custo formar huma junção, e dar huma batalha geral. O Imperador Alexandre, e o Rey de Prussia partirão para os seus respectivos exercitos a fim de animar com sua presença a coragem das tropas.

A fim de conhecer, e certificar-se da força do inimigo, fez-se hum reconhecimento com o corpo do General Winzingerode, que sahio de Leipzig pela estrada de Weissenfels. Reconheceo-se que o inimigo estava alli em grandissima força: houve huma acção entre elle e o mencionado corpo, donde rezultou a convicção de que a principal força do inimigo estava na vizinhança de Weissenfels e Lutzen. Conheceo-se que o Vice Rey tinha tomado posição entre Leipzig e Halle, o que tirava toda duvida de que o inimigo tinha o projecto de dar batalha.

O General Wittgenstein rezolveo antecipa-lo por meio de hum vigoroso ataque, a fim de desconcertar suas disposições offensivas. Para que este ataque produzisse o dezejado effeito era preciso procurar, principalmente, cahir de repente sobre a parte das suas forças em que elle mais se confiava, a fim de poder dar mais campo ás operações de nossas tropas ligeiras, sobre as quaes o inimigo tinha ultimamente adquirido alguma superioridade. Era consequentemente necessario dirigir, quanto fosse possivel, o ataque contra suas forças mais concentradas. Para este fim o principal corpo de exercito poz-se em movimento, em a noite do 1. para 2 de Maio, de Netha e Bornha em duas columnas, e avançou ate o desfiladoiro do Elster, na vizinhança de Pegau. O General Winzingerode recebeu ordem de cobrir esta operação, abandonando os postos occupados pela sua cavallaria, e vindo unir-se ao corpo do exercito pela estrada de Zwenkau. Ao romper do dia, todas as tropas passaraõ o desfiladoiro do Elster na vizinhança de Pegau, e se pozeirão em batalha na margem esquerda do Elster, tendo sua direita apoiada na aldeia de Werben, e sua esquerda sobre a de Gruna. Conhecendo as posições do inimigo, descobri-

mos que o grosso do exercito se extendia ja de Weissenfels pelas aldeas de Gros-Gorschen, Klein Gorschen, Kano, Starstedel, e Lutzen. O inimigo não tentou interromper nossa marcha, nem de nos anticipar na planicie; mas tomou posição nas aldeas entre Gross-Gorschen e Starstedel. Junto ao meio dia o General Blucher, comandante da vanguarda do exercito, sendo sustentado por huma parte da artilharia Russa, recebeu ordem de começar o ataque, que foi feito sobre a aldea de Gros-Gorschen, a qual foi defendida pelo inimigo com muita obstinação: foi porem tomada de assalto. O General de Yorke marchou com seu corpo pela direita da aldea. Todo o exercito rodeou sobre a direita, e bem depressa se tornou geral a acção na linha occupada pelo corpo de Blucher. O inimigo descobrio então huma numeroza artilheria, principalmente de grosso calibre e o fogo de musqueteria foi sustentado nas aldeas com muita vivacidade por espaço de muitas horas. Nestas acções mortíferas as aldeas de Klein-Gorschen, de Rhens, e de Gros-Gorschen foraõ prestemente tomadas de assalto com hum valor extraordinario, e sustentadas durante algumas horas: o inimigo veio por fim com grande força, cercou e retomou em parte estas aldeas; mas tendo-se renovado o ataque elle não as pôde conservar. Para sustentar este ataque avançaõ-se as guardas Prussianas; e depois de hum combate mui vivo de hora e meia, estas aldeas foraõ tomadas ao inimigo, e ficaraõ em nosso poder. Durante este tempo, o corpo do General Winzingerode na ala esquerda, e o do General de Yorke com huma parte das tropas Russas commandadas pelo General Von Berg, havia tomado parte no combate. Nos estavamos a cem passos distantes do inimigo, e então huma das batalhas mais sanguinosas que jamais se tem dado, tornou se geral.

Nossas reservas tinhaõ se approximado ao campo da batalha, a fim de poderem achar-se onde sua presença fosse necessaria. Continuou a acção ate as sete horas da tarde. Em quanto durou, as aldeas situadas á esquerda foraõ tomadas, e retomadas successivamente por ambos os exercitos. As sete horas o inimigo appareceu com tropas frescas pela nossa direita em frente de Gross e Klein-Gorschen, e provavelmente, com o corpo do Vice Rey, e nos atacou mui vivamente, e procurou de novo roubar-nos as vantagens, que tinhamos alcançado. A infantaria de huma parte da reserva Russa marchou então para a ala direita, a fim de sustentar o corpo do General de Yorke, que era vigorosamente atacado; e então huma acção terrivel, na qual a artilheria Russa principalmente se distinguio, bem como os corpos dos

Generaes de Yorke, Blucher, e Winzingerode, durou ate á noite. O inimigo tinha tambem atacado nosso centro e as aldeas com muita vivacidade, mas nos conseguimos manter nossa pozicão. Nesta situaçãõ a noite veio pôr fim ao combate. O inimigo devia novamente ser atacado no dia 3 de Maio. Leipzig tinha sido tomada por elle durante o combate, o que nos obrigou a manobrar ao mesmo tempo que elle. Só depois disto he que nos fomos informados de que elle tinha sido obrigado a evacua-la, e que tinha ao mesmo tempo abandonado Halle, e perdido 1,500 das suas melhores tropas, tendo tido huma grande parte de seos canhoens desmontados, e saltado ao ar muitos dos seos caixoens. Nossas tropas ligeiras estaõ de novo em estado de incommodar, e proseguir as vantagens que temos ganhado. Consequentemente, nos ficamos senhores do campo da batalha: a victoria foi nossa, e nos conseguimos o fim a que nos tinhamos proposto. Perto de 50,000 homens de nossas melhores tropas não entraraõ inda em acçãõ. Nos não perdemos hum só canhao; e o inimigo deve ter conhecido o que se pode effectuar pelo entusiasmo de duas naçoens firmemente unidas; pela resistencia, e accordo de dois Soberanos, que não tem outro fim mais doque assegurar sua independencia, e estabelecer as bazes de huma paz duravel sobre a independencia de todas as Naçoens.

Tal foi a batalha de 2 de Maio dada junto das planicies de Lutzen, onde outrora a liberdade de Alemanha tinha ja sido conquistada. Os Russos, e Prussianos bateraõ-se como liuens, e seos esforços não seraõ inuteis. Nossa perda pode avaliar-se em 10,000 homens, a maior parte dos quaes foi ligeiramente ferida. Os Prussianos perderaõ muitos officiaes generaes entre os quaes temos de lastimar a perda do Principe de Hesse-Homburg. Em o numero dos feridos contamos, da parte dos Russos, o General Von-Kanowiezin, e da parte dos Prussianos os Generaes Von-Blucher, e Scharnhorst que o foraõ levemente, e o General Von-Hanerbein, que o foi perigozamente. Da parte dos Francezes, segundo os desertores, o Marechal Bessieres foi morto, Ney e Souham feridos. Nos vimos ja chegar 1,000 prizioeiros; tomaraõ-se dez peças d'artilheria, e muitos milhares de espingardas. Nossas tropas ligeiras estaõ actualmente perseguindo o inimigo.

Posto que o terreno seja cortado por hum grande numero de aldeas, e de canaes, e que o inimigo não se tenha atrevido a dar batalha na planicie, o que deo á nossa cavallaria poucas occazioens de carregar em linha, com tudo as guardas Prussianas, e o regimento de coirasseiros de Brandebourgo fizeraõ em postas muitos corpos de infantaria ini-

miga, mesmo no meio das aldeas, e debaixo de seu fogo cruzado.

Taes são ate agora os resultados desta batalha. Deos abençoe nossas armas! Elle tem evidentemente protegido, durante a batalha nossos dois muito amados Monarcas, que se expozerao valorosamente ate nas aldeas, durante a maior parte do tempo que a batalha durou. O Ceo os preserve da mesma sorte para o futuro.

Alem destas temos presente a relação official desta mesma batalha publicada em Berlin no dia 8 de Maio, a qual não transcrevemos por ser conforme com as que acabamos de inserir; com a unica differença, que nesta se diz que a perda dos Francezes foi duas ou tres vezes maior que as dos alliados, o que julgamos verdade, principalmente quando vemos que o tyranno confessa que a perda do exercito Francez subio a 10,000 homens: mais de huma vez o temos dito, e os effectos o tem provado, que Bonaparte augmenta sempre a perda dos seos inimigos dois terços, e diminue a sua outros dois, e por este calculo infallivel, pode-se assegurar que a conta publicada em Berlin he exacta, bem como o são as que transcrevemos.

A conta dada pelo Tenente General Scharnhorst; todas as cartas de Liepsic, Pegau, Berlin, Hamburgo, &c. concordão em que a victoria na batalha de 2 de Maio foi dos alliados.

Nesta memoravel batalha toda a perda se limitou a mortos, e feridos; prizioneiros mui poucos; porque o encarnicamento com que se combateo de hum d'outro lado, foi tal, principalmente da parte dos Prussianos, que se não deo quartel a ninguem: mais duas ou tres batalhas, como esta, e o tyranno da Europa estará perdido sem remedio.

LEVA GERAL NA PRUSSIA.

A 6 do Corrente, pelas duas horas da tarde, se fizeram preparativos em toda a parte de Berlin para a organizaçãõ da leva em massa. Todos os habitantes desde a idade de 16 ate 60 annos de idade, sem distincçãõ de classe, ou condiçãõ, foraõ chamados, e se ajuntaraõ gostozamente para os seus nomes entrarem nas differentes listas dos commissarios dos districtos a que pertencem. Era huma vista que alegrava o coração ver pais, filhos, e netos alistando-se para a defeza da Patria, com a melhor vontade, e confiança, fundadas em dever, e affeição.

Pensa-se que a leva em massa na cidade de Berlin produzira 40,000 homens, que são os verdadeiros filhos da Patria. Ainda se não ordenou formalmente; não ha inda receio de que se rompaõ as connexoes civicas, e domesticas: haverá huma revista da gente, e das armas, e espera-se que por estes meios se confirme a confiança de todos os habitantes de Berlin, e que esta cidade agora, e sempre se unirá a seus valorozos defensores.

PROCLAMAÇÃO

de S. M. El Rey de Prussia.

Tenho promettido a meos fieis vassallos completar o armamento do paiz, por meio de huma leva em massa. Tenho sido informado de que se podem considerar as milicias como estabelecidas em todas as provincias, e eu agradeço tal zelo, e taes esforços. Farse-haõ esforços igualmente activos, para fazer sahir a campo a leva em massa, para que o inimigo saiba que, por estes meios, bem como pelos esforços do exercito, cujo rezultado está nas maõs de Deos, hum povo unido a seu Rey não pode ser conquistado. A invencibilidade não depende da formaçãõ particular de hum paiz. Os pantanos dos antigos Alemaens; os fossos, e canaes dos Hollandezes, as seves, e cercados

de Vendez, os desertos da Arabia; as montanhas da Suissa; os diversos terrenos de Hespanha, e Portugal; quando são defendidos pelo povo, tem sempre testemunhado os mesmos effeitos. Se os habitantes da montanhas estão seguros pelo baluarte dos rochedos inaccessiveis; o habitante das planicies tem os seus lagos, os seus matos, os seus pantanos por defesa externa; tem alem disso a vantagem de ajuntar grandes massas em hum ponto, que as dispersas habitações das montanhas não permitem. Se por huma parte o aggressor tem a vantagem de escolher o ponto de ataque; pela outra o amor da patria, fortaleza, desesperação, e o ter recursos no terreno, devem ultimamente dar a superioridade ao defensor patriótico do seu paiz natal, (seguem-se os regulamentos que se devem observar na leva em massa.)

El Rey declara solememente que mandará executar as mais severas represalias contra os prizioneiros Francezes, em todos os cazos em que o inimigo se atrever a obrar com mais crueldade para com agente da leva em massa se for aprizionada, doque o faz a respeito dos prizioneiros do exercito regular: e S. M. espera que todos os vassallos farão saber ás authoridades Prussianas quaesquer excessos que as tropas Francezas praticarem para com os individuos da leva; a fim de que se imponhão aos prizioneiros Francezes as penas de reprezalias dentro em 24 horas, o mais tardar. Berlin, 8 de Maio de 1813.

SUECIA.

O Principe da Coroa antes de partir de Carlscrona para Stralsund mandou imprimir a bordo do seu navio a seguinte Despedida dirigida ao exercito, que ficou no interior da Suecia.

O PRINCIPE REAL, GENERALISSIMO, A SEOS IRMAONS
DE ARMAS NO INTERIOR.

Soldados! O Rey, ordenando-me que fosse tomar o commando do exercito na Pomerania, encarregou-me de deixar em Suecia dois corpos de exercito bastantemente numerosos para a segurança das fronteiras do Reino, e para obrar offensivamente em qualquer parte em que a honra, e o interesse do paiz o exigisse. Elles seraõ commandados pelos Marechaes Toll, e Essen. Ponde nelles toda a vossa confiança. Vos o deveis assim fazer, e elles a merecem pelos seos serviços, seo patriotismo, e sua experiencia.

Separando-me de meu Rey, de meo filho, e de vos, por algum tempo, não he para ir perturbar o repoizo das Naçoens, mas para cooperar na grande obra de huma paz geral, pela qual suspirão, há tantos annos, assim as Naçoens, como os Soberanos.

Soldados! Huma nova carreira de gloria, e fontes de prosperidade se vaõ abrir para nosso paiz. Tratados fundados em huma saã politica, e que tem por objecto a tranquillidade do Norte, garantem a uniaõ do povo de Scandinavia. Fazei-vos dignos do esplendido destino, que vos está promettido: fazei com que o povo, que vos estende seos braços, jamais tinha cauza de se arrepender de ter posto em vos sua confiança.

Soldados! Nossos maiores distinguiraõ-se por sua animosa audacia, e por sua firme coragem.—Uni a estas virtudes guerreiras o entusiasmo da honra militar, e Deos protegerá nossas armas.

CARLOS JOAÕ.

*Em Carlscrona, a 8 de Maio
de 1813.*

HESPAÑHA.

REPREZENTAÇÃO

Do Nuncio Apostolico á Regencia de Hespanha sobre a abolição da Santo Officio.

Serenissimo Senhor.

O Nuncio de Sua Santidade soube com a maior amargura de seu coração, que V. A. vai expedir, e publicar o Manifesto, e Decreto do Augusto Congresso, em que S. M. declarando incompativel com a Constituição Política da Monarquia o Tribunal da Santa Inquização, substitue outro, que proteja com sabias, e justas leis a Religião Catholica, Apostolica, Romana, unica verdadeira, que com exclusão de outra alguma tão piedosamente tem sancionado. Nenhum, ainda dos mesmos naturaes, respeita mais o Augusto Congresso, nem observará com mais pontualidade suas sabias disposições: trata-se porem de hum assumpto ecclesiastico da maior gravidade, e transcendencia, em que se interessa a Religião, ou de que podem seguir-se-lhe irreparaveis prejuizos. Tira-se ou supprime-se hum tribunal estabelecido pelo Summo Pontificie em uzo de sua primazia, e suprema authoridade na Igreja, para o conhecimento de causas puramente espirituaes, como são a conservação da Fé Catholica, e extirpação das heresias, deixando sem effeito algum a jurisdicção que sua Santidade lhe tinha delegado. Neste cazo estando-me encarregado pelo mesmo Breve de minha Nunciatura cuide com o maior esforço dos negocios da Fé Catholica, e da Santa Igreja Romana, fazendo tudo o que achar conveniente a Igreja de Deos, consolo, e edificação dos povos, e decoro da Santa Fé; eu faltaria a todas estas sagradas obrigações, se não expozesse a V. A. com o maior respeito, porem com a Santa liberdade de hum Legado Apostolico, e Representante do Papa, que a abolição da Inquização pode ser mui prejudicial á Religião, e que offende os direitos, e primazia, que todos os Christãos devem ás decizaens do Vigario de Jesucristo, e Cabeça vizivel da Igreja, quando nella mesma, e no meio do Santo Sacrifi-

ção da Missa, se lhes assegure, que hum tribunal estabelecido, continuado, defendido, e protegido, debaixo das mais severas penas, pelos Papas de tres seculos, não só he inutil, mas tambem prejudicial á mesma Religião, e opposto ás sabias, e justas leis de hum reino catholico. Se sua Santidade estivesse actualmente livre, eu me contentaria com dar-lhe parte deste acontecimento; achando-se porem, por desgraça nossa no cativeiro que choramos, he forçozo, e indispensavel que eu proteste em seu nome contra huma novidade de tanta consideração para a Igreja de Hespanha, em que se ferem os direitos do Supremo Pastor da Igreja Universal, e Vigario de Jesucristo: esperando que V. A. com sua notoria religiozidade, e consumada prudencia tome os meios mais conducentes, para que o Augusto Congresso, que tanto dezeja proteger a Sacrosanta Religião que professamos, se digne suspender a execução, e publicação de seu Decreto, até que em tempos mais felizes possa obter-se a approvação, ou consenso do Romano Pontifice, e em sua falta do Concilio Nacional, a quem toca particularmente determinar nestas materias religiozas, e ecclesiasticas. Nada disto pode occultar-se á Sabedoria de S. M., e sua grande piedade não levara a mal, que em dezempenho de meu ministerio, com toda a reserva conveniente, e com a mais devida submissão, por meio de V. A., leve á sua alta consideração esta reverente supplica, em que se interessa o bem da Igreja Universal, e principalmente da de Hespanha, a felicidade da Monarquia, e a propria honra, e prosperidade de S. M., que eu dezejo com a maior ancia, e pela qual incessantemente rogo em minhas oraçoens. Deos guarde a V. A. muitos annos. Cadiz, 5 de Março de 1813.—*P. Arcebispo de Nicea, Nuncio de Sua Santidade. Serenissimo Senhor Presidente, e Supremo Conselho de Regencia.*

CARTA DO NUNCIO

Ao Deam, e Cabido da Santa Igreja de Malaga.

Illustrissimo Senhor,

Muito meu Senhor, da minha maior estimação. Vai-se fazer circular o Manifesto, e Decreto das Cortes (para que se lea nos tres primeiros domingos á Missa Conventual) aos Senhores Bispos, com varios outros relativos á abolição do Santo Tribunal, ao qual se substitue outro com o titulo de Protector da Fé. Os Senhores Bispos, que se achão nesta

Praça tratao de contestar, que em hum assumpto taõ grave, e interessante, não podem proceder á sua execucao, sem consultar a seos Cabidos, dando com isso tempo para expor quanto convenha a esta materia. O Cabido desta Igreja em Se vacante nega-se tambem a execucao, fundado na representacao de seos Parracos, e n'outras diversas razoens, que hade allegar em sua resposta. Eu julguei ser da minha obrigacao representar em nome de Sua Santidade, oppoñdo-me a isto, sem preceder o concenso, ou approvacao do Papa, ou em sua falta do Concilio Nacional. Parece-me necessario dar a V. S. I. estas noticias para seu governo, esperando que em hum assumpto taõ grave se conformará com o dictame dos mais Senhores ordinarios, fazendo este servico importante á religiao, á Igreja, e a nosso Santissimo Padre, cuja authoridade, e direitos se prejudicaõ, a meu ver, e não se favorece a dignidade Episcopal. Tudo isto, como a prudencia de V. S. I. conhece, exige a maior reserva; e debaixo dá mesma communicarei quanto for occorrendo, e possa dar luz a nossos procedimentos para o futuro. Deos guarde a V. S. I. muitos annos. Cadiz 5 de Março de 1813. B. L. M. de V. S. I. seu mais attento servidor.—P. Arcebispo de Nicea—*Illustrissimo Senhor Deam, e cabido da Santa Igreja de Malaga.*

CARTA DO NUNCIO

AO BISPO DE JAEN.

Illustrissimo Senhor,

Muito meu Senhor e Irmaõ da minha maior estima: julguei proprio do meu ministerio representar á Regencia sobre os Decretos do Augusto Congresso, que se expedem, e mandaõ publicar, abolindo a Santa Inquizaõ, e dar a V. S. I. para seu governo esta noticia, e a de que o cabido desta Cathedral em Sé-Vacante, com approvacao dos Senhores Bispos que se achão nesta Praça, julga não dever cumprir-los, sem a correspondente consulta; e madureza em hum assumpto de tanta gravidade, e consequencia. A prudencia de V. S. I. fará com a devida reserva o uzo que lhe parecer desta noticia, e procederá em tudo, como lhe pare-

cer justo. Deos guarde a V. S. I. muitos annos. Cadiz 5 de Março de 1813.—B. L. M. de V. I. seu mais attento, e seguro servidor.—P. Arcebispo de Nicea.—Illustrissimo Senhor Bispo de Jaen.

MANIFESTO

De Regencia do Reino a todos os Prelados, e Cabidos de Hespanha sobre o comportamento do Nuncio.

AOS PRELADOS, E CABIDOS DE HESPAÑHA A REGENCIA DO REINO.

Ao encarregar-me do Governo do Reino eu me vi no amargo dever de tomar conhecimento de hum negocio mui delicado por sua publicidade, por sua transcendencia, e pela classe de pessoas, que nelle intervinhaõ. O cabido Ecclesiastico de Cadiz, seu vigario capitular, e os Parrocos ordinarios e castrenses desta cidade, pretextando a defeza da religião, e dezejo de não comprometter sua consciencia, se oppozeraõ a que se publicasse nas parroquias o decreto e manifesto das Cortes, sobre o estabelecimento de tribunaes protectores da fé em lugar da inquisição extincta. Adoptei as providencias mais energicas para que tendo estes decretos a devida execucao, ficasse Hespanha acautelada, e livre das convulsoens a que se vio exposta naquelles momentos. As providencias tomadas em obsequio do decoro da Santa Igreja, bem como da tranquillidade do Estado, se deveo á extincção desta chama, que poderia ter abrazado o Reino. Pedindo pois a este cabido, como a outros com quem havia tido communicação, huma copia autentica de seos accordaons, e outros antecedentes, para rezolver a seu tempo o que o desaggravo da Soberania Nacional offendida exige de hum Governo justo, descobrio outro facto, que redobrou sua amargura pela qualidade de seu author, e pelo novo risco a que expoz a Patria.

Entre os documentos deste expediente appareceo huma carta do M. R. D. Pedro Gravina, Arcebispo de Nicea, e Nuncio de sua sanctidade em Hespanha, ao Deam e Cabido da Santa Igreja de Malaga, daada de 5 de Março anterior, cujo objecto era exorta-lo a que demorasse, e rezistisse mesmo ao cumprimento dos decretos de S. M. sobre a in-

quizaõ. Em sua firma apparecia o M. R. Nuncio somente com o character de Arcebispo, não obstante que reclama o agravo que suppoz haver-se feito á Santa Fé, assim com abolição da inquizição, como com o decreto de que se annuncie ao Povo nas Igrejas Parroquiaes. Dava-lhe a noticia de que os Bispos rezidentes nesta Praça cuidavaõ em responder ao Governo, que não podiaõ proceder á execução destes mandados de S. M. sem consultar seos cabidos, fazendo a estes Prelados o pouco obsequio de suppor, que esta consulta era hum mero pretexto; porque expressamente accrescentava—*que com isto davaõ tempo de expor quanto conviesse na materia.* Fazia-lhe tambem saber que o cabido desta Santa Igreja em sé vacante se recuzava á execução: por cujo motivo o exhortava a que se conformasse com o dictame dos mais ordinarios, fazendo conta com sua desobediencia, posto que lhe persuadia *que nisso faria hum serviço importante á religião, á Igreja, e a nosso santissimo Padre, cuja authoridade, e direitos julgava prejudicados, sem que se favorecesse a dignidade Episcopal.* Participava-lhe ter crido de sua obrigação representar em nome de sua sanctidade, oppondo-se a isto sem preceder o consentimento ou approvação do Papa, ou em sua falta, do concilio Nacional; e concluia por fim offerecendo-se para lhe communicar, debaixo da maior reserva, quanto fosse occorrendo, e podesse illumina-los em seos procedimentos, para o futuro.

O R. Bispo de Jaen, e o Cabido de Granada em Sé vacante passaraõ tambem ás minhas maõs outros semelhantes officios os quaes, com igual objecto, e data, lhe tinha dirigido o M. R. Nuncio; pelos quaes se vê, que a dito M. R. Nuncio atropelando os principios elementares do direito das Gentes, ignorando os limites do seu character publico, e abuzando do respeito com que esta religioza. Nação olha para os Legados da Sé Apostolica, tem intentado promover, e promoveo, debaixo da capa de religião, a desobediencia de Prelados, e corpos ecclesiasticos mui respeitaveis aos decretos, e ordens da Authoridade Soberana. Se o M. R. Nuncio tratasse unicamente de corresponder neste cazõ á qualidade de Enviado do Santo Padre, e de evitar a reconvenção, a que poderia julgar-se exposto por seu silencio, aberto tinha o caminho de dirigir-se a mim por via do Secretario de Estado. E ainda que para representar a respeito disto o que julgou opportuno, como o fez, fugio desta via, unica authorizada para taes negocios, eu teria dissimulado esta falta de formalidade, attribuindo-a á inadvertencia, ou antes á excessiva confiança: e tomando em consideração suas razoes, e pondo-me de accõrdo com o Soberano Congresso, terja

dado á este respeito as providencias que de mim exigia a utilidade temporal do Estado junta com a protecção da Santa Igreja.

A justiça da cauza nacional me assegura de que eu teria satisfeito então ao M. R. Nuncio de sua santidade, respondendo ás ideas vagas, e geraes de sua nota, anteriormente desvanecidas pela Sabedoria do Augusto Congresso. Ter-se-hia tranquillizado ao ver que a abolição da Inquição não pode de modo algum prejudicar á religião, nem ferir os direitos do Romano Pontifice; e que são vaons, e não fundados seos receios sobre o prejuizo, que disso pertende seguir-se á primazia do Santo Padre, e a suprema authoridade que exerce na Igreja. Terião igualmente cessado os temores, que nella mostrava, de que no santo sacrificio se annunciasse ao Povo como inutil, prejudicial, e opposto ás Leis do Reino, hum tribunal que os Papas tinhão estabelecido, protegendo-o por espaço de tres seculos. Sobre tudo teria conhecido que o augusto Congresso neste negocio, puramente politico, procedeo em virtude de sua Soberana authoridade, sem prejudicar na mais minima parte os direitos do Santo Padre, nem menos da Igreja catholica, que nem agora, nem em tempo algum exijaõ reclamaçoens dos Nuncios, nem dos concilios.

Mas os officios privados, que com a mesma data desta nota o M. R. Arcebispo de Nicea dirigio, e o ter dado conta nelles, de que sobre este negocio dirigia huma reclamação ao Governo, ao passo que fazem illuzoria a reserva, que nisso recommendou, demonstraõ que seu plano não era evitar a responsabilidade de seu encargo, mas excitar no piedozo clero de Hespanha, e por meio deste no Povo, desconfiança da authoridade temporal, descreditando-a, e frustrando o exercicio della, a respeito de huns subditos, que pela elevação de sua classe devem ser para os mais exemplo de submissão, e obediencia.

Está inesperada conducta do M. R. Nuncio tem comprometido a honra da representação Nacional, a segurança do reino, o decoro da ordem Episcopal, os verdadeiros direitos do Romano Pontifice, e o respeito devido á Santa Igreja. Por huma parte reconhece em sua nota a authoridade das Cortes, e por outra em officios occultos inspira ao Clero Hespanhol desaffecto, e insubordinação á Soberania. Como pessoa publica dirige-se ao Supremo Governo para reclamar agravos; e como Prelado particular escreve cartas confidenciaes, fomentando o descredito deste mesmo Governo.—Fallando com a Regencia interessa o zelo dos Ministros da religião, e fallando com estes Ministros offende a mesma religião; tomando seu nome para promover a insubordinação, que ella condemna. Para

com o Governo apparece como hum Delegado do Santo Padre incapaz de abuzar de sua missaõ: para com os subditos deste mesmo Governo, como hum agente, e hum negociador clandestino, compromettendo-se a dar-lhes avizos reservados sobre os progressos de huma desobediencia que elle mesmo fomenta. Como Nuncio de sua santidade finge dezejar que se concordem os direitos do Sacerdocio com os do Imperio: como Arcebispo áspira a cortar os laços que fazem indissolúvel esta concordia.

Que não podera a Nação temer deste Prelado estrangeiro, que esquecendo-se dos respeitos de sua dignidade, e de sua missaõ, de Embaixador, que era da cabeça da Igreja, se converte em promovedor de interesses alheios do Primado de ordem, e de jurisdicção, que compete a sua santidade, e em atizador de huma discordia, cujo rezultado havia de ser huma guerra civil? Perde-se a imaginação ao considerar os novos desastres a que hum taõ inaudito procedimento tem exposto a afflicta Patria! Seos mesmos officios indicaõ ter tido noticia anticipada da rezistencia do cabido, e dos curas de Cadiz; dos fins a que se dirigia a delonga accordada pelos R. R. Bispos, que se achão nesta praça, e d'outros passos dados, e projectados para consolidar, e estender a outros corpos a mesma desobediencia. Sendo hum em todos o plano, igual o interesse, e analogas as medidas, claro está que o effeito da co-operação, e do apoio do M. R. Nuncio deveria ter sido funesto á representação Nacional, e ao Governo, em quem a Patria tem cifrada sua independencia.

O Povo Hespanhol está seguro de que as Leis, e decretos das Cortes tem por fito concordar a protecção da Fé Catholica com a prosperidade temporal do Reino. A extinguir esta justa opiniaõ, e a desvanecer a esperanza que nella se funda iaõ dirigidas as cartas, e encargos secretos do M. R. Nuncio, apoiando os projectos, e papeis do cabido de Cadiz. Faltou pois esta illustre personagem no caso prezente ás Leis de sua legação, ao respeito devido ao Congresso Nacional, e á confiança com que o acolhe em seo seio hum Reino catholico, que precisa agora mais doque nunca da uniaõ interna para completar suas victorias contra o tyranno. Fez alem disso huma grave injuria á religião de Jesuchristo, cuja cauza affecta promover, excitando em Hespanhoes leaes e pacificos desaffeição, e desobediencia ao Governo. Não he tambem desattendivel o aggravo que irroga á pessoa do Santo Padre, cujas heroicas virtudes o elevao ate o fazer incapaz de approvar em hum Legado seu procedimentos taõ claramente oppostos ao Evangelho. Offenderia a religiozidade do Papa quem o cresce disposto a promover n'outro Reino as pertençoens da sua curia, e

mesmo as indisputaveis prerogativas de sua dignidade, concitando seos subditos contra as legitimas potestades. Este desacerto do M. R. Nuncio he hum dos maiores males que tem occasionado á nossa piedoza Nação o triste cativoiro do Santo Padre. Por huma especial providencia de Deos poderão-se prevenir seos funestos effeitos. Os Prelados, e cabidos de Hespanha levarão sua obediencia ao Soberano ate o extremo de huma apparente descortezia para com o M. R. Nuncio, porque nem se quer lhe responderão.

Mas isto não basta para tranquillizar-me. O fogo que felizmente se apagou agora, poderá de novo acender-se, aproveitando-se talvez outra conjuntura mais a proposito para surprender a fervorosa piedade, e lealdade de nossa Nação. Eu não corresponderia á sua alta confiança, se desde logo não desse providencias que a ponhao a seguro deste perigo. O que nunca permittirei em Prelado algum Hespanhol, muito menos devo tolera-lo a hum estrangeiro, que não corresponde á hospitalidade, e á generozidade dos Hespanhoes. Desculpo o extravio desta, que talvez alguém chamará politica; mas não posso deixar de reconhecer que a respeito deste erro minha dissimulação seria reprehensivel, por ser contraria a justiça e pela ruina que poderia causar a Patria.

Recordo o constante zelo de nossos Monarcas em sustentar sua authoridade contra as pertençoens da curia Romana. O unico temor de que seos Breves contenhao resoluçoens, ou maximas prejudiciaes aos direitos da coroa, lhes tem fechado a entrada em Hespanha para que não corraõ, sem o previo exame, e beneplacito do Governo. E se alguma vez se tem advertido nisto algum excesso, promptamente tem acudido a atalha-lo com mão forte a authoridade temporal. Nossa historia apresenta nesta parte exemplos terriveis, que poderião ter contido o M. R. Nuncio. O Governo que tem assim procedido para salvar seos imprescriptiveis direitos, está obrigado a evitar com mais efficazes medidas, que hum agente da mesma Curia, fomentando a insubordinação do benemerito clero á authoridade temporal, promova, e organize em nossas provincias com manejos occultos huma desuniao religioza, e politica, compromettendo a segurança do Estado. Estas cauzas tem excitado minha justiça; e ainda que me julgo authorizado para exercê-la com o M. R. D. Pedro Gravina Arcebispo de Nicea, fazendo-o sahir de Hespanha, e apoderando-me de suas rendas, tenho-me limitado a mandar que se lhe communique a seguinte Real ordem, pelos motivos que na mesma se expressão:

“ A Regencia do Reino pensou que Vossa Excellencia não se esquecen do do character publico de Legado de Sua

Santidade, com que se acha revestido junto de huma Nação tao heroica, como religioza, se conteria dentro de seos limites, e nao abuzaria da consideração, que o Governo Hespanhol tem tido á sua missao, conservando-o nella, apezar de que o cativeiro do Santo Padre, o de nosso Rey Fernando VII e outras circunstancias, o authorizavao para pôr em duvida sua legitimidade.—Assim o esperava S. A. á vista de motivos tao respeitaveis, e que tanto deviao influir para que nao os esquecendo Vossa Excellencia regulasse por elles sua conducta privada. Com surpresa porem tem visto S. A. a observada por Vossa Excellencia em o negocio da Inquizição. No dia de 5 de Março em que recorreo ao Senhor Presidente e Supremo Conselho do Regencia com huma nota, como Legado de Sua Santidade, nesse mesmo dia escreveu, como Arcebispo de Nicea aos Cabidos de Malaga e Granada, e ao Bispo de Jaen, excitando-os, singularmente os primeiros, a que deferissem, e negassem mesmo o cumprimento dos Decretos expedidos por S. M. sobre o estabelecimento do tribunaes protectores da Fé, em lugar da Inquizição extincta, e publicação do Manifesto das Cortes nas Parroquias. Nao se contentou Vossa Excellencia com escrever estas cartas, as quaes, extraviando a opiniao, podiao ter cauzado huma divizao sobre materia tao delicada, e grave: propoz-se todavia a mais; pois faltou á reserva que recomendou em sua nota, no mesmo tempo em que a encarregou aos cabidos, e Prelado, para que olhassem a Vossa Excellencia como o author temporal, debaixo do offercimento de que lhes communicaria quanto fosse occurrendo, e podesse dar luz para seos reciprocos procedimentos, para o adiante. Este comportamento tao contrario ao Direito das gentes, e pelo qual, transgredindo os limites de seu character publico, se tem Vossa Excellencia valido do salvo conducto que elle lhe offerece, para organizar, como Prelado estrangeiro a desobediencia de subditos, que pela elevação de sua classe devem ser modelos de submissao, nao pode ser olhado com indifferença por S. A. R., tanto mais, quanto em seu apoio se allega a necessidade de fazer hum serviço importante á religiao, á Igreja, e a nosso Santissimo Padre, cuja authoridade e direitos, segundo o juizo de Vossa Excellencia sao prejudicados pelos Decretos, sem que estes favoreça a dignidade Episcopal.—S. A. estremece ao considerar as funestas consequencias, que das excitaçoens de Vossa Excellencia recommendadas por motivos de tanta influencia podiao ter-se seguido a segurança do Estado, e á unidade da religiao: e ainda que a obrigação que tem de defender o Estado, e proteger a religiao o authorizavao para fazer sahir a Vossa Excellencia destes Reinos, e a poderar-se de suas tem-

poralidades; com tudo, o dezejo de acreditar a veneração, e o respeito com que a Nação Hespanhola tem sempre considerado a sagrada pessoa do Papa, e o dezejo tambem de não fazer maior sua afflicção suspendem a S. A. de tomar esta providencia, tendo-se unicamente limitado a mandar que se desapprove o comportamento de Vossa Excellencia, debaixo da segurança de que para o futuro se contera dentro dos limites de sua legação, e não se aproveitará da occasião que o character publico de que se acha revestido lhe proporciona, para praticar como Prelado estrangeiro, acçoens iguaes, ou semelhantes ás que ficão indicadas, devendo unicamente dirigir suas representaçoens ao Governo, e por via de seu Secretario de Estado, na certeza de que se Vossa Excellencia se esquecer de seos deveres, se verá S. A. na sensível, mas imperioza precizaõ de uzar de toda sua authoridade no desempenho dos deveres que jurou cumprir no momento em que se encárregou do exercicio della. Por sua ordem o communico a Vossa Excellencia para sua intelligencia, e governo. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Cadiz, 23 de Abril de 1813.—Antonio Cano Manuel—Snr. Arcebispo de Nicea.

Os motivos que me tem obrigado a tomar esta rezolução, e as incontestaveis verdades que recordo neste manifesto, por hum effeito da protecção que devo aos Sagrados Canones, me fazem esperar, que os dignos Prelados da Igreja Hespanhola, e seos respeitaveis Cabidos, contribuirão com sua authoridade, e solida doutrina para que tenhaõ effeito as instrucçoens do Soberano Congresso, e as minhas em obsequio da religião, e do Estado.—Cadiz 23 d'Abril de 1813.

L. de Bourbon, Cardeal de Scala, Arcebispo de Toledo,
Presidente.

Em o No. 54, do Jornal intitulado.—*El Tribuno del Pueblo Espanhol* se achaõ humas notas dos Redactores sobre a representaçãõ e cartas do Nuncio, que deixamos transcriptas, bem como sobre o manifesto da Regencia a todos os Prelados, e cabidos de Hespanha: nós não nos rezolvemos a enserilas em nosso Jornal, porque nos parecem, em geral, mui violentas, bem que justas a muitos respeitos.

Em a nota que pozemos a pag. 452 deste No. dissemos que o Decreto das Cortes que abule a Inquizi-

ção em Hespanha não tinha sido executado; e que sendo mandado ler nas Igrejas por ordem das Cortes; os parrocos de Cadiz, e o Cabido não quizeraõ. Taes eraõ as noçoens que tinhamos deste negocio, quando escrevemos aquella nota: Sabemos porein hoje que o Decreto foi ja executado em Cadiz, onde o não havia sido, porque parece, pelo que se lê no citado Journal Hespanhol, que a extincta Regencia, os Bispos Rezidentes em Cadiz, o Cabido, e Parrocos desta Praça estavaõ de acordo para illudir o sobredito Decreto. Se assim he, os nossos leitores veraõ nisso huma nova prova do que mais de] huma vez temos dito—que se na ordem phisica a natureza não quer saltos, ella os não quer tambem na ordem politica.— Querer conservar tudo no mesmo estado em que tudo se perdeo, he querer perpetuar os males sem remedio: querer extinguir estes innovando tudo de hum golpe, sem pezar a força dos habitos, dos abuzos inveterados, dos prejuizos, da ignorancia, da superstição, e de mil ponderozas circunstancias, tanto internas, como externas, he querer hum verdadeiro impossivel. Os que aconselhaõ pois que nada se deve reformar, mas que se deve conservar tudo no mesmo pé, porque tudo he bom; ou são ignorantes, ou perversos, ou viz lizongeiros: escolhaõ. Os que aconselhaõ huma innovação total, aconselhaõ huma verdadeira revolução, cujas consequencias seraõ indubitavelmente funestas. Aquelles, e estes são pois verdadeiros inimigos do Estado: quaes sejaõ mais temiveis decidiraõ os nossos leitores esclarecidos. *Medio tutissimus ibis*, deve ser a regra do que dezeja cordialmente a gloria do Soberano, e o bem do Estado.

De resto nos estimariamos muito que nem a representação do Nuncio nem as cartas que elle dirigio ao Deam e Cabido de Malaga, e Bispo de Jaen, nem o manifesto das Cortes, chegassem a Inglaterra neste momento em que se está discutindo no Parlamento a importantissima cauza dos Catholicos. A publicação destes documentos tem feito taõ viva impressão nos animos protestantes, e tanta bulha em todos os papeis publicos, que receamos muito, que a cauza dos Catholicos se perca ainda por esta vez, quando estava quasi vencida. Estimaremos muito enganar-nos.

PORTUGAL.

PORTARIA.

Lisboa, 11 de Abril.

TENDO-SE duvidado, não só qual seja a intelligencia da Resolução de 11 de Agosto de 1812, tomada em Consulta do Desembargo do Paço, aonde em confirmação dos Privilegios concedidos aos Mamposteiros da Real Casa e Igreja de Santo Antonio, se determina que unicamente no ultimo caso e quando não haja outra alguma Pessoa, elles possaõ ser obrigados ao Serviço dos Transportes; mas tambem se em consequencia dos referidos Privilegios lhes compete, como pertendem, a isençaõ dos Recrutamentos da Tropa: manda o Principe Regente Nosso Senhor declarar, pelo que respeita ao primeiro caso, que os Mamposteiros da Real Casa e Igreja de Santo Antonio deveraõ entrar nos detalhes das Pessoas obrigadas a Transportes, depois que todas as mais do respectivo Districto tiverem feito este serviço, para o continuarem, quando por turno lhes competir, visto que de outro modo seria aquella Graça de gravame aos Povós, e de prejuizo á defeza do Estado para que todos devem concorrer: Declarando outro sim Sua Alteza Real, quanto ao segundo caso, que aquelles dos referidos Mamposteiros, que tiverem sido nomeados para este Emprego depois do dia 15 de Dezembro de 1809, ou o forem daqui em diante, não poderaõ valer-se do seu Privilegio para se eximirem do Serviço Militar, tanto por se achar assim determinado no Paragrafo Setimo da Portaria de 17 de Junho de 1810, que está em seu vigor, como por se não deverem empregar em similhante Ministerio Individuos sujeitos aos Recrutamentos em hum momento, em que se trata do importante objecto da salvaçaõ da Patria. D Miguel Pereira Forjaz do Concelho de Sua Alteza Real, Tenente General dos Seus Exercitos, e Secretario do Governo, Encarregado das Secretarias de Estado dos Negocios Estrangeiros, Guerra, e Marinha, assim o tenha entendido, e faça executar,

expedindo para este fim as Ordens necessarias. Palacio do Governo em 11 de Março de 1813.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

PORTARIA.

Tendo representado o Ministro de Sua Magestade Britanica, que será de grande interesse para hum melhor, e mais prompto expediente dos Departamentos Civis do Exercito Inglez, estabelecido em Lisboa, que o Desembargador da Relação, e Casa do Porto, com exercicio de Provedor dos Reziduos, Sebastião Jozé Xavier Botelho, pela experiencia que tem dos Negocios do Commissariado Britanico, não só receba deste as requisiçoens de Transportes precisos, para o respectivo Serviço, a fim de as comunicar ás competentes Authoridades; mas tambem tome conhecimento de todas as dependencias do mesmo Commissariado, em que se fizer necessaria a intervenção da Authoridade Judicial. Ha o Principe Regente Nosso Senhor por bem, querendo annuir em tudo o que he possivel aos Officios do Ministro de S. M. Britanica, que o mencionado Desembargador Sebastião José Xavier Botelho, receba as communicaçoes directas do Commissariado Inglez, estabelecido nesta Capital, pelo que pertence ás requisiçoens de Transportes, para que, transmittindo-as ás Authoridades competentes, se haja de satisfazer, como convem, a hum semelhante objecto. E he outro sim Servido Sua Alteza Real conferir interinamente, e em quanto não determinar o contrario, ao mesmo Desembargador a precisa jurisdicção para conhecer Civil, e Criminalmente de todas as dependencias, e Negocios, que forem relativos ao referido Commissariado nesta Cidade, e seu Termo, dando appellação, e agravo, em casos que excederem a alçada do lugar que actualmente occupa. O Chanceller da Casa da Supplicação, que serve de Regedor, o Intendente Geral da Policia, e Transportes do Reino, e as mais Authoridades, a quem o conhecimento desta Portaria pertencer, assim o tenhaõ entendido. Palacio do Governo em 20 de Março de 1813.

Com as Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

PORTARIA.

Sendo necessario estabelecer o modo, porque devem habilitar-se os Navios, e Mercadorias Britanicas nos Portos, e Alfandegas destes Reinos, para poderem nelles encontrar os proprietarios, e consignatarios os favores estipulados no tratado de commercio de 19 de Fevereiro de 1810, ou os mesmos proprietarios, e consignatarios sejaõ Inglezes ou Portuguezes; e sendo presentes ao Principe Regente Nosso Senhor o parecer, e acordo dos commissarios das suas naçoens, para este effeito nomeados em Londres, pelo Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros de S. M. B., e pelo Embaixador Portuguez, Conde do Funchal. Approvando S. A. R. o que aos ditos respeitos propozeraõ os mesmos commissarios: he servido ordenar com providencia interina, que para legalizar os navios de construcção Britanica, se haja por sufficiente nestes Reinos a Certidaõ do Registo, assignada pelo official respectivo da Alfandega do Porto, donde procedo o navio; e que para verificar a identidade dos generos, e manufacturas de origem, ou industria da Gram-Bretanha, devem apresentar se nas Alfandegas os Bilhetes de Despacho originaes, assignados, e sellados pelos officiaes competentes da Alfandega Ingleza, e pelo official da visita, juntamente com o manifesto jurado do Capitaõ; e tudo certificado pelo Consul Portuguez no Porto do embarque. O conselho da Fazenda o terá assim entendido, e expedirá as Ordens necessarias a todas as Alfandegas. Palacio do Governo em 11 de Fevereiro de 1813.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

O Governo destes Reinos, solicito sempre em accodir ás precisoens dos Póvos, e com especialidade daquelles que soffrêraõ os males da invasão do inimigo, Mandon expedir os seguintes:

AVISOS.

Para o Senado da Camara.

O Principe Regente Nosso Senhor. He servido, que o Senado da Camara faça remetter para o Porto de Barquinha

cem barricas de Sardinha, e outro igual numero para Castello-Branco, com direcção por Abrantes, a Villa-Velha, ficando o mesmo Senado da Camara na intelligencia de que as 137 barricas restantes ficão á disposição do Intendente Geral da Policia para accodir aos Póvos da Estremadura, como se lhe participa, e ordena por Aviso da data deste : o que Vossa Excellencia fará presente no sobredito Senado da Camara para que assim o execute, e fique entendendo. Deos guarde a Vossa Excellencia. Palacio do Governo em 26 de Março de 1813.

Alexandre José Ferreira Castello.
Senhor Marquez Monteiro Mór.

Para o Corregedor da Comarca de Ourem.

O Principe Regente Nosso Senhor manda participar a V. m., que ao commissario da Barquinha se remettem pelo Senado da Camara desta cidade cem barricas de Sardinha ; e he servido que V. m. com ella socorra aos Povós de Leiria, Pombal, Redinha, e mais terras na estrada militar, que V. m. julgar mais necessitados, e maior desgraca. Deos guarde a V. m. Palacio do Governo em 26 de Março de 1813.

Alexandre José Ferreira Castello.

Para o Juiz de Fóra de Castello-Branco.

O Principe Regente Nosso Senhor manda participar a V. m., que pelo Senado da Camara desta cidade, se remettem a Abrantes, e Villa-Velha cem barricas de Sardinha : e he servido que V. m. as faça distribuir por aquelles Póvos mais necessitados em Linha Militar, pela mesma forma, e modo que o praticou o Brigadeiro Lecor, no anno proximo passado. Deos guarde a V. m. Palacio do Governo em 26 de Março de 1813.

Alexandre José Ferreira Castello.

PORTARIA.

O Principe Regente Nosso Senhor, querendo que se facilite aos conselhos de guerra do exercito de Sua Magestade Britanica, a bem da admiravel disciplina do mesmo exercito, o

pleno conhecimento da defeza, ou culpa militar de qualquer dos individuos ; manda que se pratique interinamente, a respeito dos ditos conselhos de guerra, em todos os crimes Militares, o mesmo que se acha Ordenado na Lei de 21 de Outubro de 1763, paragrafo nono, a respeito dos conselhos de guerra do seu Real exercito, sem differença alguma ; e Ordena que os Magistrados a que tocar, o cumpraõ muito exacta e promptamente. A Meza do Desembargo do Passo assim o tenha entendido, e faça executar. Palacio do Governo em 9 de Março de 1813.

Com as Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

PORTARIA.

Tendo-se determinado no regulamento para o recrutamento approved por Portaria de 22 de Agosto do anno proximo passado, que nas revistas, que os Capitaens Móres das Ordenanças, e Commandantes das Legioens Nacionaes de Lisboa, houverem de passar para verificarem o numero dos individuos sujeitos ao sorteamento, hajaõ de assistir medicos dos partidos das Camaras dos Districtos respectivos, ou das mais vizinhas, sendo para isso avisados pelas respectivas Camaras, e mostrando a experiencia, que em muitos districtos não ha medicos de partido, por cujo motivo se tem retardado a execução das sobreditas revistas: manda o Principe Regente Nosso Senhor, que nos districtos em que faltarem medicos de partido de Camara, como succede nos das Legioens Nacionaes de Lisboa, sejaõ nomeados os medicos dos hospitaes militares, ou civis pelas authorities competentes ; e que na falta delles se nomem os que não forem de partido, requerendo-se a sua nomeação aos Magistrados Territoriaes ; e finalmente que na falta absoluta de medicos, recaia a nomeação nos cirurgioens mais habeis, preferindo os de partido aos que o não forem. Dom Miguel Pereira Forjaz, do conselho de S. A. R., Tenente General dos Seus Reaes Exercitos, e Secretario dos Negocios Estrangeiros, da Guerra, e da Marinha, o tenha assim entendido, e faça expedir as competentes participações. Palacio do Governo em 8 de Março de 1813.

Com seis Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

PORTARIA.

Constando ao Principe Regente Nosso Senhor, que diversos Marchantes, por si, e por seus agentes, e compradores, com o pretexto de fornecedores, que são ou se dizem ser, dos exercitos, e da Esquadra Britanica, praticaõ huma rigorosa travessia, comprando nas feiras, e mercados muitos gados, que revendem em outros, para levantarem deste modo os preços dos mesmos gados, e accumularem os seus lucros illicitos com manifesto prejuizo do publico, e dos mesmos exercitos, e esquadra: he o mesmo Senhor Servido não só suscitar a observancia das providencias dadas no Alvará de 25 de Fevereiro de 1802, que as occurrencias da guerra tem posto em esquecimento em muitas terras, mas ordenar de novo que os Marchantes, ou outros compradores encarregados do fornecimento dos exercitos, e Esquadra Britanica, sejaõ obrigados, além do que em geral se acha determinado a respeito dos Marchantes, a marcarem logo com a letra—R—na perna direita todos os gados, que comprarem, quer seja com o destino do dito fornecimento, quer para outro, a que sejaõ obrigados, não lhes ficando livre o poderem revender os ditos gados, mas só dar-lhes consumo no dito fornecimento dos exercitos, a que se tenhaõ obrigado, ou em açougues publicos, tambem da sua obrigação.

Todo o gado, que se verificar existir no dominio dos referidos Marchantes, passados oito dias depois da publicação desta Portaria, na cabeça da Comarca respectiva, sem a sobredita marea, assim como o que for achado com ella em poder e dominio de outra pessoa, que não seja marchante obrigado a algum dos exercitos, ou esquadra, será perdido em proveito da Camara do districto do denunciante, se o houver, e dos officiaes da diligencia, na forma que se acha determinada no dito Alvará.

Mas porque póde acontecer, que os referidos Marchantes sintão em algumas occasioens prejuizo com a prohibiçãõ de venderem algumas cabeças dos seus gados, ou seja por lhes sobrarem do consumo, a que os destinavaõ, ou por falta de sustento para os mesmos gados, ou por outros motivos semelhantes, fica-lhes permittido justificarem perante os Corregedores, ou Provedores, da Comarca respectiva, as ditas causas, e obter delles licenças por escripto para as vendas innocentes dos mesmos gados, as quaes licenças só lhes seraõ concedidas, quando não occorra circumstancia, que faça suspeitar fraude nas pretendidas vendas. Mas estas mesmas não poderaõ os Marchantes ultimar sem hum segundo Despacho

ou approvaçãõ de venda, por escripto dos ditos Magistrados, com designaçãõ do nome do comprador, que sera sempre hum dos Marchantes da Comarca, para o mesmo despacho ficar na mãõ do comprador, servindo-lhe de titulo para a sua escusa, no caso que seja arguido de possuir gado marcado, contra a prohibiçãõ geral.

E por quanto todas as providencias dadas para cohibir os monopolios, e travessias de gados serãõ inuteis se as justiças das terras nãõ zelarem a observancia dellas : ha S. A. R. por muito recommendada a rigorosa execuçãõ de todas as Leis, e Ordens passadas a este respeito, e especialmente a do Alvará de 25 de Fevereiro sobredito, e a da presente Portaria, ficando particularmente obrigados os Corregedores das Comarcas a vigiar sobre a conducta dos juizes de fóra, e ordinarios dos seus districtos, e a dar conta do que occorrer em materia de tanta importancia ao vereador do senado da camara desta cidade, juiz das travessias, tudo com as comminaçoens já estabelecidas no referido Alvará. O mesmo senado da camara, corregedores, juizes, e mais pessoas, a quem competir, o terãõ assim entendido, e executaraõ muito cumpridamente. Palacio do Governo em 11 de Fevereiro de 1813.

Com as Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

PORTARIA.

Sendo indispensavel que nas occasioens, em que extraordinariamente possa ser necessario aos commissarios das tropas de S. M. B. recorrerem ás authoridades civis para estas lhes apromptarem os viveres, e forragens precisas para o muniçiamiento das mesmas tropas, se satisfaçãõ as suas requisicoens da mesma sorte que se acha determinado para o fornecimento das tropas Portuguezes nos §§ 13, 14 e 15 do Artigo 2., e no § 3. do Artigo 7. do regulamento do commissariado : manda o Principe Regente Nosso Senhor, que o disposto nos ditos parrafos seja applicado e igualmente observado a respeito do fornecimento das tropas Britanicas ; e que os Ministros territoriaes, juizes ordinarios, e mais justiças respondeãõ perante a commissãõ especial por toda e qualquer culpa, que commetterem ao dito respeito, da mesma sorte que sãõ obrigados a responder pela culpa da falta de transportes, na fórma da Portaria de 21 de Maio de 1810. As auctoridades a que

competir, o tenhaõ assim entendido, e fação executar. Palácio do Governo em 26 de Março de 1813.

Com as Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

Artigo II. § 13. Os Empregados, quando precisarem de generos, os transportes, devem requerellos ás authoridades competentes, e recebellos das mesmas authoridades, debaixo das formalidades prescriptas; e de nenhum modo tomallos por authoridade, ainda mesmo quando as Magistrados lhes indiquem os lugares donde os devem tirar.

§ 14. Se as authoridades se recusarem, e os empregados souberem que existe aquillo que pedem, notaraõ por escripto isso mesmo á authoridade que lho denegar; se ainda assim se não prestar, daraõ parte aos seus Superiores, que o faraõ saber logo ao Marechal Commandante em Chefe do Exercito, a fim de que este possa fazer responder perante a commissaõ militar aquella authoridade, que por omisaõ deixar de cumprir as requisiçoens que lhe forem feitas.

§ 15. Todas as requisiçoens seraõ dirigidas por escripto, e assignadas por quem as fizer, e nellas se deverá declarar o que se precisa, e para que. O Empregado, que alterar esta ordem, será punido, bem como a authoridade a quem se fizer a requisiçaõ com estas formalidades, se a não cumprir por negligencia. Havendo impossibilidade de se satisfazer a huma requisiçaõ, deverá ser declarada tambem por escripto; porque só assim se fará attendivel.

Artigo VII. § 3. Os commissarios passaraõ recibos na forma do modelo No. 15 de tudo quanto receberem, e de qualquer parte que sejaõ; e se os não passarem, seraõ castigados com as penas estabelecidas no Artigo 13.

PORTARIA.

Havendo-se diminuido consideravelmente o numero dos Maritimos, que compunhaõ as Companhias dos Barcos, que fazem a navegaçaõ dos principaes Rios destes Reinos, desde a época do Alvará de quinze de Dezembro de mil oitocentos e nove; e não tendo sido da intençaõ do mesmo Alvará no § 6., nem da da Portaria de dezeseite de Junho de mil oitocentos e dez nos §§ 3. e 7., que deixassem de ser isentos do Serviço Militar aquelles Moços que tendo-se destinado a na-

vegação desde os seus primeiros annos, se empregassem utilmente neste trabalho : he o Principe Regente Nosso Senhor Servido Mandar declarar, que os Maritimos legitimamente matriculados, e que se empregão effectivamente na navegação dos Rios, e embarcações approvadas pela Lei, são, e se entendão isentos de recrutamento da tropa, ainda que se destinassem a este serviço depois de mil oitocentos e nove. Os generaes encarregados do Governo das armas, capitães mores das ordenanças, e mais authoridades a que tocar, o tenhaõ assim entendido, e executarão. Palacio do Governo em vinte e nove de Março de mil oitocentos e treze.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

PORTARIA.

Sendo necessario fazer cessar o abuso, que se tem feito dos Decretos de onze, e vinte e trez de Dezembro de mil oitocentos e oito, e a errada intelligencia de muitas Pessoas, que desde o tempo da feliz Restauração destes Reinos, se tem permittido o uso das armas defezas no interior do Paiz, e fóra das occasioens de resistirem ao inimigo, com positiva transgressão das Leis, e contra a intenção dos sobreditos Decretos : He o Principe Regente Nosso Senhor Servido Ordenar, que se ponhao em inteira execução as Leis e Pragmaticas, que prohibem o uso das armas; devendo ser apprehendidos e processados, conforme as mesmas Leis, todos os que, sem ser em serviço, ou em occasioens de Exercicios Militares, forem encontrados com armas, ou seja em estradas, ou em povoado, exceptuando sómente os viajantes, que se mostrarem munidos de Licenças legitimas, e de nenhuma sorte duvidosas Fica porem não só permitido, mas ordenado, como o foi já nos Decretos mencionados, a todos os Moradores destes Reinos o terem, e conservarem armas em suas proprias essas, para dellas se servirem contra os inimigos destes Reinos, quando assim lhes for determinado pelas Authoridades competentes. Os Magistrados, Justiças, e Pessoas a que tocar, o terão assim entendido, e executarão muito inviolavelmente. Palacio do Governo em vinte e nove de Março de mil oitocentos e treze.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

O Principe Regente Nosso Senhor manda remetter á Commissão do resgate dos Captivos de Argel, a cópia inclusa da

Portaria de 22 do corrente, assignada por José Maria Trener, Official de Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, e Dominios Ultramarinos, para que se faça logo publicar na Gazeta, e se lhe dê a sua devida execução, como S. A. R. determina: O que participo a V. M. para assim o fazer presente á mesma Commissão. Deos guarde a V. M. Palacio do Governo em 24 de Abril de 1813. D. Miguel Pereira Forjaz. Senhor Francisco Antonio Ferreira.

Aproximando-se o prazo em que deve terminar a prorogação da Tregoa existente entre este Reino, e a Regencia de Argêl, e sendo muito interessante ao Commercio de Portugal concluir huma Paz sólida, e duravel com aquella Regencia, e mais Potencias Berberescas, o que se nao pode effectuar sem hum desembolço incompativel com o estado actual das rendas publicas quasi todas applicadas á sustentação dos Exercitos, que tao heroicamente se tem empregado na defeza do mesmo Reino, e que devem continuar a empregar-se até obter a sua mais completa segurança na total expulsão dos inimigos da Peninsula; Manda o Principe Regente Nosso Senhor, tendo em vista conseguir o desejado fim do modo menos gravoso nas presentes circumstancias, e contando com o patriotismo, lealdade, e esforços dos benemeritos Negociantes das duas Praças de Lisboa, e Porto, tao interessados neste importante objecto, que a Commissão encarregada da recepção dos fundos applicados ao resgate dos captivos, e que tao louvavel e zelosamente se tem empregado neste interessante negocio, proceda logo a abrir, e realisar hum Empréstimo entre os Negociantes das duas Praças, ou outros quaesquer que se prestem a concorrer para elle, da importancia total de quatrocentos sessenta e oito contos de reis na forma da Lei, com o vencimento de juros de seis por cento, para cujo pagamento, bem como do capital, He S. A. R. Servido Mandar desde ja destinar a quantia annual de cento e vinte contos de reis, tirados do rendimento dos tres por cento de fragatas, e combois, ou na sua falta, de qualquer outro das Alfandegas, devendo a mesma commissão receber semanaria, ou mensalmente (princiando a contar do mez successivo aquelle em que se realizar a totalidade do empréstimo) a correspondente quantia de dez contos de réis mensaes, em que importa a dita consignação, satisfazendo immediatamente aos accionistas a parte do capital e juros, que pelo rateio lhes pertencerem até total extincção das suas dividas, devendo infallivelmente estar completo até o dia quinze de Maio proximo.

E como se nao tenha podido verificar ainda o completo pagamento do Empréstimo destinado para o ultimo resgate dos captivos em Argel, mando sim S. A. R., que a somma, que

se estiver devendo deste ultimo resgate se ajunte aquella, que presentemente se pede para ficar como ella vencendo os mesmos juros de seis por cento, desde a época em que se completar o anno do seu emprestimo: e que para o seu pagamentos, além das Loterias que lhe estao concedidas e deverao continuar, e dos fundos obtidos por donativos voluntarios dentro no Reino, nas Ilhas, na America, e nos outros Dominios de Sua Alteza Real, fique subsidiariamente applicada a mesma consignaçoẽ destinada para o pagamento deste Emprestimo. As Authoridades a que competir, assim o tenham entendido e façoẽ executar. Palacio de Governo aos 22 de Abril de 1813.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino. José Maria Trener.

AVIZO.

Para Antonio Duarte da Fonseca Lobo.

Sendo presente ao Principe Regente Nosso Senhor o atrazo de cultura, e as poucas sementes que tem os Moradores das terras de Gouvêa, Celorico, Trancoso, Mello, Villa Cortez, Mesquitella, Fornos de Algodres, S. Pedro do Sul, Juncaes, S. Joaõ da Pesqueira, Freixadas, Lamegal, Freixo de Espada á cinta, Escalhão, Pinhel, e outras; he servido que V. M., visto nao ser possivel, nem caber no tempo o remetter se o referido grao dos Portos de mar, o procure haver de qualquer parte, aonde o houver, com a maior brevidade, para que se possaõ fazer as devidas, e necessarias sementeiras, estabelecendo tres Montes Pios, na conformidade da Portaria de 25 de Janeiro de 1812, cada hum de dois mil alqueires naquellas terras, que melhor convier, e forem mais centraes dos ditos Povos, para serem emprestados pelos Juizes de Fóra, ou Corregedores, na forma ordenada na Portaria, pelos moradores que tiverem terras capazes, e mais necessitarem; e a Francisco Xavier de Montes, Thesoureiro da Casa da India, se expedem as ordens necessarias para que aprompte os fundos para esta importante commissão: ficando V. M. encarregado nao só do estabelecimento dos Selleiros; mas da sua conservaçoẽ, e da fiel execuçoẽ da referida Portaria: o que participo a V. M. para que assim o execute.

Deos guarde a V. M. Palacio do Governo, em 8 de Abril de 1813.

Alexandre José Ferreira Castello.

AVIZO.

Para Francisco Xavier de Montes.

O Principe Regente Nosso Senhor he servido, que V. M. com a maior brevidade faça remetter a Antonio Duarte da Fonseca Lobo, Inspector actual dos Transportes da Beira Alta, residente em Lamego, os fundos necessarios para a compra de seis mil alqueires de milho, que deve fazer para o estabelecimento de tres selleiros para o soccorro daquelles Povos, como lhe he ordenado, entendendo-se V. M. com o referido Ministro, e dando as promptas providencias para a brevidade das remessas, de modo que se possa acudir ás sementeiras tao necessarias para a conservaçõ dos Povos : o que participio a V. M. para que assim o execute.

Deos guarde a V. M. Palacio do Governo em 8 de Abril de 1813.

Alexandre José Ferreira Castello.

AVIZO.

Constando a Sua Alteza Real, que V. M. effectivamente recebera hoje do Real Erario a quantia, que ainda faltava para se realisar o pagamento já ordenado da quarta parte do ultimo emprestimo para o resgate dos captivos de Argel manda o mesmo Senhor recommendar a V. M., que se proceda immediatamente a fazer annunciar, e que effectivamente se realize logo o indicado pagamento, na forma determinada anteriormente : O que participio a V. M. para sua intelligencia, e prompta execuçaõ.

Deos guarde a V. M. Palacio do Governo em 13 de Abril de 1813.

D. Miguel Pereira Forjaz.

Sr. Francisco Antonio Ferreira.

INGLATERRA.

REZUMO PARLAMENTAR.

CAMERA DOS PARES.

Sessão de Segunda Feira. 3 de Maio.

O Conde de *Liverpool* apresentou duas petições tendentes á promover o christianismo na India; huma dos Anciaons e Presbyteros de Glasgow, outra dos habitantes de Margate.

O Marquez de Buckingham apresentou outras duas sobre o mesmo objecto de duas cidades do condado de Buckingham. Elle observou que a camera não devia consentir, que o zelo ardente, porem mal entendido das pessoas que se apressão a apresentar semelhantes petições, empecesse a religião pura, a tranquillidade, e ventura dos habitantes da India.

Muitas outras petições se apresentaraõ para o mesmo fim; as quaes se pozerão sobre a meza. Na sessão de 4 e 5 se repetiraõ as petições sobre o mesmo objecto, que foi geralmente discutido.

CAMERA DOS COMMUNS.

Segunda Feira, 3 de Maio.

Mr. Canning apresentou duas petições da parte de certos negociantes e fabricantes de algodão; em que se pedia n'huma a revogação da parte do acto do anno 43 do presente reinado, que permite a importação sobre vasos neutros de algodão vindo de paizes com que estamos em guerra; e na outra que se prohibisse a entrada do algodão d'America neste paiz.—Postos sobre a meza.

Vias e Meios.

O chancellor do *Exchequer* depois de notar a facilidade

com que 12 milhoens em bilhetes do *Exchequer* se commutaraõ em aççoens nos fundos publicos em hum so dia ; propoz huma serie de rezoluçoens para levantar tres milhoens sobre apolices, e conceder a aquelles que subscreverem para estas apolices, assim como para as precedentes, a faculdade de commutar bilhetes do *Exchequer* pelo dobro da somma que deste modo adiantarem. Estas rezoluçoens foraõ adoptadas.

Sessão de A Feira.

NEGOCIOS ESTRANGEIROS

Aprezentada a relação do comité de Vias e Meios.

Mr. Ponsonby disse que de nenhuma sorte pertendia obstar á medidas que os ministros de S. M. julgassem convenientes, para levantar os fundos necessarios ao serviço do Estado. Elle não fazia sobre isso a mais pequena oppozição, sentindo igualmente a necessidade de fazer grandes esforços este anno, mais que em tempo algum desde o principio da guerra. Mas elle dezejava fazer algumas observaçoens sobre aquelle objecto, e mais circumstancias, que tinhaõ vindo ao seu conhecimento, e ao de todo mundo. Elle tinha ouvido que de tres milhoens votados pelo Parlamento, ja 300 ou 400,000l. se tinhaõ adiantado a Suecia. Tinha-se tambem dito que o ministro enviado pela Dinamarca, se havia retirado, falhando a sua missão pelo obstaculo que lhe offerencia hum ajuste feito entre este paiz e a Suecia, a fim de a por na posse de certa parte dos estados Dinamarquezes. Elle não exigia do Nobre Lord a divulgação, se elle fosse impropria, das relaçãoens em que estavamos com aquellas as potencias; mas pensava ser importante chamar a attenção do governo sobre a necessidade de uzar da maior precaução antes de contractar obrigaçoens desta natureza. As que se tinhaõ feito, poderiaõ ser ou não prejudiciaes aos interesses immediatos da nação; mas era provavel que fizessem nascer difficuldades na concluzaõ da paz. A Suecia tinha ja recebido 300,000l., e ategora os seos esforços limitaraõ-se a guarnecer as suas fronteiras, com tudo, dizia-se que a Russia, juntamente com o Governo Inglez lhe afiançavaõ a acquizição da Noroega, huma vez que ella dezesolvesse mais activamente as suas operaçoens offensivas. Elle não via em taes ajustes couza alguma contraria aos principios de lealdade, e justiça, que devem regular a po-

litica das naçoens, visto que estamos realmente em guerra com Dinamarca. Se pois o Nobre Lord, sem faltar ao seu dever, e ao que requer o estado actual de nossas relações exteriores podesse dar á camera algumas instrucçoens sobre esta materia, ella as receberia com gosto; se pelo contrario sua Senhoria pensava não ser prudente nem seguro o fazelo; não obstante o governo actual não lhe inspirar huma illimitada confiança, elle se limitara ás asserçoens de sua Senhoria; rezervando-se todavia o direito de censurar ao depois as medidas dos ministros de Sua Magestade, que não forem da sua approvação.

Lord Castlereagh disse que o muito honrado membro estava perfeitamente na regra, quando não requeria informaçõens impossiveis. Com muito gosto elle lhas daria, se isso não empecesse no momento actual aos interesses publicos. Observou somente que as negociaçoens com Dinamarca abraçavaõ objectos relativos não so a nossa politica exterior, mas tambem aos interesses immediatos e particulares da Graã-Bretanha.

Depois de se expedirem alguns negocios correntes, a camera se adiou.

Sessão de 5 Feira.

A camera negatizou a moção de S. F. *Burdett* tendente a que se remetteste a camera huma copia do exame que a meza *inquisitoria* foi mandada fazer sobre a conducta do capitão *Philimore*, commandante da nau de S. M. o *Diadema*, para com hum homem da sua equigagem.

Mr. *W. Smith* fez a moção que tinha annunciado, sobre as pennas pronunciadas pelos actos do Parlamento dos annos 9 e 10 do reinado do Rei *Guilherme* contra aquelles que negaõ a doutrina da santissima *Trindade!* pelos quaes actos essas pessoas, pela primeira vez, são declaradas incapazes de occupar emprego algum civil, ecclesiastico, ou militar; e em cazo de recidiva, são declaradas inhabeis a proceder em justiça, e a exercitar as funcçoens de executores de testamentos, curadores, &c., e podem ser condemnadas a tres annos de prizaõ. O objecto desta moção era fazer revogar huma parte dos ditos actos, e como não esperava oppozição, pedio simplesmente licença de apresentar huma bill para este effeito.

Lord Castlereagh approvou o principio da moção, e deferio exprimir a sua opiniaõ sobre o modo que se deve propor para se lhe dar effeito.

A moção foi entregue ao hum committé geral, e M. M.

Smith, Whitbread, e Sir R. Hobhouse foram encarregados de redigir o projecto do bill.

A camara, em comité de subsidios, votou diversas sommas para artigos de consumo annual.

Aprezentaram-se muitas peticoens sobre a promoçao do christianismo na India.

Sessão de 5 Feira, 6 de Maio.

Lord Stanley apresentou huma peticao dos fabricantes de algodao, opposta aquellas que se apresentaram em favor da prohibicao do algodao d'America. Os supplicantes, disse o Nobre Lord, nao objectam contra huma prohibicao de facto por bloqueio, mas pensam que a prohibicao por huma Lei seria hum verdadeiro imposto sobre o algodao.

Mr. Philips approvou a peticao.

O chanceller do *Exchequer* fez algumas observaçoens.

Mr. Baring insistio em que se terminasse a questao.

TOMADAS PELOS AMERICANOS.

O mesmo Baring disse que na ausencia de seu Nobre Amigo (Mr. Littleton) julgava de seu dever pedir que se apresentassem os papeis que eram necessarios para discutir a moçao relativa a direcçao da guerra maritima. Multiplicadas queixas se tinham feito pelos negociantes interessados no commercio maritimo sobre a insufficiente protecçao que elle recebia da nossa marinha, e sobre a maneira, por que elle fora interrompido pelos Americanos, particularmente na costa do Brazil, e nas Indias Occidentaes. Elle allegava estes factos simplesmente, para servir de base a moçao. Propunha-se a pedir a lista dos vasos Inglezes, tomados pelos Americanos desde o principio da guerra com os Estados Unidos; mas o Secretario do Almirantado lhe observara, que nao havia secretaria, que podesse fornecer huma tal relaçao. Nao concebia como o Almirantado nao podia procurala. Como podia o Almirantado distribuir as forças navaes de maneira que protegesse efficazmente o nosso commercio, se elle ignorava o numero dos vasos tomados pelo inimigo? Vista portanto a impossibilidade do Governo em obter tal documento de suas secretarias, elle moveo, que se remetterssem a camera copias de todas as representaçoens, memorias dirigidas ao Almirantado, sobre a insufficiencia da protecçao dada ao commercio nas costas d'America, e nas Indias Occidentaes, desde o principio da guerra.

Lord *Castlereagh* disse que estava sempre prompto approvar, que na presente guerra maritima, o Almirantado não tem tido falta de zelo, de habilidade e de vigilancia, quando lhe couber decidir sobre a moção annunciada a este respeito. Quanto áquella que o nobre membro acabava de fazer, elle observava que o Almirantado não podia obter senão do inimigo a lista dos vasos tomados por elle, e que essa, sopunha elle, seria imperfeita e fallaz; e a respeito da moção ultima, julgava, que ella comprehendia, alem de memoriaes e avizos, cartas particulares, e sobre taes documentos parecia, que o nobre membro fundava as suas accusações contra o Almirantado! Se a camera adoptasse huma tal moção; as secretarias do Almirantado seriaõ inundadas de representaçoens mal fundadas, e queixas talvez escandalozas, feitas pelos individuos, que se julgassem lezados, o que justamente estorvaria os trabalhos e expedição dos negocios. Seria impossivel prever o mal, que rezultaria de reclamaçoens e chicanas assim dirigidas contra o Governo. Elle exhortava pois o honrado membro a não insistir sobre a moção.

A moção foi posta a votos, e negativada sem divisaõ.

CAMARA DOS PARES.

Sessao de 3 Feira, 11 de Maio.

O Duque de Montrose apresentou huma petição dos habitantes de Dumbarton, em que se queixavaõ do modo de arrecadar os impostos sobre as propriedades em Escossia, estabelecido pelo acto do anno 46 do presente reinado, segundo o qual todos os sete annos se deve fazer huma nova avaliação do producto das terras, o que he de grande obstaculo para a industria dos cultivadores.—Posta sobre a meza.

Diversas petiçoens se apresentaraõ em favor da propagação do Christianismo na India, que foraõ tambem postas sobre a meza.

CAMARA DOS COMMUNS.

Sessão de 3 Feira, 11 de Maio.

CATHOLICOS ROMANOS.

Sir *J. Hippisley* disse que antes de entrar em detalhes, exporia primeiramente a natureza, e forma da sua moção, que tinha por objecto :—

Que se nomeasse hum comité escolhido, para examinar as leis, que dizem respeito aos Catholicos Romanos de Sua Magestade, a lista e numero dos dignitarios Catholicos Romanos dependentes da Sé de Roma; o numero e a lista das escolas Catholicas Romanas existentes neste paiz e nas colonias, e os regulamentos adoptados pelos Estados estrangeiros a respeito da ordem episcopal da Igreja Catholica Romana.—O Hon. Baronet continuou a dizer que o motivo porque fazia esta moção era, porque o publico estava na mais perfeita ignorancia, a respeito de todos os factos importantes, e consideraçoes, em que se devia fundar o remedio practico deste grande mal politico. O bill introduzido por Mr. Grattan para remover as desvantagens Catholicas era, disse elle, visto com horror em Irlanda; e eraõ taes os sentimentos do corpo Catholico a respeito de huma das clauzulas *proponendas* por Mr. Canning, que trinta Bispos, e quantidade immensa do clero antes quereriaõ perecer no cadafalso, do que prestar-lhe o seu consentimento. O Hon. Baronet fez entao varias observaçoens, e accrescentou que a camara devia examinar os regulamentos adoptados para este effeito pelas outras potencias, e o resultado conseguido; e acabou propondo a sua moção, que foi secundada por Mr. Ryder.

Mr. *Grattan* oppoz-se á moção como desnecessaria, e hostil ás medidas perante a camera em favor dos Catholicos. Elle negou que o bill catholico fosse olhado com horror em Irlanda; pelo contrarios os Catholicos estavaõ inteiramente dispostos a aceitar com gratidaõ o que a legislatura quizesse conceder-lhes; esperando que as futuras graças se nao oppozessem aquellas que ja se lhes havia feito. O nobre membro defendeo as providencias do citado bill, e disse que á segurança que elle estabelecia, o hon. membro (Mr. Canning) tinha ajuntado algumas clauzulas, que teriaõ todo o effeito de nomeaçao propria, sem dar a coroa grande poder de intromissao. Elle taõbem esperava, que o bill reformado com taõ liberaes e excellentes clauzulas, produ-

ziria a emancipação dos Catholicos, e a segurança dos protestantes. Elle concebia que elle traria aquella apetevida incorporação, que previnisse influencia qualquer Catholica sobre os negocios da Igreja estabelecida, e seria a melhor barreira contra poder estrangeiro. Convencido portanto da importancia do bill, não podia aquiescer á moção do nobre Baronet, e propoz consequentemente os objectos que havia a tratar.

Mr. *Ryder* disse que se o bill catholico passasse a lei, habilitaria os catholicos a serem membros do Parlamento, e Ministros de Estado, sem providencia dada para protecção da Igreja Protestante. Elle não via segurança adicional em os juramentos propostos no bill.

Elle sustentaria a moção do Hon. Baronet, por quanto hum comité de inquisição era absolutamente necessario.

Mr. *Canning* tractou de redicula a proposição do comité, e defendeo largamente as providencias do bill catholico.

Mr. *Bathurst*, e *Lord Dy. art.*, fallarao em favor da moção de Sir J. C. *Hippisley*.

Lord *Castlereagh* declarou-se contra a moção, como tendente a produzir muita demora; e era a sua opiniao que se o Parlamento hia seperar-se sem dar aos catholicos, e aos Protestantes huma idea do que intentava fazer, obraria muito mal

A moção de *Hippisley* foi posta a votos:

A favor—187

Contra—225

Majoridade contra— 48

Sessão, de 2 Feira, 17 de Maio.

Tornou-se a agitar a questão do bill Catholico, que foi adiada para a segunda Feira proxima seguinte.

Sessão de 5 Feira.

Imposto sobre o Couro.

Mr. *Benson*, depois de representar a calamidade que se tinha experimentado em *Staffordshire* e outras partes, propoz a revogação do acto que havia acrescentado o imposto sobre os couros, e pelles. *Vansittart* disse que os curtidores tinhaõ de propozito reduzido o seu cabedal a fim de minorar

a receita, e fazer isso caso do Parlamento. Depois de algumas observaçoens, a moção para o bill de revogação foi negatizada por 125 votos, contra 120.

Sessão de 3 Feira, 24 de Maio.

A questãõ dos Catholicos que fora adiada para esta sessãõ, foi discutida com muito calor, e vehemente zelo por ambos os partidos. Nem o tempo, nem o lugar nos permitem copiar as grandes fallas que se fizeraõ nestes importantes, e vivos debates. Marcaremos somente os nomes mais prominentes em os lados oppostos da Camera; e para melhor se entender qual seria a força daquella discussãõ, damos hum extracto do bill Catholico, objecto da questãõ, o qual se reduz aos termos seguintes:

Este bill habilita os Catholicos Romanos a sentar-se em ambas as Camaras do Parlamento, e a entrar em todos os lugares civiz e militares, tomando hum juramento, e fazendo certas declaraçoens, em vez daquellas exigidas pelas leis prezentes, como declaraçoens contra a Transubstanciação, e Invocação dos Santos, &c. excepto os lugares de Lord Graõ Chancellor, de Lord Commissario do Grande Sello da Gram Bretanha, de Lord Deputado, ou chefe Governador, ou Governadores de Irlanda.

Os Catholicos Romanos continuaraõ a não entrar em lugar, emprego, beneficio, ou dignidade pertencente a Igreja estabelecida, ou a Igreja da Escossia, ou qualquer tribunal ecclesiastico ou universidade deste reino.

O clero Catholico Romano tomará hum juramento de não recommendar, sancionar, ou concorrer em a nomeação, ou consagração, de Bispo qualquer, de cuja lealdade não esteja bem informado. Ninguem senãõ vassallo nascido no reino, depois de rezidir cinco annos immediatamente previos a consagração, podera exercer as funçoens de Bispo.

Tal era o bill de Grattan, a que Mr. Canning ajuntou como supplemento as seguintes clauzulas.

“ Todo o Bispo Catholico Romano que houver de nomear-se deverá ter hum certificado de cinco Pares Catholicos Inglezes nomeados no bill, quanto a sua lealdade, e todo o Bispo que officiar sem elle, poderá ser mandado fora do reino.—Que todas as bullas ou breves recebidos de Roma seraõ immediatamente communicadas aos Commissarios nomeados no Bill, a saber, como Pares Catholicos, o Bispo Catholico Romano do districto de Londres, o Lord Chan-

celler, e hum dos Secretarios de Estado, que seja Protés-tante; excepto aquellas bullas que forem relativas ao espiri-tual dos individuos; o que deve certificar-se por hum juramento.

Os Commissarios daraõ hum juramento de segredo.

As mesmas providencias se daraõ para a Irlanda.

Eis aqui o bill que se discutio na prezente sessaõ: e a ordem em que fallaraõ sobre este objecto alguns membros da Camera dos Communs.

Mr. *Abbot* (o orador) foi o primeiro que se levantou; e fez huma falla, em que dezaprovou em geral o Bill, e em particular a clauzula, que admittia os Catholicos a ter assento nas Camaras do Parlamento.

Mr. *Whitbread* depois de refutar os argumentos do illustre membro que fallara primeiro, como ja tantas vezes expostos, e mal fundados, disse que se o Bill passasse sem a clauzula principal que admittia os catholicos ao Parlamento, o Bill não valeria de nada; e portanto esperava que a Camara a apoiasse, em toda a sua extençaõ como a melhor medida, que se podia tomar no estado prezente.

Sir *John Nichol* considerando este objecto por dous lados, não receava tanto a influencia papal dos Catholicos; se este Bill passasse, como a sua politica ascendencia, que olhava como o principio destruidor da constituição; e portanto oppunha-se ao Bill da maneira a mais decidida.

Mr. *Ponsonby* com a eloquencia, que lhe henatural, e costumada clareza e força de raciocinio mostrou a futilidade dos receios, em que se fundavaõ os membros da oppozição, e tirando dos factos allegados mais legitimas consequencias, provou a necessidade de que o Bill passasse, para a conciliação dos Catholicos, e segurança mesmo dos Protés-tantes.

Sir *J. C. Hippisley* disse sobre este objecto algumas couzas que excitaraõ o rizo varias vezes, e guardou para outra vez a sua concluzão.

O Chancellor do *Exchequer* fallou em hum tom mui baixo para se ouvir o que dizia; e apenas se lhe percebeo que o seu objecto era prover sufficientes guardas para o estabelecimento da Igreja do Estado.

Mr. *Tighe* arguiu por muito tempo a favor do Bill, e considerou como absurdo o temor da oppozição pela Soberania Papal; e consequencias vizonarias que dali tirava contra os Catholicos.

Mr. *Banks* não approvou os sentimentos experssos a favor do Bill. Elle não podia coineidar na primeira clauzula do Bill, que tendia á desuniaõ dos interesses publicos, e á

separação de homens em pontos essenciaes á felicidade publica, que podião aliás unir-se.

Lord Castlereagh guiado pelos principios de huma luz politica, e sam religião, não concebia pela admissão dos Catholicos a membros do Parlamento. os hypochondriacos temores que observava entre muitos dos honrados membros da Camera a este respeito. Ella assentava que era chegado o tempo, em que a religião expurgada dos erros que por muitos seculos a denegrirao, não podia influir sentimentos de revolta, e dissensão em vassallos; que abraçavaõ os principios constitutivos, em que se fundava a liberdade, e independencia do paiz; e olhando a questao em geral, a exemplo de *Ponsonby*, não admittia conciliação nos Catholicos sem admissão da clauzula, que lhes abria as portas do Parlamento.

Mr. Grattan replicou aos argumentos dos que se tinhao opposto á clauzula.

Mr. Canning, levantou-se e chamando a attenção da Camera para a immediata questao contida na primeira clauzula do Bill; a reduzio a dous pontos—concessao e conciliação dos Catholicos, e segurança dos Protestantes. Estes dous pontos tendo tao grande connexao entre si, elle tinha o maior affeiro possivel a prezente clauzula; como o mais seguro meio de preencher ambas as vistas; o que provou n'huma falla tao analytica como elegante.

Mr. Bathurst fallou hum pouco de tempo contra a clauzula.

A questao foi posta a votos:

Contra a clauzula—251

A favor—247

Majoridade contra ella— 4

Extracto de huma Carta de hum vassallo Inglez, que residio no Brazil, ao Principal Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros em Inglaterra, tirado do (*Independent Whig.*)

Omittindo o principio e outros lugares desta carta, em que o author participando da mania e injustica de outros muitos, rediculiza o Governo do Brazil, damos a tradução da passagem que nos pareceo mais interessante, e se refere ao seguntie facto;

“Hum navio, por nome Dart, de que era capitão hum certo R. Crosset, foi condemnado em Pernambuco no mez de Dezembro de 1812. Crosset entregou; segundo o costume, seu registro e outros papeis ao Consul Britanico. a excepção do Passe Mediterraneo*, que por huma fiança sendo obrigado a apresentar aos seos mercantes na volta para Inglaterra, guardou com sigo consequentemente. O Consul, entusiasmado com a sua authoridade, e de certo ignorando os seos limites, assentou la consigo pedir aquelle papel, o que fez por meio de huma carta, datada aos 30 de Dezembro de 1812. A ordem era peremptoria, sem dar tempo a deliberação, ou lugar a replica, e concluia ameaçando, que no cazo de a não entregar, as consequencias seriaõ serias!— Serias foraõ, na verdade, por quanto sem examinar os fundamentos da authoridade que assumira, ou dar lugar a defeza dous dias depois, passou, e poz nas maõs dos officiaes de justiça a seguinte ordem.

“O official de justiça do Illustrissimo Senhor Juiz Ouvidor, prenderá o Capitão R. Crosset a minha ordem, e elle tem licença minha para entrar em qualquer caza dos vassallos de sua Magestade Britanica, para o dito fim ”

“ S. LEMPRIERE.”

“ Pernambuco, 2 de Jan. de 1813.

Dous dias depois, isto he, a 4 do dito mez, os officiaes de justiça entraraõ em caza de hum Inglez ali rezidente chamado Stack, onde morava Crosset, o qual foi agarrado, e levado violentamente para huma prizaõ, onde foi posto entre ladroens, assassinos, e mal feitores de toda a especie, de que ha sempre grande quantidade nas prizoens de toda a grande a cidade. Nesta situação elle permaneceu outo dias, ate que os Negociantes Inglezes rezidentes em Pernambuco, indignados do procedimento oppressivo deste homem, cujo dever era ser a guarda, e o protector de seos direitos e liberdade, se ajuntaraõ, e unanimemente rezolveraõ appellar da tyrania do seu proprio Consul para a justiça do Governo do paiz. Assim felismente o praticaraõ; por quanto o resultado foi a immediata sultura do aggravado capitão; a

* Documento que o Governo Inglez dá a todos os Capitaens de navios Inglezes, para não serem tomados pelas potencias Barbarescas com quem está em paz.

qual foi acompanhada de circumstancias de particular attenção, pois que mostravaõ o impropriissimo procedimento deste representante de sua Magestade Britanica. O Consul altamente offendido desta censura indirecta, requereo os seus passaportes ao Governo de Pernambuco, declarando que não queria mais viver debaixo do seu dominio despotico. Estes lhe foraõ immediatamente remettidos, e acompanhados de huma sarcastica despedida, em que Sua Excellencia lhe dizia—“boa viagem.” Apenas esta justa, e bem dada resposta do Governo Portuguez, foi recebida pelo Consul, este retractou immediatamente a sua prompta rezolução, e fazendo repetidas escuzas pela sua arrebatado procedimento, conseguiu ficar socegado em seu lugar, sendo objecto de aversão e resentimento para todos os Inglezes, e Portuguezes, que de algum modo identificarão o character da Nação com o de seu representante.

He quasi desnecessario observar a Vossa Senhoria a loucura, a temeridade, a injustiça, e subsequente ignominia de toda esta transacção. Pouco he preciso tambem commentar as consequencias, que isto deve trazer aos interesses dos Negociantes Inglezes rezidentes no Brazil.—Mas mesmo estas grandes provocaçoens, dignas como são, My Lord, de publicidade e condemnação, me não excitariaõ a esta censura, se o mal se limitasse a hum so exemplo, ou as consequencias envolvessem somente os interesses de alguns individuos. Porem, My Lord, he este hum somente dos milhares de exemplos, em que a magestoza superioridade do meu paiz, entre hum Povo acostumado a olhar-nos como raça superior entre as naçoens da terra, se tem trahido, aviltado, e sacrificado, pela arrogancia, e incompetencia de huma baixa diplomacia.

O acto particular de que me queixo, foi tão mau radicalmente que nada podia desculpa-lo; e tão aggravantes circumstancias o acompanharão, que não admittem replica, e produzem suspeitas muito horriveis para se deixarem sem a mais severa investigação.

(Assignado)

BRITANICUS BRAZILIENSIS.

ESBOCO POLITICO.

AMERICA DO SUL.

Esta parte do mundo posto que tao vasta, e interessante pela sua situaçõ e terreno, naõ offerece á politica no momento actual scenas tam importantes e decizivas sobre a sorte da especie humana, como poderiaõ talvez apresentar. Todavia os principios motores que produzem a convulsã actual da Europa, la existem; e posto que interrompidos na sua acçã por forças contrabalançadoras, naõ deixaõ de patentar de quando em quando symptomas da sua maligna existencia.

BUENOS AYRES.

O Governo revolucionario deste paiz, a pezar da sua fraqueza, e dos seus revezes, affecta ainda hum tom de arrogancia, e soberania, que saõ incompativeis com a verdadeira noçã de liberdade e independencia nacional. Se he certo o que relata o General Dom Manuel Belgrano ao *Supremo* Governo n'hum despacho datado aos 4 de Março do presente anno, o exercito commandado por Dom Pio Tristan, tem derrotado o inimigo inteiramente, e o tem forçado a capitular. O Major General Dias Velez cahio passado na cabeça por huma balla, ao passo que fazia os seus deveres, conduzindo a ala esquerda do exercito ao campo da gloria. Os champions da liberdade, se mostraraõ dignos deste nome; e de verdadeiros Americanos, que tem jurado sustentar a independencia das Provincias Unidas do Rio da Prata. Ainda que duvidamos do acontecimento, por naõ conhecer-mos as fontes donde elle dimana, reconhecemos com tudo na sua mera relaçã, aquelle espirito inquieto e devastador, que intenta fazer a ruina dos estados, a total subverçã da ordem civil, e que naõ cessa de ser nutrido pelos agentes e escriptores revolucionarios.

BRAZIL.

O symptoma mais caracteristico da ruina e decadencia dos Estados he a despovaçã. Os estados naõ constaõ dezertos,

mas sim de homens ; e o melhor he o que mais cuida do augmento numerico, e prospero dos seos individuos. Sua Alteza Real, o Principe Nosso Senhor conhecendo a importancia destes principios não cessa de lidar pelo bem e acrescimo de seos vassallos. A fim de promover a populaçãõ no vastissimo imperio a que prezide, e que taõ necessaria he para a sua grandeza ; elle tem convocado cazaes das Ilhas, principalmente dos Açores, para se estabelecerem nas diversas capitaneas do Brazil ; e achando-se ja muitos destruidos pelas capitaneas do Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Minas Geraes, e Porto Seguro ; e tendo-se lhes fornecido não so terreno para cultivar em seu beneficio, como tambem instrumentos ruraes, caza para habitaçãõ, gados para o serviço do campo, e ate mezadas para a sua sustentaçãõ os dous primeiros dous annos : foi S. A. R. servido por decreto de 16 de Janeiro de 1813, determinar que os ditos cazaes de Ilheos fossem izentos do serviço militar da tropa de linha, e nem obrigados a servir nos corpos Milicianos contra a sua vontade. Quem sabe o peximo costume que havia de recrutar no Brazil, e o quanto elle se oppunha aos progressos da agricultura ; e aos mais importantes interesses do Estado, não pode deixar de ver nesta medida hum grande passo dado para o melhoramento do Brazil ; e todo o verdadeiro Portuguez reconhecerá nella o plano salutar e philantropico, que o governo paternal de S. A. R. tem adoptado a bem de seos vassallos. Esta medida digna de todo o elogio, e de reconhecimento da nossa parte, sera so condemnada ao silencio pelo maligno que não conhece outras prazeres mais que os da inveja, e da maledicencia.

O decreto tambem de 12 de Fevereiro de 1813, em que S. A. R. determina, que os Prezos a ordem Intendente Geral da Policia, e remettidos aos competentes Magistrados, sejam soltos em virtude das sentenças, em que forem julgados livres, sem dependencia de nova determinaçãõ do mesmo Intendente, entendendo-se do mesmo modo o Decreto de 7 de Novembro do anno passado, he de mais a mais huma prova de que S. A. não quer procedimentos arbitrarios, e que o bem do cidadão lhe não deve menos cuidado, que a sua liberdade. Eis aqui mais huma prova de que o nosso Soberano, longe de tender ao despotismo, natural em quem goza de algum poder, procura estorvar em beneficio alheio o abuso da propria authoridade. Defeitos inherentes á couzas humanas podem ter, e tem com effeito occorrido na administraçãõ. Nos o reconhecemos. Incapacidade e intriga de ministros tem sido em todo o tempo o verme destruidor da grandeza do throno e das naçoens ; mas S. A. R. cercado hoje de homens iateiros e perspicazes que sabe conhecer, não pode reccar

debaixo do reinado das leis, e na vehemente promoçãõ de bem que o seu coração benefico lhe dicta, que abortem as tentativas de estabelecer, e firmar aquelle vasto imperio, cuja grandeza elle funda no amor, e lealdade de seos vassallos. Como taes não temos receio de exprimir os nossos sentimentos e opinioens ao nosso Soberano, que tanto, respeitamos e sem faltar-mos a verdade, objecto principal da nossa veneraçãõ, faremos sempre o elogio de todas as boas acçoens quer publicas quer privadas. Mas como a virtude sobre o throno reluz muito mais, por isso mesmo que he mais raro ali manifestar-se; julgamo-nos credores de louvor, de respeito e reconhecimeto a hum Principe que por ella tanto se distingue. Se a malignidade nos increpar [de mais panegiristas do que censores, responderemos; que o louvor que se deve á virtude, he a mais severa reprehençaõ do vicio!

ESTADOS UNIDOS.

Os satellites de Napoleon, que pareciaõ ter affrouxado hum pouco no seu systema de intriga pelo destroço do seu idolo na Russia, toinaõ a atizar a tocha da discordia nos Estados Unidos, e a exacerbar os horrores da guerra. Madison n'hum dos seos impetos Napoleonicos ordenou, que, se os Indios alliados do Governo Britanico, ou em connexãõ com aquelles que obraõ por authoridade do dito Governo, commettessem algum acto de barbaridade ou crueldade contra os cidadãos dos Estados Unidos, se executasse amplamente a pena de taliaõ contra todos aquelles vassallos Britanicos soldados, marinheiros, ou Indios, que se achaõ em connexãõ ou alliança, com a Gram-Bretanha, sendo prisioneiros de guerra, como se o insulto, ou acto de barbaridade ou crueldade fosse practicado por authoridade do Governo Britanico. Eis aque em qui se converterãõ os rumores de conciliaçãõ entre aquelles Estados e este paiz, que era razoavel esperar da interposiçãõ da Russia.

EUROPA.

Voltando os olhos das regioens transatlanticas para o continente da Europa, a nossa attençãõ he chamada subitamente para as margens do Elbo, e Oder, onde a guerra nos offerece hum theatro vasto, cheio de anciedade, e de espectacõens! A battalha de Lutzen ou Gros-Gorschen, a primeira que assignalou a presente campanha, se não teve como não podia ter, resultados decizivos, he ja hum bom

preludio das victorias que esperão as armas Russas e Prussianas ; empenhadas em tão justa cauza. Antes de ter-mos as noticias officiaes de Quartel General Russo, ja pela relação dos papeis Francezes, e sua costumada lingoagem, tinhamos dado o justo valor a esta importante battalha ; a pezar das exageraçoes e pertendida victoria destes. Nos dissemos em o nosso antecedente, que não tremiamos pela sahida de Bonaparte da sua boa cidade de Pariz para se por a frente das numerosas e ameaçadoras forças que levava outra vez ao campo. Cheios da mesma confiança nos applaudimos ainda o valor e o plano das forças alliadas, que em retroder não fazem mais que preparar-se para novos triumphos. Se a battalha de Lutzen, por falta dos detalhes que ainda se ignoraõ, não satisfaz á espectação geral, e aos temores de alguns escriptores e estadistas, nos vemos n'ella huma prova deciziva de quanto podem o saber militar, a coragem do patriotismo, e o sentimento heroico da justiça da cauza.

Com mais duas ou trez acçoens desta natureza se acabará huma campanha, que deve decidir da sorte da Europa por muito tempo.

RUSSIA.

Depois da battalha de Lutzen, o exercito Russiano e Prussiano commandado pelo General Wittgenstein, successor de Kutusoff, se retirou, não obstante ficar senhor do campo da battalha para a margem direita do Elbo, em virtude de hum conselho guerra. Suas Magestades o imperador da Russia e o Rei de Prussia acompanhando os seos exercitos sahiraõ de Dresden no dia 7 ; tomando a rota de Berlin. Nenhuma acção consideravel teve lugar nesta retirada. Apenas o exercito alliado atravessou o Elbo, queimou se a ponte, e ficaraõ as communicaçoens interrompidas.

PRUSSIA.

Dantzic continua ainda no poder do inimigo. O rumor prematuro da sua queda confundio-se com a de Thorn. O espirito marcial dos Prussianos, torna apparecer com o mesmo ou maior lustre que nos tempos do Grande Frederico. Huma leva em massa dos habitantes de Berlin se tem organizado, a qual se estende a toda a classe de cidadaons desde a idade de 15 ate 60 annos. Esta medida que se não julga da primeira necessidade, indica o patriotismo dos Prussianos, e adhesão pelos seos reis. O prospecto agradável, que apre-

zentaõ as circumstancias militares da outra parte do Elbo, de nenhuma sorte he marchado pela junçaõ do Rei de Saxonia com Bonaparte; nem pela critica situaçaõ de Hamburgo. He com tudo para deplorar-se com amargura que o Tyranno ache ainda hum rei Allemaõ, que apezar da sua experiencia de longos annos, queira ainda servir de instrumento abjecto, e de victima aos projectos iniquos do insolente usurpador, e que o ajude no plano de escravizar os seos proprios vassallos, e seos irmaõs Germanicos!—A nõssa sympathia pelos patriotas de Hamburgo cresce a medida, que o seu perigo augmenta. Os Francezes, senhores de Luneburgo e Cuxhaven, tem feito varias tentativas para passar o Elbo; e apezar de terem sido repellidos algumas vezes, tem rechaçado os patrioticos combatentes daquella cidade; e tendo tomado humas ilhotas sobre o rio, que lhe ficaõ fronteiras, donde a podem bombardear, ameaçaõ infligir sobre os seos habitantes todos os horrores da vingança. Mas graças a nobre rezoluçaõ do Rei de Dinamarca, que declarou sustentar Hamburgo; e mandou 12 mil homens em seu soccorro. O sangue Dinamarquez tem ja corrido em defeza da humanidade. Debalde pretende Davoust, que dirige estas hostilidades, desconhecer as intençoens do Governo Dinamarquez mandando alguns prisioneiros Dinamarquezes ao Governador de Altona, e intimando-lhe que a França não esta em guerra com a Dinamarca.

SUECIA.

O Principe da Coroa, que por circumstancias invenciveis tem retardado a sua descida ao continente; ao ouvir o perigo de Hamburgo mandou partir immediatamente o corpo Sueco de 8 mil homens que se achava em Stralsund para as visinhanças daquella cidade. Elle chegou no dia 7 a Carlsrona, onde espera segundo dizem, a mais leve oportunidade para atravessar o Baltico.

FRANÇA.

As noticias de Pariz chegaõ ate ao dia 17 do corrente. Ellas referem a entrada do Imperador dos Francezes em Dresden no dia 12; a par do seu cordial amigo o Rei de Saxonia; no meio das mais vivas acclamaçoens do povo. A proclamaçaõ do Imperador a seos soldados, he cheia da costumada phraseologia que confunde a verdade com a mentira,

o insulto com a impudencia, a dezafoja em impropérios a encoberta raiva do dezaestre. Pela victoria alcançada nas planicies de Lutzen, a Imperatriz Rainha e Regente, em nome do Imperador, ordenou que se cantasse hum *Te Deum* em acção de Graças ao omnipotente, para tomar debaixo da sua divina guarda o precioso ser, cuja vida he tão necessaria a felicidade do imperio, a felicidade da Europa, ao lustre da religião, de que elle he o mais zeloso e fiel protector. Que revoltante e blasphema hypocresia! O barbaro sacrificador dos Francezes, o flagello irremissivel das naçoens he necessario para a felicidade geral e individual. O atheo o adultero he o zelozo apoio da moral que insulta, da religião que escarnece! Oh excesso de impudencia, e de ignominia! E taes vituperios estavaõ guardados para os nossos dias!

Algumas tropas Francezas passaraõ o Elbo. O corpo 4 avançou 15 milhas para Konigsbruck, o corpo 11 a mesma distancia pouco mais ou menos para Bischoffswerder. Ney e Lauriston entraraõ em Turgau. Victor marchou sobre Vittenberg, para onde se moveo tambem Sebastiani das visinhanças de Hamburgo.

PENINSULA.

Naõ temos que annunciar desta parte, grandes acontecimentos por ora; mas tudo indica que a proxima campanha apresentara resultados dignos do chefe immortal que a dirige; e decisivos, ao que nos parece, da sua sorte. Das gazetas de Cadiz transcrevemos os documentos relativos ao comportamento do Nuncio do Papa em Hespanha; em que se ve o esforço deste Prelado em se oppor as medidas que tomou a Regencia para proteger a Santa Igreja, abolindo a Inquisição; — e o decreto que esta lhe expedio reprovando a sua intempestiva ignorancia em taes cazos.

INGLATERRA.

A nullidade do Bill Catholico effeituada na Sessão Parlamentar de 24 do corrente continua por consequente a excluir os Catholicos Irlandezes dos bancos do Parlamento. Esta clauzula essencial á re-integração de seos privilegios como cidadãos, foi destruida pela differença só de 4 votos.

Quando lançamos os olhos desde Paris ate ao estreito de Hercules, e dela para as bordas do Thamiza, e vemos a religião de hum modo tam heterogeneo amalgamar-se com a

politica, não podemos conceber como a pureza de huma, e as direçoens da outra possaõ conservar-se.

Iliacos intra muros peccatur et extra.

Daqui partio quinta feira passada Monsieur o Conde D'Artois, o Duque D'Augouleme, os Condes de Escars, Effiene e Damas para o continente. S. A. R. o Duque de Cumberland os precedeo no mesmo destino.

O Governo recebeu finalmente os despachos do Lord Cathcart relativos a batalha de Lutzen; que não differem do que deixamos transcripto. A sua demora foi devida a virem por via de Gottenburgo.

DEVIDA NACIONAL.

Noticia da Reducção de Devida Nacional desde o 1 de Agosto de 1786 ate ao 1 de Maio de 1813.

Reducção pelos Fundos de Amortizaçãõ	£ 215,336,440
— Pela transmutaçãõ em direitos territoriaes	24,467,284
— Pela compra de annuidades vitalicias	2,076,263
Conta da Graõ Bretanha	241,879,987
— da Irlanda	11,081,779
— do Emprestimo Imperial	1,412,845
— do Emprestimo a Portugal	176,674
— do Emprestimo a Companhia da India	141,109
Total	£ 254,692,394

A soma que se tem de gastar no quartel seguinte
£4,074,156 1 9¼

RESPOSTA

Ao Pseudo-Braxiliense, e Pseudo-Patriota.

O redactor deste papel assentou de faltar quasi sempre a verdade, atrapalhar, confundir sempre as questoes, e intrigar sempre: querendo assemelhar-se a Bonaparte, mas em

ponto pequenissimo, porque mais não pode, quer chegar ao seu fim, não lhe importando os meios. A pag. 437 do seu *patriotico* papel começa logo por duas conhecidas falsidades, dizendo—“ *começarão* os redactores deste *antipatriotico* “ papel á embarçar-se com as nossas opinioens politicas.”— Não fomos nós os que *começamos*; foi elle: os leitores de hum e de outro Jornal o decidiraõ, se assentarem que vale a pena ter o incommodo de os ler para sentenciar esta *grande, e importantissima* questao.—Chama ao nosso Jornal *antipatriotico*; e porque? porque as nossas opinioens politicas são diametralmente oppostas ás suas: porque nos queremos sincera, e cordealmente o bem da nossa Nação, e a gloria de S. A. R., e elle quer decizivamente o contrario: os imparciaes que nos julguem.

He outra falsidade asseverar pag. 438 que nos estabeleceramos, que elle estava *doido*. Não gostamos de repetiçoens; mas, como elle assim o quer, he indispensavel transcrever aqui o que dissemos a pag. 165, e 166 do No. XXII. do nosso Jornal. Eis aqui as nossas palavras,—

“ Qualquer thema que dê (o redactor do *Pseudo-Braziliense*) as suas lucubraçoens para as variar, ou seja Godoyanos, ou Satrapas, Governo militar, ou Monopolios; Despotismo, ou liberdade de imprensa, &c. &c. &c. a travez do liquido dos seus raciocinios pode-se ler muito distinctamente no fundo do vazo—*General Miranda—Revolução Caraquenha*. De sorte que elle não tem senão huma idea dominante que he—a de substituir a anarquia á Monarquia.—Se pega n’hum livro, e lhe acha materia para fazer huma postilla sobre os assumptos sabidos, he o livro bom; senão deita-o á margem; e não vê que huma idea dominante se chega a excluir todas as outras, he huma *fixação* como dizem os Italianos; quer dizer, he o primeiro degráo para a doidice e o seu symptoma caracteristico, quando a molestia está bem arraigada, &c.”

Dizer que he o primeiro degráo para a doidice, não he dizer que está doido confirmado, a ponto de ser preciso nomear-lhe curadores; he dizer que tem ja boa dispozicao para isso: neste estado em que o consideramos (se com justiça ou sem ella decidiraõ os leitores de ambos os Jornaes) pode muyto bem escolher Medico. He pois forçozo que o Redactor do *Pseudo-Braziliense* confesse que ou faltou á verdade; ou não entendeo o que dissemos: escolha.

Engana-se ou falta a verdade o *patriotico, literatissimo, e sapientissimo* Redactor do *Pseudo-Braziliense*, dando por certa a interrupção dos nossos estudos medicos em Inglaterra com o trabalho que temos em estudar a lingua Ingleza para fazer traducçoens para o nosso Jornal; traducçoens que no

seu modo de sentir, raras vezes exprimem o que vem no original. A primeira coiza que nos lhe negamos he que elle possa ser juiz competente nesta cauza, porque nem possui os conhecimentos precisos da lingua Portugueza, nem sabe a lingua Ingleza quanto baste para apreciar com exactidaõ, se as passagens desta estaõ bem vertidas para aquella: todos os Nos. do seu Jornal saõ provas incontestaveis desta verdade; nem teremos grande trabalho em lho provar, se for preciso.

Nos conhecemos que traducçoens perfeitas saõ mui difficeis, e muito mais do que geralmente se nao pensa; e porque não temos o orgulho, e desmedida philaucia do Redactor do *Pseudo-Braziliense*, não nos envergonhamos de confessar, que não só estudamos ainda a lingua Ingleza, mas que tambem a continuaremos a estudar sempre, principalmente aquella de nos aquem se dirige em particular o miseravel, e desprezivel ataque daquelle redactor. Se o redactor do *Pseudo-Braziliense* ja a não estuda, dá a mais deciziva prova de que a não sabe, nem conhece a difficuldade que ha de bem a saber: por isso não nos admiramos de que muitas das suas traducçoens sejaõ decizivamente mas —

He possível, e ate admittimos a probabilidade de que não tenhamos exprimido exactamente o sentido do original n'alguma das nossas traducçoens; porque, alem de não sermos cegos pelos nossos filhos, como o he o redactor do *Pseudo-Braziliense*, conhecemos, com fica dito, que traducçoens perfeitas saõ mui raras, e difficeis; e a huma tal difficuldade accresce muitas vezes a pressa com que saõ feitas.

Mas para se provar que o redactor do P. B. se engana, ou falta á verdade no ataque particular que faz a *hum* de nos (como se nós ambos não fossemos igualmente responsaveis pelo que se acha em nosso Jornal), este *hum* lhe declara, que em todos os Nos. do nosso Jornal se achaõ dois unicos artigos traduzidos por elle do Inglez, a saber, hum sobre a revolução das Americas Hespanholas, tirado do No. XXXVII. do *Edinburgh Review*, e que se acha a pag. 195. do Vol. II. de nosso Jornal; e outro traduzido do mesmo excellent Periodico, que inserimos em o Vol. V. de nosso Jornal pag. 537, e que he a censura de Mr. Playfair aos Principios Mathematicos do nosso immortal Joze Anastacio da Cunha. Os leitores intelligentes, e imparciaes, que quizerem ter o trabalho de conferir a traducção destes dois interessantes artigos com os originaes, conheceraõ, nos o esperamos, a injustiça que o redactor do P. B. faz a *hum* de nos. Os outros artigos traduzidos, ou extrahidos de obras Inglezas tem sido extrahidos, ou vertidos por aquelle de nos que está prompto a mostrar ao redactor do P. B. por cada falta de exactidaõ nas traducçoens, ou extractos, que se achaõ em nosso Jornal, duas, e tres nas

do redactor do P. B. Esta disputa, e exame será mais util do que ataques reciprocos, que os homens verdadeiramente bons, e sabios reprovaõ, e com que os ignorantes exultaõ.

Não se confiar em nossa Sciencia medica, pode faze-lo : nosso offercimento foi condicional. Quanto a não crer em nossa probidade ; sabe o redactor do *Pseudo-Braziliense* o que isso he ? Nada he taõ natural como o perverso julgar os outros homens perversos : nisso vai coherentissimo o *patriotico, literatissimo, e sapientissimo* redactor do P. B. Dahi vem talvez que em todo o seu Jornal somente se encontraõ ataques contra pessoas do maior merecimento, da maior probidade, porque o redactor do P. B. ou as julga por si, ou dizejaria muito que fossem como elle, que pensassem como elle, que obrassem como elle. Felismente todas as que tem sido o alvo das suas diatribes, todas ellas são o contrario.

Offerecendo nos para assistir á conferencia medica que lhe aconselhamos, não transgrediamos a lei do paiz, lei que nos conhecemos tambem como o redactor do P. B. ella não prohibe dar hum conselho medico, e gratuito a hum *amigo* : e quando prohibisse isso mesmo, ignora o redactor do P. B. que ha cazos que podem mais do que a Lei ? Este seu he hum delles : a saude mental de hum individuo, que se propoem revolucionar o novo mundo, e parte do velho, he da mais alta importancia.

Tambem o redactor do P. B. se engana, ou falta á verdade, quando diz que somos escriptores de partido. O nosso Jornal he de todos os partidos, excepto daquelle, que for contrario ao Soberano, e á Nação ; o qual julgamos ser mui diminuto, ou nenhum. Nos estamos seguros de que o nosso Jornal tem constantemente merecido o conceito de imparcial aos leitores intelligentes e de boa fé : a boa opiniaõ destes a respeito do nosso Jornal, e de nossas intençoens, ambicionamos nós tanto, quanto desprezamos a do redactor do *Pseudo-Braziliense*, cujo Papel pela maior parte, só tem servido para vehiculo de calumnias, de accuzaçoens falsas de todo o genero, e de superficiaes discussçoens do que não entende. E como tem este redactor a impudencia de nos chamar escriptores de partido, quando elle o tem sido sempre, quando o está sendo hoje, e o será em quanto viver, porque só isso, e nada mais convem, aos seos fins ; porque so disse, e de nada mais he que elle vive ? Nada taõ natural como o perverso, e o venal, julgal venaes, e perversos os outros homens.

Engana-se, ou falta á verdade o redactor do *Pseudo-Braziliense*, quando diz, (pag. 442)—“ As opinioens que referimos não eraõ nessas, mas as do A. que *refutamos* : ” vemos se o refutou nas passagens, que traduzio.

“ Portugal deve a este paiz (Inglaterra) vastas sommas de dinheiro, e pode considerar-se feliz em pagar a divida

com a cessão da Soberania! Esta proposição he falsa, he muito impolitica, e muito indigna. Onde a refutou o a redactor do Pseudo-Braziliense?

“Os habitantes dos Açores, impacientes da tyrannia, estão somente esperando o signal, para lançar fóra o jugo.”

Esta proposição he horrorosa: ella ultraja os habitantes daquellas ilhas; accuza-os na prezença de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, que se não fosse tão justo, como he; se o seu governo fosse tyrannico, segundo o Author assevera, empregaria medidas rigorozas contra os innocentes habitantes das ilhas da Madeira, e Açores. Mas S. A. R. seguro na fidelidade de todos os seus vassallos olha com Soberano desprezo para obras deste cunho; e nunca as tomará como expressão do Governo Britanico, e da Nação Inglesa. Com tudo por infame que seja a proposição do A. onde a refutou o redactor do Pseudo Braziliense?

“Os Portuguezes do Continente, diz o A. tem tantas mas qualidades quantas estes seus descendentes tem boas. Aquelles são universalmente sem polidez, brutaes, e ignorantes, culpados da mais desprezível traição; crueis ao maior grao; não perdoando nem a seu irmao, se a sua morte lhe pode ser de alguma vantagem. Os seus corpos são magros, mal proporcionados, as feições irregulares, a cor baça. Olhao para o trabalho como baixo, e indigno de homem; obrigam as suas mulheres, e escravos a fazer todos os trabalhos necessarios á vida, &c. &c.”

Tem algum escriptor insultado tanto os Portuguezes como o A. de que se trata? Vio-se jamais em tão poucas linhas tanta impudencia, tanta ignorancia, tanta falsidade, e, tanto ultrage? E onde refutou o redactor do Pseudo Braziliense Proposições tão infames? Parece incrivel o despejo com que este redactor se atreve a faltar a verdade dizendo que *refutára* as opinioens do Author!

Este redactor com tudo he justo quando diz, que não ha obstaculo para que o mesmo Governo Portuguez faça as mudanças necessarias no que respeita huma boa administração, &c., sem com tudo ceder a sua Soberania, e sem que seja precisa ingerencia estrangeira. Mais de huma vez temos dito o mesmo, e mais ainda quando dissemos,—“que a nosso modo de ver, toda a reforma que vem de huma Potencia estrangeira he sempre hum mal, e jamais prezide a ella a boa fê, e o sincero, e puro dezejo da sua felicidade: motivos particulares, vistas de interesses, dezejo de governar, dirigem ordinariamente qualquer Potencia, que debaixo de pretextos especiozos quer reformar os abuzos de outra Nação.

Engana-se finalmente o redactor do Pseudo-Braziliense

ou falta á verdade, segundo seu inveterado costume, quando no ultimo § da sua miseravel invectiva contra nós, poem em nossa bôca resposta que nunca demos, que não tinhamos precizaõ de dar, porque ate hoje ninguem nos accuzou de inconsequencias, que só existem na cabeça do redactor do P. B. ; e resposta que he perfeitissimamente a mesma, que elle mais de huma vez tem dado aos que lhas têm feito advertir em seu papel ; quadra-lhe perfeitissimamente o resto do seu ultimo paragrapho : e para em tudo se enganar, ate se engana em dizer que *a vida não he o primeiro dos bens* ; como se fosse possivel gozar ou fazer hum unico bem sem vida ! Eis aqui hum bello assumpto em que o redactor do P. B. poderia dizer bellas coizas ; em que poderia desenvolver os seos vastos conhecimentos philosophicos ; e nos os nossos mais pequenos, e mui curtos em o refutar.

POSTSCRIPTUM.

Receberaõ-se gazetas de Paris ate 28 de Maio. Confirma-se a noticia de que o Imperador d'Austria propoz hum congresso geral das naçoens belligerantes em Praga, para se tratar de hum paz geral. Esta proposta sendo levada a Bonaparte pelo Conde de Bubna e recebida em Dresden no dia 16 de Maio, foi aceita ; e Bonaparte propoz que os exercitos combatentes concluíssem hum armisticio desde o momento em que este congresso se ajuntasse. O Conde de Stadion foi mandado pelo Imperador de Austria ao Quartel General do Imperador da Russia, e Rey de Prussia com a mesma proposta. Se nós podessemos persuadir-nos da sinceridade do Imperador de Austria, e se fosse possivel esperar alguma coiza boa da illimitada ambição de Bonaparte, (do que estamos mui longe), poderiamos agoirar hum bom exito de este congresso : mas receamos muito que elle não sirva senão para Bonaparte ganhar tempo de concluir o recrutamento, e organizaçãõ dos seos exercitos, de intrigar, e semear a desconfiança entre as Potencias alliadas, e de empregar a sua arma poderosa, e favorita,—a corrupçãõ. —Muito estimaremos que o tempo não confirme nossos receios.

O Principe de Suecia, Bernadotte, desembarcou em Stralsund na manhaã do dia 12 de Maio.

No dia 23 entraraõ em Hamburgo 8,000 Suecos, e o Principe da Coroa de Suecia era alli esperando a cada hora.

Os Francezes sahiraõ de Wilhelmsburg; e somente deixaraõ nas vezinhanças de Harburg 7,000 homens.

Por noticias de Hamburgo de dia 20 de Maio consta que a Austria apresentára 80,000 homens nas fronteiras de Italia, e 50,000 nas de Baviera: diz-se que tem outro exercito na Istria: he muita gente: e a irrezolução, de Francisco II. he mui conhecida para que acreditamos taõ dezejada noticia.

Da victoria annunciada no Moniteur de 25, naõ tem chegado ate hoje, 1. de Junho, os detalhes.

ERRATAS DO NO. ANTECEDENTE.

Pag. 443. elle mesmo tirou—lea-se tendo elle mesma.

INDICE GERAL DO VOL. VI.

No. XXI.

LITERATURA.

Viagens ao interior do Brazil por M. Mawe - 1

LITERATURA PORTUGUEZA.

Ode Pindarica no fausto dia dos annos da Senhora
D. Maria Primeira Rainha de Portugal - 27
A Origem das Ilhas dos Açores, Poema Lyrico - 34

SCIENCIAS.

Doutrina geral das molestias chronicas, por Ch. Luis
Dumas - - - - 37

CORRESPONDENCIA.

Memoria sobre o methodo de limpar, e conservar limpa
a Cidade de Lisboa - - - 46
Relaçãõ d'alguns acontecimentos notaveis da Campanha
de Massena em Portugal, escrita por hum official, que
acompanhou o mesmo exercito - - 57

INDEX.

POLITICA.

Russia	-	-	-	75
Suecia	-	-	-	80
França	-	-	-	99
Hespanha	-	-	-	110
Portugal	-	-	-	114
Inglaterra	-	-	-	123

No. XXII.

LITERATURA.

Viagens ao interior do Brazil, por M. Mawe	-	142
Historia das Ilhas dos Açores	-	164

LITERATURA PORTUGUEZA.

Compoziçoens Poeticas publicadas em Lisboa por occasião da vinda do Lord Wellington áquella capital em Janeiro de 1813	-	181
--	---	-----

SCIENCIAS.

Ensaio sobre as enfermidades, e lezoens organicas do coração e dos grossos vasos; por Corvizart	-	194
---	---	-----

CORRESPONDENCIA.

Carta do Senhor Bernardino Antonio Gomes	207
Relação d'alguns acontecimentos notaveis da Campa-	